



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE E COMUNIDADE



KÁREN MARIA RODRIGUES DA COSTA

**VITIMIZAÇÃO POR *BULLYING* EM ADOLESCENTES DE ESCOLAS PÚBLICAS
DE UMA CIDADE DO INTERIOR DO NORDESTE**

TERESINA
2020

KÁREN MARIA RODRIGUES DA COSTA

**VITIMIZAÇÃO POR *BULLYING* EM ADOLESCENTES DE ESCOLAS PÚBLICAS
DE UMA CIDADE DO INTERIOR DO NORDESTE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde e Comunidade da Universidade Federal do Piauí, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Saúde e Comunidade.

Orientador: Prof. Dr. Cássio Eduardo Soares Miranda.

Área de Concentração: Saúde Pública.

Linha de Pesquisa: Saúde na Escola.

TERESINA

2020

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências da Saúde
Serviço de Processamento Técnico

C837v Costa, Karen Maria Rodrigues da.
Vitimização por *bullying* em adolescentes de escolas
públicas de uma cidade do interior do nordeste / Karen
Maria Rodrigues da Costa. – 2020.
137 f.: il.

Dissertação (Mestrado em Saúde e Comunidade) –
Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2020.
"Orientador: Prof. Dr. Cássio Eduardo Soares Miranda".

1. Adolescentes. 2. Escolares. 3. Vitimização. 4.
Bullying. I. Título.

CDD 303.62

Elaborada por: Vanessa Andrade de Carvalho CRB 3/1018

KÁREN MARIA RODRIGUES DA COSTA

**VITIMIZAÇÃO POR *BULLYING* EM ADOLESCENTES DE ESCOLAS PÚBLICAS
DE UMA CIDADE DO INTERIOR DO NORDESTE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde e Comunidade da Universidade Federal do Piauí, como requisito parcial a obtenção do título de Mestre em Saúde e Comunidade.

BANCA EXAMINADORA

Presidente/Orientador: Prof. Dr. Cássio Eduardo Soares Miranda
Universidade Federal do Piauí (UFPI)

1º Examinador: Prof. Dr. Francisco Waldílio da Silva Sousa
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

2º Examinador: Prof. Dr. Márcio Dênis Medeiros Mascarenhas
Universidade Federal do Piauí (UFPI)

Examinador suplente: Prof. Dr. Valdinar da Silva Oliveira Filho
Universidade Estadual do Piauí (UESPI)

Teresina, 24 de Junho de 2020.

Dedico este trabalho à minha família: Antonio Rodrigues de Sousa (pai), Maria do Socorro da Costa Sousa (mãe) e Luciana Mayra Rodrigues da Costa (irmã) pelo amor, carinho, compreensão e incentivo incondicional. Sem eles nada seria possível. Ao Eduardo da Costa Monção, pelo companheirismo e por sempre acreditar no meu potencial durante todo o percurso deste árduo caminho.

AGRADECIMENTOS

A vida é feita de pequenas e grandes escolhas, escolhas essas, que muitas vezes podem transformar nossas vidas profundamente. Iniciarei este agradecimento comentando sobre minha trajetória como mestranda, apesar da impessoalidade da dissertação, há de ser comentado sobre esse árduo processo. A etapa que precedeu a matrícula no mestrado em Saúde e Comunidade foi conflituosa, tendo em vista dois aspectos ou melhor, duas decisões que precisaria tomar no ano de 2018.

A primeira decisão diz respeito a escolha entre o Programa de Pós-Graduação em Ciências e Saúde e o Programa de Pós-Graduação em Saúde e Comunidade (PPGSC) (ambos houveram dedicação e empenho para conquistar uma vaga): o primeiro programa com a certeza de uma bolsa, já o segundo com uma possibilidade de seleção para a bolsa, optei pela saúde coletiva mesmo com a dúvida sobre minha vida financeira. A segunda decisão foi optar entre o PPGSC e tomar posse em um concurso público para Psicóloga no município de Piracuruca-PI, o que requeria desistir do mestrado. Enfim, duas decisões cruciais para meu futuro e por acreditar que o Mestrado em Saúde e Comunidade abriria muitas portas para meu crescimento profissional, optei por estar aqui contando esses fatos. Portanto, a semente que escolhi com sabedoria, embora com muitas lutas, entaves, desafios, medos, inseguranças, crises de ansiedades tenham sido vivenciadas, foi fecundada com o sucesso de estar aqui agora. E a única certeza que tenho, foi o quão forte sou.

Embora não seja possível detalhar todo o processo de construção desse projeto, que é esta dissertação, quero expressar minha profunda gratidão a todas as pessoas que conviveram e convivem comigo, pessoas essas, que sabem o quanto é um desafio esse momento, principalmente quando se percebe que esta é a última etapa de um ciclo que se encerra para se iniciar outro, agora como futura Mestre.

Assim, inicialmente, quero registrar meu eterno agradecimento ao meu amado Deus por ter me proporcionado sabedoria, tolerância, resiliência, capacidade de encarar os obstáculos que surgiram e principalmente por ter cuidado de minha saúde mental, permitindo que eu não estivesse sozinha neste momento que é prazeroso, mas ao mesmo tempo difícil e cheio de desafios. Ele pôs em meu

caminho pessoas muito especiais que foram imprescindíveis para mim, durante todo esse processo.

A minha amada mãe, Maria do Socorro da Costa Sousa, quem mais investiu em mim, na minha educação, na construção do meu caráter. Por sempre se doar incondicionalmente e acreditar nas minhas escolhas, seja no âmbito profissional, seja pessoal. Além disso, é um exemplo de responsabilidade, coragem, bondade e amor elementos essenciais na construção da pessoa que sou hoje. Ao meu pai, Antonio Rodrigues de Sousa, por sempre me incentivar a dar o melhor de mim, e nos momentos de angústia foi meu amparo e conforto que me sustentaram até chegar aqui neste momento.

A minha irmã e comadre, Luciana Mayra Rodrigues da Costa, pelo exemplo de lealdade, força e por sempre acreditar no meu potencial, mesmo que em muitas ocasiões eu mesma não acreditasse. Ao meu querido amor, Eduardo da Costa Monção, pelo seu incentivo, palavras de conforto, motivação, apoio, amor e por me amparar nos instantes de angústias, ansiedades, inseguranças, medos que vivenciei nesse processo.

Aos meus familiares e ao meu cunhado João Paulo pelo carinho e atenção. A minha madrinha Vera pelo estímulo e alegria diante de minhas conquistas. Aos meus amigos de infância e amigas do CPI por toda confiança e amizade.

As minhas queridas amigas Bruna Nascimento e Hysla Magalhães, pelo enorme carinho, suporte, apoio, fortaleza e ajuda em todos os momentos. Aos amigos que conquistei durante a graduação Laurentino Filho e Mayara Carneiro pela aprendizagem que somamos e a certeza da amizade por toda a vida. As amigas da Residência Multiprofissional em Saúde da Família, Rebeca Barbosa e Maísa Ravenna, grata pelo apoio, carinho, companheirismo e publicações.

A minha querida professora e orientadora da Graduação, Dra. Estefânea Élide da Silva Gusmão, pelo incentivo em todos os momentos, por seu exemplo de profissional, em quem tento me espelhar a cada dia.

Ao professor, Dr. Cássio Eduardo Soares Miranda, meu orientador, a quem tenho grande admiração profissional. Agradeço por todos os ensinamentos acadêmicos que pude compartilhar, por toda a experiência e sabedoria transmitidas. Agradeço ainda aos integrantes do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas em Psicanálise, Educação e Contemporaneidade – NIPSEC pelos aprendizados e momentos compartilhados. À Dra. Ana Karla Silva Soares pela gentileza em ter me

disponibilizado a Escala Califórnia de Vitimização do *Bullying*. A todos os meus colegas que conquistei durante esses dois anos de mestrado, pelas aflições, preocupações que dividimos, principalmente pelas alegrias que desfrutamos.

Ao professor Dr. Márcio Dênis Medeiros Mascarenhas, meu examinador interno, agradeço pelas contribuições e cuidadosa leitura, pontuando aspectos que poderiam ser melhorados. A meu examinador externo, o professor Dr. Francisco Waldílio da Silva Sousa, por aceitar o convite e participar da minha banca, colaborando conosco neste estudo, tornando-o mais enriquecido e bem elaborado. Ao professor, Dr. Valdinar da Silva Oliveira Filho, suplente desta banca, por gentilmente aceitar compor minha banca de defesa, além disso, eu agradeço pelo aprendizado durante os encontros do NIPSEC. Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Saúde e Comunidade que contribuíram para meu crescimento tanto pessoal, como profissional. A Chaguinha por prontamente me auxiliar em questões relacionadas ao Mestrado. Agradeço a Secretária de Educação do município de José de Freitas, a senhora Maria do Amparo Holanda da Silva e a Superintendente Estadual de Ensino, a senhora Maria do Livramento Carvalho por terem concordado com a realização da pesquisa nas escolas. Aos diretores, professores das escolas participantes, por aceitarem a realização da pesquisa em suas instituições, bem como pelo auxílio nas fases de coleta de dados. Agradeço aos 196 adolescentes escolares deste estudo que concordaram em participar, ofertando-me minutos de seu tempo para responder a escala, em especial, aos 09 adolescentes escolares que participaram da segunda etapa da pesquisa, respondendo a entrevista.

A todos vocês, minha eterna gratidão.

Não é fácil dizer quem são os mais travessos da classe, mas garanto que Davi e Raquel estão entre eles. Costumam fazer brincadeiras que nem sempre são divertidas. Eles sabem brincar muito bem, mas, se as brincadeiras são grosserias, só eles dois riem. Uma brincadeira é engraçada quando todos gostam; se não for assim, é melhor não fazer.

Candell e Curto (2009, p. 21)

RESUMO

Introdução: A violência é um problema mundial de saúde pública, com sérias consequências individuais e sociais. Em contexto escolar, pode-se citar o *bullying* como um tipo de violência que ocasiona impactos negativos à vida dos envolvidos, como: evasão, depressão, suicídio. Diversas pesquisas tem explorado a vitimização por *bullying*, no entanto, existe uma escassez de estudos brasileiros que buscam compreender o *bullying* por meio da triangulação de métodos. **Objetivo:** Analisar a vitimização por *bullying* em adolescentes no contexto escolar. **Métodos:** Estudo de abordagem quantitativa e qualitativa, baseado na triangulação metodológica sequencial, com delineamento transversal. Na abordagem quantitativa contou-se com uma amostra de conveniência de 196 adolescentes escolares do ensino fundamental e médio de José de Freitas-PI, que responderam a Escala Califórnia de Vitimização do *Bullying* (ECVB) e questões sociodemográficas. Na abordagem qualitativa participaram nove adolescentes escolares que pontuaram mais alto na ECVB, estes responderam entrevista semiestruturada com perguntas sobre a compreensão e experiências em relação ao *bullying*. Os dados quantitativos foram analisados por meio do *software IBM Statistical Package for the Social Sciences* versão 20.0, que permitiu calcular estatísticas descritivas, teste U de Mann-Whitney, correlação de Spearman e ANOVA unifatorial. Os dados qualitativos foram interpretados com base na análise de conteúdo de Bardin. **Resultados:** Os estudantes apresentaram idade média de 12,5 anos (DP=2,08; amplitude de 10 a 18), predominantemente do sexo feminino (65,3%), autodeclarados pardos (58,7%) e que pertencem à classe média (70,9%). A maioria (62,6%) declarou sentir-se bem no ambiente escolar, possuir conhecimento sobre o *bullying* (90,8%) e (55,1%) já passaram por situações de vitimização por *bullying*. Os dados revelaram que a vitimização por *bullying* não difere ($U = 3842, p = 0,20$) entre participantes do sexo masculino ($M = 0,78$) e feminino ($M = 0,89$); não existiu relação entre idade e vitimização por *bullying* ($r_s = -0,05, p = 0,26$); a raça não apresentou qualquer influência na vitimização por *bullying* [$F(4,191) = 2,13, p = 0,07$]. Os dados qualitativos mostraram que o *bullying* verbal, foi a experiência de vitimização mais apontada pelos escolares. As vítimas tendem a enxergar os agressores como alguém tipicamente popular e com comportamentos bastante negativo na escola. Os impactos relatados pelas vítimas foram: vergonha, isolamento, chateação, tristeza e problemas psicológicos. Os pais desconhecem que seus filhos podem ser vítimas de *bullying*. As principais formas de enfrentamento ao *bullying* incluíram busca por suporte social, retraimento, resignação e negação. As escolas que trabalham a temática do *bullying* de forma contínua apresentam melhores resultados no enfrentamento deste fenômeno. **Conclusões:** Neste cenário, verificou-se alta prevalência de vitimização por *bullying* na amostra pesquisada, não diferindo entre sexos, nem idade. Os dados revelados nesse estudo, poderá ser útil para gestores, profissionais da educação, saúde e assistência social, uma vez que fornece informações que possam subsidiar ferramentas eficazes de enfrentamento ao *bullying* no contexto escolar. Atesta-se a necessidade de novos estudos enfocando como os fatores escolares estão relacionados com a prevalência de vitimização por *bullying*.

Palavras-chave: Adolescentes. Escolares. Vitimização. *Bullying*.

ABSTRACT

Introduction: Violence is a worldwide public health problem, with serious individual and social consequences. In the school context, bullying can be cited as a type of violence, which causes negative impacts on the lives of those involved, such as: evasion, depression, suicide. Several studies have explored victimization by bullying, however, there is a lack of Brazilian studies aiming to understand bullying through the triangulation of methods. **Objective:** To analyze peer violence in the school context in relation to victimization behaviors by bullying in adolescents. **Methods:** Study of a quantitative and qualitative approach, based on sequential methodological triangulation, with a cross-sectional design. The quantitative approach counted on a convenience sample of 196 elementary and high school adolescent students from José de Freitas-PI, who answered to the California Bullying Victimization Scale (ECBV) and sociodemographic questions. In the qualitative approach participated nine school teenagers who scored higher on the ECBV, they answered a semi-structured interview with questions about comprehension and experiences in relation to bullying. Quantitative data were analyzed using the IBM Statistical Package for the Social Sciences software version 20.0, which allowed to calculate the descriptive statistics, Mann-Whitney U test, Spearman correlation and single-factor ANOVA. Is qualitative data were interpreted based on Bardin's content analysis. **Results:** The students had an average age of 12.5 years (SD = 2.08; range from 10 to 18), predominantly female (65.3%), self-declared browns (58.7%) and belonging to the middle class (70.9%). The majority (62.6%) reported feeling good in the school environment, having knowledge about bullying (90.8%) and (55.1%) have already experienced situations of victimization by bullying. The data revealed that victimization by bullying does not differ ($U = 3842, p = 0.20$) between male ($M = 0.78$) and female ($M = 0.89$) participants; there is no relationship between age and victimization by bullying ($r_s = -0.05, p = 0.26$); the race has no influence on it as well [$F(4,191) = 2.13, p = 0.07$]. Qualitative data showed that verbal bullying was the victimization experience most pointed out by students. Victims tend to see aggressors as someone typically popular and with very negative behaviors at school. The impacts reported by the victims are: shame, isolation, annoyance, sadness and psychological problems. Parents are unaware their children are victims of bullying. The main forms of coping with bullying included, seeking social support, diffidence, resignation and denial. Schools that work on the theme of bullying continuously show better results in facing this phenomenon. **Conclusions:** In this scenario, there was a high prevalence of victimization by bullying in the surveyed sample, with no difference between sexes or age. The data revealed in this study, may be useful for managers, professionals in education, health and social assistance, since it provides information that can support effective tools to deal with bullying in the school context. There is a need for further studies focusing on how school factors are related to the prevalence of bullying.

Keywords: Adolescents. School. Victimization. Bullying.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1** - Escolas que estão participando do estudo. José de Freitas, Piauí, 2020..... 89
- Quadro 1** - Distribuição dos escolares do ensino fundamental e médio de escolas públicas da rede municipal e estadual participantes da pesquisa. José de Freitas, Piauí, 2020..... 32
- Quadro 2** - Caracterização dos adolescentes escolares participantes da etapa qualitativa. José de Freitas, Piauí, 2020..... 45
- Quadro 3** - Comparação entre a vitimização por *bullying* a partir da ECVB e das entrevistas semiestruturadas. José de Freitas, Piauí, 2020..... 57

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Adolescentes escolares participantes da etapa qualitativa. José de Freitas, Piauí, 2020.....	32
Tabela 2 - Caracterização dos adolescentes escolares participantes da pesquisa. José de Freitas, Piauí, 2020.....	39
Tabela 3 - Caracterização dos adolescentes em relação à escola e ao <i>bullying</i> . José de Freitas, Piauí, 2020.....	40
Tabela 4 - Média de vitimização por <i>bullying</i> por sexo e raça. José de Freitas, Piauí, 2020.....	40
Tabela 5 - Média de ocorrência de cada tipo de <i>bullying</i> . José de Freitas, Piauí, 2020.....	41
Tabela 6 - Frequência de vitimização por <i>bullying</i> por sexo. José de Freitas, Piauí, 2020.....	42

LISTA DE SIGLAS

AEE	Atendimento Educacional Especializado
CID-10	Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
ECVB	Escala Califórnia de Vitimização do <i>Bullying</i>
EJA	Educação de Jovens e Adultos
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
FMUSP	Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo
GRE	Gerência Regional de Educação
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDHM	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
NIPSEC	Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas em Psicanálise, Educação e Contemporaneidade
OMS	Organização Mundial de Saúde
PeNSE	Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar
PIB	Produto Interno Bruto
PPGSC	Programa de Pós-Graduação em Saúde e Comunidade
SEDUC	Secretaria de Estado da Educação
SEMED	Secretaria Municipal de Educação
SPSS	Statistical Package for the Social Sciences
SP-PROSO	Projeto São Paulo para o Desenvolvimento Social de Crianças e Adolescentes
TALE	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFPI	Universidade Federal do Piauí
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância
WHO	World Health Organization

LISTA DE ABREVIATURAS

Art.	Artigo
Ltda	Limitada
Supl.	Suplemento

LISTA DE SÍMBOLOS

%	Porcentagem
N	Número de participantes
DP	Desvio Padrão
=	Igual
M	Média
p	Nível de significância
<	Menor
t	Teste t
U	Teste U de Mann-Whitney
r_s	Rô de Spearman
F	Frequência

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 OBJETIVOS	20
2.1 Geral	20
2.2 Específicos	20
3 REVISÃO DE LITERATURA	21
3.1 <i>Bullying</i> : definições e magnitude	21
3.2 Tipos de <i>bullying</i>	23
3.3 Formas de envolvimento no <i>bullying</i>	24
3.4 Impactos do <i>Bullying</i>	25
4 MÉTODOS	29
4.1 Delineamento	29
4.2 Hipóteses	29
4.3 Cenário e população do estudo	30
4.4 Desenho amostral	31
4.5 Procedimentos e instrumentos da pesquisa	33
4.6 Aspectos éticos e legais	35
4.7 Critérios de inclusão e exclusão	36
4.8 Organização e análise dos dados	37
5 RESULTADOS	38
5.1 Abordagem Quantitativa	38
5.1.1 Verificação das hipóteses	42
5.2 Abordagem Qualitativa	44
5.2.1 Caracterização dos escolares entrevistados	44
5.2.2 Experiência de vitimização por <i>bullying</i>	46
5.2.2.1 Tipos de <i>bullying</i>	46

5.2.2.2 Agressor	47
5.2.2.3 Emoções após o <i>bullying</i>	48
5.2.2.4 Impactos do <i>bullying</i>	49
5.2.3 Estratégias de enfrentamento	50
5.2.3.1 Suporte Social, retraimento e negação	50
5.2.3.2 Passividade	51
5.2.3.3 Escola	52
5.2.4 Potenciais reações a vítimas de <i>bullying</i> e agressores	53
5.2.4.1 Vítima	53
5.2.4.2 Agressor	54
5.3 Paralelo entre os dados quantitativos e qualitativos	55
6 DISCUSSÃO	60
6.1 Prevalência do <i>bullying</i>	60
6.2 <i>Bullying</i> verbal	61
6.3 Vitimização por <i>bullying</i> segundo sexo, idade, cor/raça	62
6.4 Concepções sobre o Agressor	63
6.5 <i>Bullying</i> não é sinônimo de brincadeira	64
6.6 Impactos do <i>bullying</i>	65
6.7 Estratégias de enfrentamento ao <i>bullying</i>	67
7 CONCLUSÃO	71
REFERÊNCIAS	73
APÊNDICES	88
APÊNDICE A- Figura 1- Escolas que estão participando do estudo	89
APÊNDICE B - Informações Sociodemográficas	90
APÊNDICE C - Roteiro de Entrevista Semiestruturada	91
APÊNDICE D - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para os Pais/responsáveis	92

APÊNDICE E - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido	94
APÊNDICE F- Íntegra das Entrevistas Semiestruturadas	96
APÊNDICE G- Manuscrito submetido a Revista Cadernos de Saúde Pública	111
ANEXOS	128
ANEXO A - Escala Califórnia de Vitimização do <i>Bullying</i>	129
ANEXO B - Autorização Institucional-SEDUC	131
ANEXO C - Autorização Institucional-SEMEC	132
ANEXO D - Parecer Comitê de Ética	133

1 INTRODUÇÃO

A violência é considerada um grande problema de saúde pública com sérias consequências individuais e sociais (BÄRNIGHAUSEN et al., 2017; KRUG et al., 2002; WOLF et al., 2014). No que se trata propriamente do contexto escolar, a violência contribui para tirar da escola a sua condição de lugar de amizade, de prazer, da busca de conhecer e de aprender (ABRAMOVAY, 2015). Apesar das diferentes formas de expressão que a violência pode assumir, a presente dissertação se focará em sua manifestação a partir do *bullying*.

Diferentes pesquisas têm apontado que o *bullying* acarreta vários impactos negativos, a curto e a longo prazo, tanto à vida das vítimas como dos perpetradores, a exemplo da depressão, ansiedade, evasão escolar (SCHOELER et al., 2018; WOLKE; LEREYA, 2015). O mesmo configura-se, portanto, como um problema de saúde pública, que é concebido como sendo complexo, multidimensional e relacional entre pares (ARAÚJO et al., 2012; HIDALGO-RASMUSSEN et al., 2015). Em vista disso, cada vez mais se pode verificar no âmbito social, educacional e de saúde estudos direcionados para entender esta modalidade de comportamento.

A presente proposta de pesquisa surgiu a partir de reflexões e observações sobre como a violência, particularmente, os comportamentos de *bullying* no ambiente escolar, estão inseridos na sociedade, e como tais comportamentos provocam impactos negativos na vida de quem sofre (vítimas), como também, dos perpetradores e testemunhas do *bullying*.

Tal interesse em pesquisar o *bullying* justifica-se pela sua alta prevalência e pelas consequências que esse fenômeno suscita à saúde física, emocional, social das pessoas que sofrem com esse tipo de violência, além disso, surgiu da vivência da pesquisadora enquanto psicóloga em atendimentos com crianças/adolescentes vítimas de *bullying* em uma clínica de Reabilitação e Fisioterapia, localizada na cidade de José de Freitas (PI), o que possibilitou verificar os efeitos negativos de práticas como essas na vida emocional, social e escolar das crianças/adolescentes atendidas.

Além disso, o decorrente estudo justifica-se pela forma como os comportamentos de *bullying* estão inseridos na sociedade, tornando-se algo naturalizado e provocando problemas psicológicos nas vítimas (SILVA, 2010). Para

além, a literatura tem indicado outros desdobramentos deste comportamento violento, a saber: desorganização no processo de ensino-aprendizagem, comprometimento das relações entre as pessoas e adoecimento da comunidade escolar (MELO, 2010).

Em vista disso, o foco de atenção desta dissertação é a vitimização por *bullying* em adolescentes escolares na cidade de José de Freitas (PI). Elegeu-se o município de José de Freitas para a realização da pesquisa devido ao fato que nesse local, não existir pesquisas científicas sobre a temática, como também, da atuação da pesquisadora no município de José de Freitas como Psicóloga Escolar. Ademais, verifica-se que uma grande parcela dos estudos sobre *bullying* ocorrem em capitais brasileiras, o que impossibilita a compreensão das singularidades de outros adolescentes escolares que sofrem com esse tipo de agressão em regiões menos populosas.

Espera-se com esta pesquisa, possibilitar um entendimento melhor sobre tal fenômeno, principalmente a nível local, para que assim, haja a possibilidade de construir ferramentas de prevenção e enfrentamento ao *bullying* compatível com a região. Portanto, a questão de pesquisa que se coloca nesta dissertação é: “Como acontece a vitimização por *bullying* em adolescentes escolares na cidade de José de Freitas (PI)?”

No que se refere as hipóteses desse estudo, acredita-se que não há diferença de sexo enquanto papel de vítima no comportamento do *bullying*, adolescentes mais jovens estão mais sujeitos a vitimização por *bullying*, da mesma maneira que, adolescentes que se autodeclaram da cor ou raça preta/parda estão mais propensos a serem vítimas dessas agressões.

Quanto à estruturação desta dissertação, a mesma está dividida em duas partes: uma teórica e outra empírica, contabilizando um total de cinco capítulos. O primeiro capítulo se destina a contextualizar o objeto de estudo, abordando a definição do fenômeno em estudo, os tipos de *bullying*, as formas de envolvimento do *bullying*, os impactos do *bullying*, tanto no contexto da saúde, educacional, social como econômico e por fim aborda dados sobre a prevalência do *bullying*. Neste capítulo também são expostos os objetivos deste estudo.

No segundo capítulo é apresentada os métodos do estudo, onde serão explanadas as hipóteses formuladas, o detalhamento da amostra e participantes, os instrumentos utilizados, procedimentos e as análises realizadas. Optou-se pela

triangulação metodológica, levando em consideração, que existe uma escassez de estudos brasileiros que buscam entender o *bullying* por meio de uma abordagem quanti-qualitativa, desse modo, tendo em vista esta limitação da literatura atual, este estudo buscou minimizar a lacuna existente. De fato, verifica-se que mais da metade das pesquisas são de cunho quantitativo, através de estudos transversais e aplicação de questionários, visando estabelecer a ocorrência do *bullying* e seus fatores associados (PIGOZI; MACHADO, 2015).

No terceiro capítulo serão apresentados os resultados do estudo para conseguir alcançar os objetivos aqui propostos, esses são descritos em tabelas, quadros e apresentação das falas dos participantes. O quarto capítulo refere-se a discussão dos resultados sob o prisma da literatura acerca da temática. Por fim, no quinto capítulo são apresentadas as considerações finais, evidenciando os principais achados desta dissertação, as limitações do estudo, além de sugerir investigações futuras.

2 OBJETIVOS

2.1 Geral

Analisar a vitimização por *bullying* em adolescentes no contexto escolar.

2.2 Específicos

- Descrever sociodemograficamente os participantes da pesquisa;
- Identificar a prevalência de comportamentos de *bullying* sofridos por adolescentes escolares;
- Caracterizar os comportamentos de *bullying* na população em estudo;
- Abordar quais as ações desenvolvidas pela escola para lidar com o *bullying* sob a perspectiva da vítima dessas agressões.

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 *Bullying*: definições e magnitude

A adolescência é uma fase de transição entre a infância e a vida adulta, caracteriza-se pelos impulsos do desenvolvimento físico, mental, emocional, sexual e social e pelos esforços do indivíduo em alcançar os objetivos relacionados às expectativas culturais da sociedade em que vive (EISENSTEIN, 2005). Em termos cronológicos, a Organização Mundial de Saúde (OMS), delimita a idade de dez a dezenove anos para a adolescência (FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA-UNICEF, 2011). Mas no contexto brasileiro, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em seu Art. 2º, define adolescente aquele com idade entre doze a dezoito anos (BRASIL, 2016). Para Costa (2012), a adolescência é caracterizada por variadas modificações, tanto física como mental e social, com consequente alcance de características e competências que o habilita para assumir os deveres do adulto e se incluir na sociedade.

É nessa fase também, que o jovem começa a desenvolver um pensamento mais elaborado, questionando-se sobre si próprio e sobre o que o rodeia. Somando-se a isso, Heidemann (2006), descreve esse período como um momento de vulnerabilidade física, psicológica e social. Levando em conta as fragilidades próprias da fase, ocorre com frequência comportamentos relacionados à violência no contexto escolar, a exemplo o *bullying*.

O fenômeno do *bullying* é caracterizado por ser um problema nas relações entre pares, sendo representado por um desequilíbrio de poder entre as partes, pela intencionalidade dos atos e pela repetitividade das atitudes agressivas (OLWEUS, 2013). A propósito, o *bullying* é definido como a intenção deliberada de prejudicar outra pessoa com a repetição do comportamento ao longo de um período de tempo e na presença de um relacionamento assimétrico entre agressor e vítima (SAIRANEN; PFEFFER, 2011). Embora a palavra *bullying* seja de origem inglesa, essa tem sido usada na língua portuguesa em discussões sobre esse fenômeno, tendo em vista que ainda não existe uma tradução consensual que englobe todos os atributos definidores desse comportamento (CHAVES; SOUSA, 2018).

Em contexto nacional, o *bullying* é utilizado como sinônimo de intimidação sistemática, visto que se refere a todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo

ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas (BRASIL, 2015).

No âmbito legislativo brasileiro, três leis foram implantadas para dar uma maior visibilidade para esse fenômeno, principalmente no que se refere, a discutir políticas públicas, estratégias, mecanismos sobre a prevenção ao *bullying* e os impactos decorrentes desse tipo de agressão. A lei Nº 13.185, de 06 de novembro de 2015, instituiu o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*bullying*) (BRASIL, 2015). A lei Nº 13.277, de 29 de abril de 2016, que instituiu o dia 07 de abril como o dia Nacional de combate ao *bullying* e à violência na escola (BRASIL, 2016). Mais recentemente, a Lei Nº 13.663, de 14 de maio de 2018, que altera o art. 12 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir a promoção de medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência e a promoção da cultura de paz estão entre as incumbências dos estabelecimentos de ensino (BRASIL, 2018).

Nota-se, que instrumentos normativos como os citados anteriormente, possuem como finalidade contribuir para que as vítimas de *bullying*, testemunhas e pais, permitam requerer do poder público e das escolas o cumprimento das ações inseridas nesses documentos e, assim, possibilitar um ambiente saudável para os escolares. No entanto, cabe questionar e refletir se essas legislações sobre a prevenção ao *bullying* nas escolas do Brasil apresentam de fato eficiência, pois, observa-se que poucas são as instituições escolares que adotam medidas concretas no combate a esse tipo de agressão.

No que se refere a magnitude desse fenômeno, pesquisadores em todo o mundo investigam as taxas de prevalência de *bullying* escolar e vitimização, tanto para entender os tipos de comportamentos de *bullying*, quanto para fornecer informações básicas para o estabelecimento de políticas *anti-bullying* (CHEN; CHENG, 2013). Em uma pesquisa realizada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), atestou que quase um em cada três estudantes (32%) foi intimidado por seus pares na escola pelo menos uma vez no último mês (UNESCO, 2019).

Além do mais, afirma que existem diferenças significativas na prevalência e frequência de *bullying* entre regiões. A proporção dos alunos que relatam intimidação é maior na África Subsaariana (48,2%), norte da África (42,7%) e

Oriente Médio (41,1%) e menor na Europa (25%), o Caribe (25%) e América Central (22,8%), na América do Sul este percentual foi de (30,2%) (UNESCO, 2019).

Em alguns países como Estados Unidos (40% a 71%), Índia (60%) e Coréia (40%) foi relatada uma alta prevalência de *bullying*, na Holanda (33%) observou-se uma prevalência moderada, enquanto que no Brasil (8,5%) e Taiwan (11%) foram verificadas prevalências menores (RAMOS-JIMÉNEZ et al., 2017).

No contexto brasileiro, pesquisas sobre a saúde do escolar realizadas no ano de 2009, 2012 e 2015, revelaram que: (5,4%) de escolares afirmaram ter sofrido *bullying* na maior parte das vezes ou sempre. Dentre as capitais brasileiras, o Distrito Federal com (35,6%) seguido por Belo Horizonte com (35,3%) e Curitiba com (35,2%) apresentaram as maiores taxas de vitimização (BRASIL, 2009).

Segundo a PeNSE, houve um aumento do percentual de vitimização por *bullying* comparado ao ano de 2009, em que (7,2%) dos escolares afirmaram que sempre ou quase sempre se sentiram humilhados por provocações por seus colegas. Os percentuais foram maiores entre os estudantes do sexo masculino (7,9%) (BRASIL, 2013). No que se refere a PeNSE do ano de 2015, (7,4%) dos escolares responderam sofrer *bullying*. A Região Sudeste apresentou o maior percentual (8,3%) de vitimização (BRASIL, 2016).

A respeito da prevalência do *bullying* no estado do Piauí, em um estudo transversal realizado com 380 adolescentes do 6º ao 9º ano do ensino fundamental da rede pública de Teresina, verificou alta prevalência de vitimização por *bullying* (15,8%), com predominância de vitimização por *bullying* verbal (14,7%) e ocorrência das situações de *bullying* na sala de aula (9,5%). Prevaleram vítimas do sexo feminino (16,1%), faixa etária de 10 a 14 anos (16,3%), cor de pele preta (22,9%) (CARVALHO, 2018).

Destarte, para que se possa implementar estratégias eficazes na prevenção ao *bullying* dentro do ambiente escolar, é importante entender a prevalência desse fenômeno.

3.2 Tipos de *bullying*

O comportamento de *bullying* pode ser demonstrado de várias formas, na literatura, existem algumas classificações, (DUY, 2013), tais como: físico, verbal e

psicológico (ORPINAS; HORNE, 2006). Já Hawker e Boulton (2000), categorizam o *bullying* em cinco tipos: indiretos, relacionais, físicos, verbais e genérico.

Nascimento e Menezes (2013), relatam que existem pelos menos dois tipos de intimidação: a direta e a indireta. A primeira, refere-se aos ataques diretos às vítimas, o que pode ser física ou verbal. Já a segunda, expressa-se pela intimidação indiretamente ao outro, por meio de isolamento, ironias, piadas, difamação, entre outros.

Contudo, será utilizado nesta dissertação como terminologia as 07 tipologias do *bullying*, que corresponde: o tipo verbal: insultar, xingar e apelidar pejorativamente; o tipo moral que envolve difamar, caluniar, disseminar rumores; o *bullying* sexual que corresponde assediar, induzir e/ou abusar; o tipo *bullying* social é ignorar, isolar e excluir; o tipo psicológico envolve perseguir, amedrontar, aterrorizar, intimidar, dominar, manipular, chantagear e infernizar (BRASIL, 2015). O *bullying* físico relativo a socar, chutar, bater. O tipo material envolve furtar, roubar, destruir pertences de outrem. Por fim, o *bullying* virtual está relacionado a depreciar, enviar mensagens intrusivas da intimidade, enviar ou adulterar fotos e dados pessoais que resultem em sofrimento ou com o intuito de criar meios de constrangimento psicológico e social (BRASIL, 2015).

Independentemente da tipologia de *bullying*, é importante evidenciar que as manifestações dessas agressões que ocorrem repetidamente no ambiente escolar, ocasionam aos envolvidos impactos negativos a suas vidas.

3.3 Formas de envolvimento no *bullying*

O *bullying* é estritamente um fenômeno grupal (DÍAZ-AGUADO, 2015). Nele, quatro atores fazem parte desse contexto: agressores, vítimas, vítimas-agressoras e as testemunhas/espectador (OLWEUS, 2003; BANDEIRA; HUTZ, 2012).

Os agressores do *bullying* (*bullies*) são aquelas crianças que agredem outras, supostamente mais fracas, com o objetivo de machucar, prejudicar ou humilhar, sem ter havido provocação por parte da vítima (BERGER, 2007). Possuem tendência a apresentar comportamentos antissociais, além de serem possíveis pessoas em conflito com a lei (BENDER; LOSEL, 2011; OLIVEIRA et al., 2016).

Já as vítimas do *bullying*, são aquelas crianças que são constantemente agredidas pelos colegas e, na maioria das vezes, não consegue cessar ou reagir aos ataques (LOPES, 2007; MOURA et al., 2011). Apresentam regularmente um

sentimento de insegurança que as impede de solicitar ajuda. Fazem poucas amizades, são passivos e não reagem aos atos de agressividade (MOURA et al., 2011).

O espectador refere-se a uma pessoa que testemunha o *bullying*, mas não é envolvido como agressor ou vítima (BANDEIRA; HUTZ, 2012). Um espectador pode continuar a observar passivamente um episódio de *bullying*, podendo incentivar um agressor ou apresentar um comportamento de defender a vítima (YUN; GRAHAM, 2018).

3.4 Impactos do *Bullying*

3.4.1 Impactos na saúde física e mental

Ser vítima de *bullying* no ambiente escolar tem sido associado a inúmeros problemas psicológicos e físicos. Logo, a vitimização entre pares é um importante fator de risco para a ideação suicida e tentativas de suicídio em adolescentes (GEEL et al., 2014). Fato que se concretiza no momento em que é encontrada na literatura associação entre *bullying* com ideação suicida, suicídio e problemas de saúde física (ZOUL et al., 2013; SKAPINAKIS et al., 2011; NYLUND et al., 2007).

Em pesquisas, Skapincks et al. (2011) descobriram que as vítimas de *bullying* eram mais prováveis de expressar que "a vida não valia a pena", sendo, portanto, um dos tipos de evidências verbais associado a um tipo de violência autoinfligida, o suicídio. Em geral, pessoas com ideias de morte noticiam seus pensamentos e suas intenções suicidas, dando sinais ou fazendo comentários. Por trás desses comentários, estão os sentimentos relacionados a depressão, desesperança, desamparo e desespero das pessoas com ideação suicida (BRASIL, 2006; MOREIRA; BASTOS, 2015; FEIJOO, 2019).

Cabe destacar que a associação entre ser vítima de *bullying* e ideação suicida foi particularmente forte para aqueles que foram intimidados semanalmente, sendo independente da presença de morbidade psiquiátrica (SKAPINAKIS et al., 2011). Malta et al. (2019), identificaram associação entre sofrer *bullying* e características como sentir-se sozinho, insônia e a falta de amigos.

Além disso, as vítimas de *bullying* estão mais propensas a terem outros comportamentos que são potencialmente prejudiciais à saúde, como uso de tabaco e relação sexual desprotegida. Romo et al. (2016), verificaram que a vitimização por *bullying* foi associada a maiores probabilidades de consumo atual de tabaco,

absenteísmo, luta física e relações sexuais desprotegidas. Sendo assim, verifica-se que ser vítima de *bullying* pode acarretar prejuízos diversos aos jovens, o que o torna mais vulnerável, podendo desenvolver condutas antissociais e/ou delitivas.

Em se tratando da saúde física de grupos específicos, como os jovens homoafetivos (ZOUL et al., 2013), o *bullying* verbal foi um fator significativo preditor de problemas de saúde física. Os participantes que experimentaram *bullying* verbal relataram em média 0,95 mais problemas de saúde física, em relação àqueles que não foram verbalmente intimidados. Foram encontrados resultados semelhantes em relação ao *bullying* físico que foi considerado como fator preditor significativo de problemas de saúde. Os participantes que relataram ser fisicamente intimidado experimentaram, em média, mais 0,91 problemas de saúde física do que aqueles que não relataram qualquer *bullying* físico.

Morales-Ramírez et al. (2017), em estudo realizado com alunos de idade pré-escolar e escolar em Costa Rica, verificaram que o principal impacto do *bullying* é na área socioemocional. Os escolares argumentaram que se sentem geralmente desconfortáveis e incomodados com esta prática. Além disso, 29,2% dos estudantes expressaram seu desejo de não frequentar a aula, devido serem alvos desse tipo de comportamento. Assim, situações de *bullying* no ambiente escolar, resultam na desorganização no processo de ensino-aprendizagem, além do comprometimento das relações entre as pessoas e adoecimento da comunidade escolar (MELO, 2010).

Somando-se a isso, as vítimas de *bullying* podem desenvolver tristeza relacionada ao ambiente escolar, o que desencadeia baixo rendimento de aprendizagem e evasão escolar (MARCOLINO et al., 2018). Portanto, a existência desse fenômeno no âmbito da escola altera negativamente o clima escolar, podendo exteriorizar uma sensação de insegurança e desorganização institucional da escola para os estudantes presentes (ZEQUINÃO et al., 2016).

Outro impacto específico do *bullying* na saúde emocional, está relacionado as características físicas dos adolescentes, principalmente aos aspectos dentofaciais. Comprovou-se que meninos vítimas de *bullying* possuem mais efeitos negativos relacionados à estética dos dentes do que as meninas, o que afeta dessa maneira, sua qualidade de vida (AL-OMARI et al., 2014). Por certo, os dentes estão entre as características físicas direcionadas para o *bullying*, seguidas de força (fraqueza) e peso (obesidade). Entre as características dentofaciais comumente relatadas pelas

vítimas, como alvo dos agressores, são: espaçamento entre os dentes, ou falta deles, cor e forma e dentes proeminentes (AL-BITAR, et al., 2013).

Destarte, pode-se inferir que a aparência dental pode influenciar no desenvolvimento de comportamentos de *bullying* em adolescentes. Em vista disso, acentua-se que crianças que são percebidas como diferentes, de alguma forma têm maior probabilidade de sofrer *bullying* e a aparência física é a causa mais comum do *bullying* (UNESCO, 2019). Habitualmente, adolescentes que praticam *bullying* evidenciam diferenças na aparência como principal motivo de vitimização de outros adolescentes (GREENLEAF et al., 2014). Já o segundo motivo mais frequentemente relatado pelos estudantes como maior probabilidade de sofrer *bullying* diz respeito a raça, nacionalidade ou cor (UNESCO, 2019).

Em síntese, evidencia-se, que tanto os perpetradores e as vítimas podem manifestar futuramente problemas, tais como: doenças físicas e sintomas de depressão, tristeza, medo, nervosismo (ALBDOUR et al., 2014). Assim, sofrer *bullying* durante a infância e adolescência torna-se um fator de risco para o estabelecimento e manutenção de vários problemas comportamentais e emocionais, tais como isolamento, depressão e ansiedade (LEDWELL et al., 2015). Isto é, o envolvimento com *bullying* reduz o bem-estar emocional e pode dificultar a evolução para um estilo de vida saudável na idade adulta (MARK et al., 2019).

Portanto, crianças e adolescentes expostas a situações de vitimização por *bullying* podem desenvolver uma série de prejuízos, tanto acadêmico, interpessoal, emocional e comportamental.

3.4.2 Impactos econômicos

Além dos impactos relacionados à saúde física e psicológica decorrentes da vitimização por *bullying*, esse fenômeno gera impactos econômicos à sociedade. Estudo de Brimblecombe et al. (2018), verificou que homens e mulheres que foram intimidados na infância eram menos propensos a estar no emprego e tinham acumulado menos riqueza, por exemplo: poupança, residência própria, do que pessoas não vítimas *bullying* durante a infância. Para isso, esses autores observaram rendimentos, riquezas e impactos sociais, tais como o custo da utilização de serviços de saúde mental para a sociedade.

Evans-Lacko et al. (2017) constataram maior prevalência do uso de serviços de saúde mental por indivíduos que foram frequente ou ocasionalmente

intimidados na infância do que por aqueles que não foram intimidados. Verificou-se também que os impactos econômicos do *bullying* estão relacionados ao uso de serviços de saúde mental em tenra idade. Além disso, comprovou-se que as taxas de uso do serviço de saúde variaram segundo o sexo, sendo que as mulheres tiveram taxas mais altas de uso de serviços de saúde na idade adulta e homens na infância e adolescência. À vista disso, atenta-se que o *bullying* gera despesas para o serviço público, tendo em vista o uso de serviços de saúde mental por pessoas vítimas dessas agressões.

4 MÉTODOS

4.1 Delineamento

Em virtude do que se pretendeu estudar foi utilizada nesta pesquisa a abordagem quantitativa e qualitativa, baseado em triangulação metodológica sequencial, com delineamento transversal. A triangulação ou método misto, consiste em um procedimento de coleta de dados, que analisa e combina técnicas qualitativas e quantitativas em um único estudo, o que possibilita melhores análises do objeto de estudo (PARANHOS, et al., 2016).

A pesquisa foi desenvolvida por uma discente do curso de Pós-Graduação em Saúde e Comunidade da Universidade Federal do Piauí-UFPI, sob orientação de um professor doutor da linha de pesquisa Saúde na Escola. A investigação é resultante do projeto original intitulado “*Violência entre pares: análise do bullying no contexto escolar*”.

Desse modo, este estudo foi dividido em duas etapas distintas, a saber: na abordagem quantitativa, aqui denominada **Etapa I**, realizou-se um estudo transversal sobre a vitimização por *bullying* em adolescentes escolares. O método consistiu em aplicar um instrumento com a população de escolares do Ensino Fundamental e Ensino Médio. O instrumento utilizado para obter as informações necessárias foi a Escala Califórnia de Vitimização do *Bullying* (ECVB) e questionário sociodemográfico. Na abordagem qualitativa, denominada **Etapa II**, foram realizadas entrevistas semiestruturada face a face com nove escolares.

4.2 Hipóteses

Com base na revisão da literatura e no objetivo do presente estudo, três hipóteses foram formuladas, a saber:

Hipótese 1: Não há diferença de sexo enquanto papel de vítima no comportamento de *bullying*;

Hipótese 2: Adolescentes mais jovens estão mais sujeitos aos comportamentos de *bullying*;

Hipótese 3: Adolescentes escolares de cor ou raça preta/parda estão mais propensos a serem vítimas de *bullying*.

4.3 Cenário e população do estudo

A pesquisa foi realizada na cidade de José de Freitas, município situado no estado do Piauí, na Microrregião de Teresina, que fica a uma distância de 48km da capital Teresina, ligada pela rodovia PI-113. Limites geográficos: ao norte as cidades de: Lagoa Alegre/Cabeceiras do Piauí/Campo Maior; ao sul: Altos e Teresina; a leste: Campo Maior; a oeste: União, Lagoa Alegre e Teresina (FUNDAÇÃO CEPRO, 2000).

Atualmente apresenta população estimada de 39.208 pessoas, possuindo 0,618 de Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) e Produto Interno Bruto (PIB) de R\$ 8.292,47 (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA-IBGE, 2020).

De acordo com o censo escolar do ano de 2017 da cidade de José de Freitas, realizado pela Secretaria Municipal de Educação (SEMED) e de dados da Supervisão Estadual de Ensino, subordinada à 18^o Gerência Regional de Educação (GRE) da Secretaria de Estado da Educação (SEDUC), existiam no município 46 escolas públicas de gestão municipal, três de gestão estadual e três da rede privada. As escolas da rede municipal abrangiam a educação infantil (7 escolas), ensino fundamental (39 escolas), enquanto que as escolas estaduais que possuíam nível médio (3 escolas), duas delas com ensino médio integral. Na rede privada, apenas uma escola contava com ensino regular (educação infantil, ensino fundamental e médio).

Quanto à localização das escolas existentes no município, 23 estavam localizadas na zona urbana e 29 na zona rural. Com relação à quantidade de alunos, de acordo o censo escolar das escolas municipais, no ano de 2017, existiam 8.114 escolares matriculados, já em relação aos dados colhidos na Supervisão Estadual de Ensino do município existiam um total de 1.107 escolares.

Para este estudo, foi incluída a população escolar de 11 instituições públicas, sendo nove escolas de gestão municipal e duas de gestão estadual que disponibilizavam de ensino fundamental, médio regular ou integral, localizadas na zona urbana de José de Freitas (Apêndice A- Figura 1). Apenas uma escola da rede estadual não participou da pesquisa, por não ter entregue em tempo hábil a quantidade de alunos matriculados na instituição, o que inviabilizou realizar o cálculo amostral com esta escola.

4.4 Desenho amostral

A amostra foi composta por adolescente escolares de 10-19 anos de idade de ambos os sexos. Este corte cronológico baseou-se na delimitação das idades dos adolescentes definida pela OMS (CASTILHOS, et al., 2015). A população de adolescentes de 10-19 anos matriculados em 11 escolas municipais e estaduais da cidade de José de Freitas foram 2.776 escolares, sendo 1.389 do sexo masculino e 1.387 feminino. Antes de aplicar os instrumentos de pesquisa em cada escola, calculou-se um tamanho mínimo da amostra por meio do *software Epi Info 7.2* (DEAN et al., 2018).

Estimou-se, para tanto, uma prevalência de 15% de comportamentos de vitimização por *bullying*, um erro máximo de 5% e nível de confiança de 95%. A prevalência foi estimada levando em consideração os estudos da PeNSE nas suas três edições, em que se verificou que 5,4% dos estudantes das capitais relataram ter sofrido *bullying* no ano de 2009, 7,2% em 2012 e 7,4% no ano de 2015 (MALTA et al., 2010; MELLO et al., 2018; MALTA et al., 2019). Dessa forma, o tamanho mínimo da amostra foi calculado em 183 adolescentes escolares.

Cabe ressaltar que esse estudo foi inicialmente estruturado para ser do tipo transversal, com uma amostra probabilística estratificada por escola, turma e sexo. No entanto, devido os pais/responsáveis pelos escolares que foram selecionados por meio de sorteio não autorizarem seus filhos a participar da pesquisa, houve a modificação para outro tipo de seleção de amostra. Deste modo, optou-se pela amostragem por conveniência.

Etapa I

Na etapa I, contou-se com a participação de 196 adolescentes escolares que tiveram a autorização dos pais/responsáveis para participar do estudo. Tratou-se de uma amostra de conveniência, devido à dificuldade dos pais não autorizarem os seus filhos participarem da pesquisa, assim, como tiveram muitos casos de escolares que não desejavam participar do estudo. As escolas estão identificadas pelas letras: A, B, C, D, E, F, G, H, I, J, L (Quadro 1).

Quadro 1. Distribuição dos escolares do ensino fundamental e médio de escolas públicas da rede municipal e estadual participantes da pesquisa. José de Freitas, Piauí, 2020.

ESCOLAS	N	%
A	43	21,9
B	2	1,0
C	22	11,2
D	14	7,1
E	22	11,2
F	27	13,8
G	8	4,1
H	18	9,2
I	14	7,1
J	18	9,2
L	8	4,1

Fonte: A autora (2020).

Etapa II

Na etapa II estava prevista a participação de 10 adolescentes escolares (5% da amostra total), ou seja, escolares que pontuaram mais alto na ECVB. De acordo com os estudos mais recentes de pesquisa quanti-quali sugerem que 5% da amostra quantitativa são o suficiente para levar a uma amostra qualitativa saturada (THIRY-CHERQUES, 2009). Contudo, houve a participação de nove escolares, tendo em vista que um escolar não participou da II Etapa devido a sua ausência na escola durante os dias em que a pesquisadora esteve no local para a realização da pesquisa. A Tabela 1 apresenta os escolares que pontuaram mais alto na ECVB. Foram entrevistados um menino e oito meninas, os quais foram identificados com nomes de virtudes, para preservar seu anonimato.

Tabela 1. Adolescentes escolares participantes da etapa qualitativa. José de Freitas, Piauí, 2020.

Participante	Vitimização por <i>bullying</i> (valor)	Escola	Turno	Idade
Caridade	3,00	A	Tarde	14
Amabilidade	2,86	A	Tarde	14
Empatia	2,71	A	Manhã	12
Respeito	2,57	E	Manhã	12
Bondade	2,43	J	Integral	15
Responsabilidade	2,43	A	Manhã	13

Fonte: A autora (2020).

Tabela 1. Adolescentes escolares participantes da etapa qualitativa. José de Freitas, Piauí, 2020.

Continuação

Participante	Vitimização por <i>bullying</i> (valor)	Escola	Turno	Idade
Justiça	2,14	F	Manhã	12
Compaixão	2,14	F	Manhã	10
Sensibilidade	1,86	J	Integral	18

Fonte: A autora (2020).

4.5 Procedimentos e instrumentos da pesquisa

4.5.1 Etapa I- Abordagem Quantitativa

A análise precisa do *bullying* é essencial para o planejamento e avaliação da intervenção em escolas (FELIX et al., 2011). À vista disso, para se mensurar a vitimização por *bullying* em adolescentes escolares foram utilizados os seguintes instrumentos, todos autoaplicáveis (tipo caneta e papel). Os escolares receberam um livreto composto pela ECVB e um questionário sociodemográfico.

A ECVB (SOARES et al. 2015) consiste em um instrumento constituído por sete itens, os sujeitos são questionados sobre a frequência com que sofrem uma série de situações consideradas exemplos de comportamentos de *bullying*, por exemplo: “*Você foi provocado ou apelidado por seu(s) colega(s)?*”, “*Você teve comentários sexuais ou gestos correspondentes dirigidos a você?*”, respondendo de acordo com uma escala de 5 pontos, variando de 0 *Nunca* a 4 *Várias vezes durante esta semana*.

Em seguida, são convidados a indicar se consideraram esses comportamentos intencionais e importantes (se os magoaram), respondendo *sim* ou *não*. Além dessas questões, a ECVB avalia o desequilíbrio de poder entre a vítima e o agressor por meio de 10 adjetivos, por exemplo: *atraente, inteligente e fisicamente forte*, pedindo que as pessoas se comparem com a “principal pessoa que fez tais coisas”, respondendo em escala de 3 pontos (*menos do que eu, parecido comigo e mais do que eu*) (Anexo A).

A versão desenvolvida da ECVB avaliou de forma confiável os múltiplos componentes do *bullying* e distingue validamente entre não vítimas, vítimas de pares

e vítimas intimidadas (FELIX et al., 2011). Nesta pesquisa, foi utilizada a versão da ECVB desenvolvida por Felix et al. (2011), adaptada e validada para o contexto brasileiro por Soares et al. (2015).

A respeito do Questionário Sociodemográfico, esse teve como finalidade caracterizar os sujeitos a partir da investigação de questões referentes à idade, sexo, estado civil dos pais, nível socioeconômico. Além disso, havia perguntas sobre: “Como o escolar se sentia na escola?”, “Se conhece o que é o *bullying*?” e “Se já foi vítima de tais agressões na escola?” (Apêndice B). Quando questionado sobre como se sente na escola, o escolar deveria marcar com (X) em um dos itens: bem, com medo, solitário, seguro, satisfeito, excluído ou maltratado. Em relação a pergunta sobre o conhecimento acerca do *bullying* e se já foi vítima dessa agressão, o escolar deveria marcar *sim* ou *não*.

Os participantes da pesquisa responderam o livreto de forma anônima, em sala reservada em cada escola, em horário acordado com a direção e docentes. Todos os instrumentos receberam um número de ordem, para permitir a identificação dos participantes pela pesquisadora na realização da Etapa II. Cabe ressaltar que apenas a pesquisadora teve acesso a essas informações e é a única capaz de identificar os participantes da pesquisa pelos números de identificação das escalas, sendo garantido o sigilo e o anonimato acerca das informações de cada escolar.

4.5. 2 Etapa II- Abordagem Qualitativa

Nesta etapa da pesquisa foram realizadas entrevistas semiestruturadas e individualizadas com os escolares. Para Angrossino (2009), a entrevista consiste em uma conversação, um processo interativo norteado pelo pesquisador, com o objetivo de explorar campos de interesses. Além disso, é orientada pelos objetivos de seu estudo, no qual o pesquisador constrói um roteiro de perguntas que seja capaz de direcionar a obtenção de dados necessários para os questionamentos de sua pesquisa (FIGARO, 2014).

Desse modo, o roteiro de entrevista semiestruturado foi composto por questões referentes à compreensão e experiências dos escolares em relação ao *bullying*, as principais dificuldades ocasionadas por esse tipo de violência no contexto escolar, às estratégias da escola e/ou professores para o enfrentamento

desses casos, entre outras questões (Apêndice C), a fim de apreender a visão de cada um dos escolares participantes da etapa qualitativa. É importante ressaltar que as entrevistas foram gravadas em aplicativo de android, de modo a facilitar a análise dos discursos obtidos.

Por se tratar de uma temática que pode suscitar desconforto emocional aos participantes da pesquisa, por fazer lembrar experiências desagradáveis nos estudantes que já foram vítimas de *bullying*, os riscos foram minimizados ao máximo por meio do respeito aos princípios e normas éticas, empatia, liberdade de desistência da pesquisa, confidencialidade e anonimato.

4.6 Aspectos éticos e legais

O procedimento inicial para a realização da pesquisa consistiu em obter a autorização da Supervisão Estadual de Ensino de José de Freitas-PI (Anexo B) e da Secretaria Municipal de Educação-SEMED (Anexo C) para a realização do estudo. Após autorização, o projeto foi cadastrado na Plataforma Brasil, sendo apreciado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Piauí, Campus Universitário Ministro Petrônio Portella e aprovado em 10/07/2019, sob parecer nº 2.763.992 (Anexo D). Após a aprovação do Comitê, dirigiu-se até as escolas onde foram apresentados os objetivos do estudo e após consentimento dos diretores das escolas, foi combinada a agenda de trabalho.

A etapa I foi realizada em contexto coletivo em uma sala preparada para a aplicação dos instrumentos quantitativos com os escolares. Inicialmente, solicitou-se autorização prévia dos pais/responsáveis dos adolescentes por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) entregue anteriormente a todos os alunos das escolas (Apêndice D), solicitando que levassem para casa e apresentassem aos pais para demonstrar seu consentimento. Posteriormente, os alunos que trouxeram o TCLE assinado participaram da pesquisa.

Desse modo, foi requisitada a autorização do professor para dar seguimento à coleta de dados, convocando os alunos a se dirigir à sala para a aplicação dos instrumentos. No momento da coleta, solicitou-se a colaboração de cada um dos escolares, pedindo que os mesmos formalizassem sua participação por meio da assinatura do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE - Apêndice E), elaborado em linguagem acessível aos escolares, onde foram expostos os objetivos

e procedimentos envolvidos na pesquisa, cumprindo, desse modo, com os preceitos éticos de pesquisa com seres humanos.

Já na etapa II, aplicação das entrevistas individuais, foram seguidos os mesmos procedimentos éticos e formais da primeira etapa. As entrevistas foram realizadas individualmente em um local reservado dentro de cada instituição. Além disso, os escolares foram informados que não existiam respostas certas ou erradas. Ademais, cabe ressaltar que a média de tempo em que os participantes concluíram sua participação foi de aproximadamente 30 minutos. Depois de coletadas as informações, foram dirigidos os agradecimentos pela colaboração voluntária do participante.

Em todas as etapas, os sujeitos foram esclarecidos sobre o anonimato e sigilo de suas respostas, cumprindo, dessa forma, com os preceitos éticos relativos à pesquisa com seres humanos, através da Resolução 466 de dezembro de 2012 (BRASIL, 2013).

4.7 Critérios de inclusão e exclusão

Foram incluídos adolescentes regularmente matriculados no ensino fundamental e médio, com idade de 10-19 anos, conforme recomendação da OMS para adolescente; escolares de ambos os sexos que aceitaram participar voluntariamente do estudo, tendo assinado o TALE e autorizados pelos pais/responsáveis mediante TCLE.

Não participaram do estudo adolescentes escolares que possuíam algum déficit cognitivo que impossibilitasse compreender os instrumentos de coleta de dados, a exemplo: adolescentes escolares que possuíam Retardo Mental - F70-F79, adolescentes com algum dos tipos de Transtornos invasivos do desenvolvimento-F84 (CLASSIFICAÇÃO DE TRANSTORNOS MENTAIS E DE COMPORTAMENTO DA CID-10, 2011).

A comprovação sobre o déficit cognitivo foi confirmado por meio de informações que constavam na ficha de matrícula de cada aluno da escola, como também na formação de turma. Essa informação é requerida pela escola no momento da matrícula, ou seja, pais de alunos com algum tipo de deficiência, devem entregar laudo/atestado de seus filhos na instituição.

Contudo, como uma parcela dos alunos com suspeita de algum tipo de deficiência não possuíam laudo/atestado, mas, realizavam acompanhamento no Atendimento Educacional Especializado (AEE) em quatro escolas participantes, as informações foram obtidas com as professoras das salas de recursos.

Além disso, não participaram do estudo alunos com idade de 19 anos matriculados na Educação de Jovens e Adultos (EJA).

4.8 Organização e análise dos dados

4.8.1 Dados Quantitativos

O *software IBM Statistical Package for the Social Sciences (SPSS)* versão 20.0 foi utilizado na digitação e análises estatísticas.

Inicialmente, os dados foram submetidos ao teste de normalidade Shapiro-Wilk para avaliar se apresentavam uma distribuição normal. Como a maioria não apresentou critérios para uma distribuição normal, optou-se por utilizar testes não-paramétricos (FIELD, 2009). A princípio, foram realizadas as estatísticas descritivas de frequências, medidas de tendência central, porcentagem, desvio padrão.

O estudo teve como variável dependente ter sofrido *bullying* nos últimos 30 dias, obtida a partir da soma dos itens 01 a 07 obtendo um escore total denominado vitimização por *bullying*. As respostas foram categorizadas em 0 = nunca; 1= apenas uma vez no mês passado; 2= duas ou três vezes no último mês; 3= apenas uma vez nesta semana; 4= várias vezes durante esta semana. As variáveis independentes foram: sexo, idade, raça.

4.8.2 Dados Qualitativos

Para o enfoque qualitativo, as respostas dos adolescentes escolares foram transcritas na íntegra para o programa Word 2013 e analisadas conforme a técnica de Análise de Conteúdo Temática proposta por Laurence Bardin, esta consiste em:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2011, p. 47).

Em vista disso, este estudo orienta-se pelas três fases de organização da análise proposta por Bardin (2011): a pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados - a inferência e a interpretação. A primeira fase, pré-análise, refere-se a fase de organização do material, o que compreende o primeiro contato que o leitor tem com os documentos a serem analisados. Nessa fase algumas regras precisam ser seguidas, tais como: exaustividade, homogeneidade, pertinência, exclusividade (CÂMARA, 2013).

A segunda fase, consiste na exploração do material onde são organizadas as unidades de registro. Estas unidades podem ser os parágrafos de cada entrevista, por exemplo, e a partir dos quais são estabelecidas palavras-chave, ou ideias, para indicar a categoria criada. São adotados como procedimentos: codificação, classificação e categorização. Por fim, a terceira fase, etapa dirigida ao trato dos resultados, ou seja, nessa fase ocorre as interpretações inferenciais (MOZZATO; GRZYBOVSKI, 2011).

Nesse estudo, após a pré-análise, foram observadas as seguintes unidades de registro: tipos de *bullying*, vítima, agressor, emoções após o *bullying*, impactos do *bullying*, passividade, escola, suporte social, retraimento e negação.

As unidades iniciais foram agrupadas em três eixos temáticos: experiência de vitimização por *bullying*, estratégias de enfrentamento do *bullying*, potenciais reações a vítimas de *bullying* e agressores.

5 RESULTADOS

5.1 Abordagem Quantitativa

Este estudo contou com a participação de 196 adolescentes escolares, de ambos os sexos. Da amostra total, (65,3%) eram do sexo feminino e (34,7%) do sexo masculino, com uma média de idade de 12,52 anos (DP = 2,08; amplitude de 10 a 18). Além disso, a maioria declarou que a situação conjugal de seus pais é casada, constituindo-se em (59,7%).

A cor/raça parda foi referida por (58,7%) dos escolares participantes. A maioria se declarou pertencer a classe média (70,9%). A maior parte dos escolares participantes da pesquisa foi do 6º ano (25,5%), sendo o turno tarde contendo o maior número de participantes (58,2%) (Tabela 2).

Tabela 2. Caracterização dos adolescentes escolares participantes da pesquisa. José de Freitas, Piauí, 2020.

Variável	N	%
Total	196	100
Sexo		
Masculino	68	34,7
Feminino	128	65,3
Idade (em anos)		
10	41	20,9
11	31	15,8
12	34	17,3
13	31	15,8
14	25	12,8
15	17	8,7
16	6	3,1
17	7	3,6
18	4	2
Série/Ano		
4º Ano	11	5,6
5º Ano	35	17,9
6º Ano	50	25,5
7º Ano	35	17,9
8º Ano	21	10,7
9º Ano	18	9,2
1º Ano do E.M	11	5,6
2º ano do E.M.	8	4,1
3º Ano do E.M	7	3,6
Turno		
Manhã	62	31,6
Tarde	114	58,2
Integral	20	10,2
Estado civil do pais		
Solteiro	24	12,2
Casado/convivente	117	59,7
Separado/divorciado	45	23
Viúvo	10	5,1
Classe social		
Baixa	28	14,3
Média Baixa	11	5,6
Média	139	70,9
Alta	18	9,2
Raça		
Branca	27	13,8
Parda	115	58,7
Preta	34	17,3
Indígena	13	6,6
Amarela	7	3,6

Fonte: A autora (2020).

Inicialmente, antes de testar as hipóteses do estudo, algumas análises preliminares foram realizadas. A maior parte dos estudantes reportou se sentir bem no ambiente escolar (62,6%), no entanto, é importante atentar-se aos aspectos solitário e excluído, ambos com (4,6%). Destaca-se que (90,8%) dos participantes indicaram conhecer o *bullying* ao passo que (55,1%) afirmaram ter sofrido com esse tipo de agressão no ambiente escolar (Tabela 3).

Tabela 3. Caracterização dos adolescentes em relação a escola e ao *bullying*. José de Freitas, Piauí, 2020.

Variável	N	%
Total	196	100
Como você se sente na sua escola		
Bem	122	62,6
Satisfeito	35	17,9
Seguro	10	5,1
Solitário	9	4,6
Com medo	7	3,6
Maltratado	3	1,5
Excluído	9	4,6
Conhece o que é <i>bullying</i>		
Sim	178	90,8
Não	17	8,7
Você foi vítima de <i>bullying</i>		
Sim	108	55,1
Não	88	44,9

Fonte: A autora (2020).

No que diz respeito às características demográficas e à vitimização por *bullying*, a Tabela 4 apresenta as médias de vitimização por *bullying* de acordo com o sexo e com a raça da vítima.

Tabela 4. Média de vitimização por *bullying* por sexo e raça. José de Freitas, Piauí, 2020.

Raça	Vitimização por <i>Bullying</i>		Total
	Feminino	Masculino	
Branca	0,85 (0,58)	0,67 (0,58)	0,76 (0,58)
Preta	0,80 (0,67)	0,53 (0,50)	0,71 (0,63)

Fonte: A autora (2020).

Nota. Esta tabela apresenta a média do escore total da vitimização por *bullying* calculada a partir da média da frequência dos itens da Escala Califórnia de Vitimização do *Bullying*.

Tabela 4. Média de vitimização por *bullying* por sexo e raça. José de Freitas, Piauí, 2020.

Continuação

Raça	Vitimização por <i>Bullying</i> M (DP)		Total
	Feminino	Masculino	
Parda	0,93 (0,71)	0,87 (0,83)	0,92 (0,75)
Indígena	0,53 (0,62)	0,62 (0,65)	0,57 (0,61)
Amarela	1,64 (1,51)	1,42 (0,59)	1,5 (0,82)
Total	0,89 (0,70)	0,78 (0,73)	0,86 (0,71)

Fonte: A autora (2020).

Nota. Esta tabela apresenta a média do escore total da vitimização por *bullying* calculada a partir da média da frequência dos itens da Escala Califórnia de Vitimização do *Bullying*.

Observa-se que na Tabela 4 as médias estão relativamente baixas, no que se refere, a vitimização por *bullying* por raça e sexo, tendo em vista, que apresentaram valores abaixo de 1, nota-se, no entanto, que a raça amarela apresentou valores maiores que as demais. Em relação aos tipos de *bullying* como observado na Tabela 5, o uso de apelidos aparenta ser o comportamento mais frequente, enquanto que o uso de ameaças e comentários sexuais possuem uma frequência baixa.

Tabela 5. Média de ocorrência de cada tipo de *bullying*. José de Freitas, Piauí, 2020.

Comportamentos	M	DP
1. Você foi provocado ou apelidado por seu(s) colega(s)?	1,63	1,59
2. Você teve rumores, boatos ou fofocas espalhadas sobre você por seu(s) colega(s) pelas suas costas?	1,17	1,36
3. Você foi deixado de fora do grupo ou ignorado por seu(s) colega(s)?	0,97	1,31
4. Você foi empurrado ou agredido fisicamente?	0,55	1,05
5. Você foi ameaçado por seu(s) colega(s)?	0,42	,91
6. Você teve suas coisas roubadas ou danificadas por seu(s) colega(s)?	0,72	1,07
7. Você teve comentários sexuais ou gestos correspondentes dirigidos a você?	0,53	1,03

Fonte: A autora (2020).

Nota. Esta tabela apresenta a média da frequência de cada um dos itens da Escala Califórnia de Vitimização do *Bullying*. Estes estão sendo utilizados, dessa forma, apenas a título de descrição dos dados, mas para fins de análises inferenciais, utilizar-se-á o escore geral.

No que se refere a frequência de alunos ter sofrido ou não *bullying* no ambiente escolar, verificou-se que (25,0%) das meninas e (19,9%) dos meninos não sofreram *bullying*, o que representa em números absolutos 49 meninas e 39 meninos, totalizando 88 escolares que não sofreram *bullying*. Já (40,3%) das meninas e (14,8%) dos meninos sofreram *bullying* na escola, representando 79 meninas e 29 meninos, totalizando 108 alunos (Tabela 6).

Tabela 6. Frequência de vitimização por *bullying* por sexo. José de Freitas, Piauí, 2020.

Sofreu <i>Bullying</i>	Sofreu <i>bullying</i>	
	Feminino (%)	Masculino (%)
Não	25,0%	19,9%
Sim	40,3%	14,8%
Total (%)	65,3%	34,7%

Fonte: A autora (2020).

Nota. Esta tabela apresenta a frequência de escolares que sofreram ou não vitimização por *bullying*.

5.1.1 Verificação das hipóteses

Para a verificação da primeira hipótese deste estudo (**Hipótese 1: Não há diferença de sexo enquanto papel de vítima no comportamento de *bullying***), inicialmente, testou-se se o escore total de vitimização por *bullying* é normalmente distribuído em participantes do sexo masculino e feminino separadamente, através do teste de Shapiro-Wilk para decidir o tipo de teste mais adequado. Os resultados demonstraram que o escore de vitimização por *bullying* não segue uma distribuição normal em nenhum dos sexos ($p < 0,001$). O teste t é robusto a desvios de normalidade quando os tamanhos dos grupos comparados são aproximadamente iguais (FIELD, 2009). No entanto, como os grupos apresentam tamanhos diferentes, para comparar a frequência de vitimização por *bullying* entre os sexos, optou-se pelo teste U de Mann-Whitney que é a versão não-paramétrica do teste t. Esse teste, revelou que a vitimização por *bullying* não difere ($U = 3842$, $p = 0,20$) entre participantes do sexo masculino ($M = 0,78$) e feminino ($M = 0,89$), corroborando para a hipótese 1.

Em seguida, para a testagem da segunda hipótese (**Hipótese 2: Adolescentes mais jovens estão mais sujeitos aos comportamentos de *bullying***)

deste estudo, testou-se a normalidade dos escores gerais de vitimização por *bullying* e da idade, utilizando-se o teste de Shapiro-Wilk e ambas demonstraram não seguir uma distribuição normal ($p < 0,001$). Desse modo, conduziu-se uma correlação de *Spearman* para verificar se existe uma correlação entre as variáveis. Os resultados demonstraram que não existe uma relação entre idade e vitimização por *bullying* ($r_s = -0,05$, $p = 0,26$) não corroborando para a hipótese 2.

Para a testagem da terceira hipótese (**Hipótese 3:** *Adolescentes escolares de cor ou raça preta/parda estão mais propensos a serem vítima de bullying*) inicialmente, testou-se a normalidade da vitimização por *bullying* em cada grupo (branco, preto, parda, indígena, amarela) separadamente. O teste de Shapiro-Wilk demonstrou que tal variável segue uma distribuição normal apenas no grupo de raça amarela ($p = 0,32$). No entanto, como a ANOVA é robusta a desvios de normalidade, contando que as demais suposições sejam satisfeitas, esse desvio não impede a utilização da ANOVA. Foram observados também quatro valores atípicos, dois na raça preta (2,29; 2,43) e dois na raça parda (3; 3).

Entretanto, como tais valores estão dentro do limite da escala de resposta da medida, tais valores foram mantidos no banco de dados, pois a sua exclusão poderia acarretar outro viés aos resultados. Ademais, o teste de Levene [$F(4,191) = 0,69$, $p = 0,60$] demonstrou que as variâncias entre os grupos são homogêneas, indicando que uma ANOVA pode ser conduzida. Uma ANOVA unifatorial, demonstrou que a raça não possui qualquer influência na vitimização por *bullying* [$F(4,191) = 2,13$, $p = 0,07$].

Adicionalmente, verificou-se também se aqueles estudantes que sofrem *bullying* com maior frequência tendem a perceber o agressor de forma mais negativa ou positiva em comparação a eles mesmos e se os mesmos tendem a serem mais afetados pelo *bullying*. Como o escore geral de vitimização por *bullying* não segue uma distribuição normal como mencionado anteriormente, optou-se por uma correlação de *Spearman*.

Os resultados demonstraram que não existe relação entre sofrer *bullying* e a percepção do agressor por parte da vítima ($r_s = -0,04$, $p = 0,27$). No entanto, quanto maior a frequência de *bullying*, mais os estudantes se sentem afetados pelo mesmo ($r_s = 0,80$, $p < 0,001$). Ademais, o teste U de Mann-Whitney ($U = 3494$, $p = 0,02$), utilizado porque a variável dependente não apresenta distribuição normal nem em

homens ou mulheres ($p < 0,001$), demonstrou que meninas ($M = 0,35$) tendem a se sentir mais afetadas pela frequência do *bullying* do que os meninos ($M = 0,26$).

5.2 Abordagem Qualitativa

5.2.1 Caracterização dos escolares entrevistados

Foram realizadas entrevistas com nove adolescentes escolares, o que representa aproximadamente 5% da amostra total dos estudantes que pontuaram mais alto na ECVB. Foram entrevistados um menino e oito meninas, os mesmos foram identificados com os seguintes nomes de virtudes, para preservar seu anonimato: caridade, amabilidade, empatia, respeito, bondade, responsabilidade, justiça, compaixão e sensibilidade.

Responsabilidade, feminino, 13 anos, filha de pais separados, mora com a mãe, tias e avós, de cor parda, classe média, foi vítima de *bullying* verbal, do tipo apelidar pejorativamente, seus colegas de classe a chamam de “gordinho dos alagados”.

Empatia, feminino, 12 anos, reside com os pais, de cor preta e de classe alta, foi vítima de *bullying* verbal, do tipo apelidar pejorativamente, os alunos a chamam de “Chica”.

Compaixão, feminino, 10 anos, mora com os pais e quatro irmãos, de cor parda, classe média, foi vítima de *bullying* verbal, do tipo apelidar pejorativamente. No momento do recreio os colegas a apelidavam de “Seara de Pão”, devido ao som de seu nome remeter a isso.

Bondade, feminino, 15 anos, filha de pais separados, mora com a mãe, de classe baixa, cor parda, foi vítima de *bullying* social e psicológico na escola na qual estudava em São Paulo. A escolar foi isolada, ignorada e excluída do grupo do qual fazia parte, além disso, era manipulada por seu amigo. Atualmente, ela faz acompanhamento psicológico e psiquiátrico devido a situação que vivenciou.

Caridade, feminino, 14 anos, filha de pais separados, mora com a mãe, avó e uma irmã, classe baixa, cor parda, foi vítima de *bullying* verbal, do tipo apelidar pejorativamente, o agressor a chama de “Altona” devido ao seu tamanho.

Amabilidade, masculino, 14 anos, pai viúvo, mora com a avó, irmãos e pai, cor preta, classe média, foi vítima de *bullying* verbal, do tipo xingamento, o agressor o chamava de “Preto”.

Sensibilidade, feminino, 18 anos, filha de pais separados, mora com a patroa, cor preta, classe social baixa, foi vítima de *bullying* social, do tipo exclusão. Seus colegas de turma a excluíram, em decorrência dessa situação, desenvolveu na época, um quadro característico de depressão.

Justiça, feminino, 12 anos, pais solteiros, mora com a mãe, quatro irmãos e avó materna, cor parda, classe social média, foi vítima de *bullying* verbal, do tipo apelidar pejorativamente, a agressora, a chamava de “dente de hipopótamo”.

Respeito, feminino, 12 anos, pais casados, mora com os pais e 04 irmãos, cor preta, classe média, foi vítima de *bullying* verbal, do tipo apelidar pejorativamente. No Quadro 2 há um resumo das características dos escolares entrevistados.

Quadro 2. Caracterização dos adolescentes escolares participantes da etapa qualitativa. José de Freitas, Piauí, 2020.

Nome Fictício	Idade (Anos)	Sexo	Cor/raça	Com quem mora	Tipo de <i>Bullying</i> sofrido
Responsabilidade	13	Feminino	Parda	Mãe, tias e avós	<i>Bullying</i> verbal
Empatia	12	Feminino	Preta	Pais	<i>Bullying</i> verbal
Compaixão	10	Feminino	Parda	Pais e 04 irmãos	<i>Bullying</i> verbal
Bondade	15	Feminino	Parda	Mãe	<i>Bullying</i> social e psicológico
Caridade	14	Feminino	Parda	Mãe, avó e uma irmã	<i>Bullying</i> verbal
Amabilidade	14	Masculino	Preta	Avó, irmãos e pai	<i>Bullying</i> verbal
Sensibilidade	18	Feminino	Preta	Patroa	<i>Bullying</i> social
Justiça	12	Feminino	Parda	Mãe, 04 irmãos e avó	<i>Bullying</i> Verbal
Respeito	12	Feminino	Preta	Pais e 04 irmãos	<i>Bullying</i> verbal

Fonte: A autora (2020).

Por meio da análise das entrevistas realizadas com os adolescentes escolares de forma individual, são apresentados os resultados e relatos em três eixos temáticos, foram agrupados desse modo, para uma melhor organização das falas. No primeiro eixo, aborda sobre a experiência de vitimização por *bullying*, em que são apresentados os agressores ou *bullies*, os impactos a curto e a longo prazo

da situação vivenciada; no segundo eixo, abordam-se as estratégias de enfrentamento do *bullying* no ambiente escolar, sob a perspectiva da vítima; no terceiro eixo são apresentadas as potenciais reações a vítimas de *bullying* e agressores.

5.2.2 Experiência de vitimização por *bullying*

5.2.2.1 Tipos de *bullying*

Em relação aos tipos de *bullying* vivenciados pelos escolares, os enunciados abaixo apontam que o *bullying* do tipo verbal, foi o tipo mais prevalente relatado pelos entrevistados.

Foi a minha colega estava me apelidando de dente de hipopótamo. Minha colega de sala. Eu tava na minha sala, aí eu sai da sala com meu irmão, aí ela saiu da sala e disse que eu tinha dente de hipopótamo (JUSTIÇA).

“Por assim, eu sou um pouco alta num tem. Aí somente assim, me chamando assim de “altona” essas coisas assim” (CARIDADE). “Sim, eu sou apelidada muito na minha sala” (RESPONSABILIDADE). “Sim, eu fui apelidada” (RESPEITO). “Xingamento. Me chamaram de preto, preto” (AMABILIDADE).

Quando...no começo do ano os menino eles gostava de caçar conversa comigo me chamando de Chica, sei lá, de Chica, num tem. Aram! Porque... meu amigo ele começou a me chamar de Chia. Só que aí eles entendiam que era Chica. Aí ele começaram a me chamar, num tem. Aiiii pegou...aí eles ficavam só me chamando. Aí eu não gostava disso. E também tinha vez que eles caçava muita conversa, eu não tinha coragem de falar pra diretora, porque eu tinha medo deles irem pra...algum lugar assim tipo. Porque ela disse que se alguém...se acontece isso na escola ela ia ter que levar pro...por doutor aí...Aí eu num fala não pra ela (EMPATIA).

Observou-se nos relatos que o *bullying* verbal, do tipo apelidar pejorativamente e xingar, foi a experiência de vitimização mais apontada pelas vítimas de *bullying*. Cabe destacar que os agressores, ao praticarem o *bullying*, sentiram-se motivados a destacar alguma característica das vítimas, como, por exemplo: cor da pele, dentes, altura, nomes.

Dois participantes relatavam em suas proposições, situações de vitimização por *bullying* psicológico e social, como pode ser verificado adiante:

Ah! ela era um pouco controladora, aí eu reparei isso muito tempo depois. E isso é um dos motivos pra eu tá fazendo tratamento, e eu fico nervosa com isso ainda. Porque eu era uma pessoa que tinha muito amigo aí eu comecei a ficar excluída do nada então aí eu tipo acabei ficando uma ano inteiro nessa escola sem companhia e aí eu fiquei tipo mei que difícil de me socializar com as pessoas (BONDADE).

Posso, é há uns 02 anos atrás eu tinha um amigo só que a gente acabou brigando ai tipo nessa briga, normalmente os amigos se dividem. Ai todos ficaram do lado dele, então, ai tipo eu fiquei sem amigo, sozinho tipo assim. Grupo para fazer trabalho, tipo se companhia mesmo (BONDADE).

Sim, (pausa) éee. Quando eu entrei em uma escola a maioria das meninas faziam *bullying* comigo. Ah não gostavam de mim eu que por meu jeito quieta, calada. Elas éeee (pausa) tipo me excluía e isso me deixou muito mal tanto é que eu comecei éeeee a ter depressão. Mas ai com o tempo sem fazer tratamento eu (pausa) fiquei boa (SENSIBILIDADE).

Na maior parte dos casos, as entrevistas revelaram que o tipo de *bullying* mais prevalente foi do tipo verbal. Contudo, houveram dois casos de *bullying* de abordagem mais sutil, que é o *bullying* psicológico e social. Em nenhum dos relatos foi verificado a existência de situações de vitimização por *bullying* físico, tendo em vista, que este comportamento é um dos tipos mais frequente em muitas regiões do mundo.

5.2.2.2 Agressor

Os enunciados abaixo apontam que os agressores são colegas das vítimas, frequentam o mesmo espaço escolar, contudo, não fazem parte do elo de amizade das mesmas, em alguns casos, são da mesma sala. O que pode ser verificado pelos enunciados abaixo:

“É são meus colega” (RESPONSABILIDADE). “Foi a minha colega estava me apelidando de dente de hipopótamo. Minha colega de sala” (JUSTIÇA).

Somente em dois relatos, os agressores eram amigos das vítimas, como observado no enunciado a seguir; “Posso, é há uns 02 anos atrás eu tinha um amigo só que a gente acabou brigando ai tipo nessa briga, normalmente os amigos se dividem” (BONDADE). “Assim, mais ou menos da minha altura. Morena assim. É uma pessoa normal, próxima a mim...(CARIDADE).

Os enunciados a seguir apontam que as vítimas de *bullying* entendem a situação vivenciada como brincadeira. “Assim, mais ou menos da minha altura. Morena assim. É uma pessoa normal, próxima a mim...só brincadeira assim (CARIDADE)”. “Eles, meu nome é (*participante falou o seu nome*), ai eles fala que meu nome é Seara de Pão. Quando eles...quando tá na hora do recreio ai eles fica brincando (COMPAIXÃO)”.

Os enunciados apontam ainda que os agressores apresentam um mau relacionamento com algumas pessoas da escola, como pode ser verificado abaixo:

“Ela é da minha altura, cabelo preto cacheado. Ela não se comporta muito bem na sala não (pausa) ela bate nos meninos (JUSTIÇA)”. “Ele éee...tip da minha cor da minha pele e é do mesmo jeito que eu, mas só que ele gosta mais de ser tipo um “talzinho” da escola quer ser mais que os outros na escola” (EMPATIA). “Assim, eu não lembro muito assim o aspecto físico, mas, (pausa) elas tipo aquelas meninas que acha tal, tipo a “bambam” da escola. Eee lembro disso” (SENSIBILIDADE).

Verificou-se que o agressor é visto como alguém que possui uma atitude e um comportamento bastante negativo na escola. Além disso, é notado como alguém tipicamente popular, podendo agir individualmente ou em grupo. Além disso, parecem praticar esse tipo de agressão como uma forma ofensiva de obter protagonismo dentro do ambiente escolar.

As declarações a seguir apontam que os agressores podem ser de ambos os sexos e que praticam o *bullying* dentro da sala de aula, como pode ser verificado abaixo:

“Sim, eu sou apelidada muito na minha sala (RESPONSABILIDADE)”. É são meus colega. São mago, alto. Homens” (RESPONSABILIDADE). “Era pardo, grande. (AMABILIDADE). “Xingamento. Me chamaram de preto, preto. Foi na sala de aula (AMABILIDADE)”. “Ela é da minha altura, cabelo cacheado” (JUSTIÇA). “Ela era baixa, um pouco gorda” (RESPEITO). Ao contrário do que a literatura aponta sobre a prática de *bullying* ser reservado a lugares onde há a ausência dos adultos, em dois enunciados, verifica-se situações de *bullying* dentro da sala de aula.

Constata-se que os agressores podem ser de ambos os sexos, podem praticar o *bullying* também em sala de aula, identificam-se com um modelo social que se baseia na submissão e domínio do outro. É importante ressaltar, que nas situações anteriormente relatadas, existem atitudes intencionais, repetidas, adotadas por um ou mais indivíduos em uma relação desigual de poder.

5.2.2.3 Emoções após o *bullying*

A situação de vivenciar o *bullying* no ambiente escolar pode produzir emoções/sentimentos diversos nas vítimas, tais como: tristeza, angústia, medos, entre outros. O que pode ser observado nos enunciados a seguir:

Assim, eu fiquei um pouco triste. Assim, quando acontece eu fico assim... abalada, mas depois passa. Eu não me importo, eu só me importo assim no momento, eu fico assim...ai depois passa na mesma hora (CARIDADE).

Meus sentimentos?! Tristeza, tipo isolamento. Eu eu, eu não gostava de ir pra escola, odiava. No dia que na hora que chegava a hora da pra ir pra escola eu já ficava pensando. Nossa quando eu chegar lá, vai acontecer isso, acontecer aquilo e (pausa). Quando eu chegava em casa éee eu ficava no meu quarto chorando. Porque era muito triste (SENSIBILIDADE).

A vivência após o *bullying* resultou nos escolares sentimentos desagradáveis, o sentimento que mais prevalece nos discursos desses foi o de tristeza. No caso de Empatia, observou-se que além de tristeza, a mesma apresentou apatia diante das coisas do dia a dia: “é eu fico assim sei lá...sem (pausa) ação para fazer as coisas. Porque a pessoa fica triste né?! (EMPATIA)”

A escolar Bondade demonstrou um sofrimento intenso no que se refere, ao evento que sofreu, relatou nervosismo e dificuldades em confiar nas pessoas: “então, hoje em dia, eu fico nervosa com qualquer coisinha. Eu não gosto... eu não consigo confiar tão fácil nas pessoas, é difícil” (BONDADE).

É considerável destacar que a maioria dos relatos apresentam sofrimento decorrentes das situações vivenciadas de *bullying* e que a longo prazo dois casos tiveram complicações psicológicas.

5.2.2.4 Impactos do *bullying*

A vitimização por *bullying* impacta em diferentes intensidades os escolares, embora quando questionados sobre as dificuldades que essa situação tem provocado em sua vida quatro terem afirmado que não tiveram nenhuma dificuldade, como pode ser observado nos enunciados a seguir: “acho que nenhuma assim” (CARIDADE). “Não, acho que não” (JUSTIÇA). “Não” (COMPAIXÃO). “Não (RESPEITO). Embora relatam que não possuem dificuldades devido a situação vivenciada, não afirmam com toda certeza.

Nos relatos a seguir as vítimas de *bullying* apresentam problemas internalizantes tais como vergonha, sintomas característicos de pistantrofobia, isolamento.

Eu acho que a parte de confiar nas pessoas. Porque depois disso, eu não consigo ter amigo, depois. Eu só confio nas pessoas que eu conheci antes. Tipo, pessoal que eu estudo hoje em dia... eu não conto da minha vida pessoal, essas coisas (BONDADE).

(Pausa) Eu fico... dificuldade é? Provoca, provoca vergonha (RESPONSABILIDADE). “Eu fico normal, mas tem vez que a pessoa se lembra ai a

pessoa fica isolada” (EMPATIA). Ainda na perspectiva dos impactos sofridos pelas vítimas de *bullying* Amabilidade apresentou em seu enunciado aborrecimento: “chateado...abalado” (AMABILIDADE).

No caso particular de Bondade, chama a atenção pelas consequências a longo prazo da situação de vitimização por *bullying*. Em relato posterior, a mesma afirmou que atualmente faz acompanhamento psicológico devido ter sido vítima de *bullying*, apresentando crises de ansiedade: “então, hoje eu dia eu tô...comecei a fazer terapia. Mas antigamente eu só ficava na minha mesma” (BONDADE).

Situação semelhante ocorreu com Sensibilidade, a mesma relatou ter sofrido de depressão, contudo, afirma que a situação de vitimização por *bullying* não lhe afeta mais atualmente.

Sim, (pausa) éee. Quando eu entrei em uma escola a maioria das meninas faziam *bullying* comigo. Ah! Não gostavam de mim eu que por meu jeito quieta, calada. Elas éeee (pausa) tipo me excluía e isso me deixou muito mal tanto é que eu comecei éeeee a ter depressão. Mas aí com o tempo sem fazer tratamento eu (pausa) fiquei boa (SENSIBILIDADE).

“Assim, hoje isso não me afeta não ligo muito não. Isso não me afeta mais não” (SENSIBILIDADE).

Atenta-se que os impactos produzidos pelo *bullying* na vida da vítima irão depender de uma multiplicidade de fatores, desse questões individuais, ambientais, relacionais, sociais, fatores de proteção, entre outros, todavia, sentimentos de vergonha, isolamento, chateação, tristeza desconfiança foram relatos comuns aos escolares.

5.2.3 Estratégias de enfrentamento

Abordam-se a seguir, as estratégias de enfrentamento do *bullying* no ambiente escolar, sob a perspectiva da vítima, diante disso, foram sequenciadas em três unidades: vítima, pais e a escola.

5.2.3.1 Suporte Social, retraimento e negação

Diante da exposição da situação de *bullying*, algumas vítimas buscaram por suporte social como forma de enfrentamento, tais como falar com os pais, avós, amigos: “eu não gosto. Eu só falo pra minha mãe e por meu pai” (RESPEITO). “Sim,

falo pra minha mãe, pra minha melhor amiga. Só pra essas duas pessoas que eu falo assim, que eu confio assim” (CARIDADE). “Sim, meu pai” (AMABILIDADE).

A maioria utilizou como forma de enfrentamento ao *bullying* o retraimento e a resignação, como, por exemplo, ignorando o agressor: “eu finjo que eles não estão falando comigo” (COMPAIXÃO). “Comigo assim, não sou muito de mim importar com essas coisas não. Pode é falar o tanto que quiser, porque eu não me abalo com essas coisas assim, eu não me importo não” (CARIDADE). “Eu fico calada. Não reajo” (SENSIBILIDADE). Ou em outras ocasiões, não procurando ajuda: “Não, procurei não. Fiquei isolada, não falava pra outras pessoas o que tava se passando” (SENSIBILIDADE).

Responsabilidade afirmou que fica triste e que em alguns momentos reage quando a situação ocorre: “eu fico triste. Tem vezes que eu reajo, tem vez que não” (RESPONSABILIDADE). Situação semelhante ocorre com Empatia:

Nam... eu fico queta no meu canto, mas, tem vez que eu também faço as coisa com eles. Tipo...eu mando eles parar. E também as minhas amiga briga com eles, eles bate neles. Ai sai correndo pra escola brigando com eles (EMPATIA).

De maneira geral, é perceptível que as vítimas de *bullying* possuem dificuldades em buscar ajuda quando essas situações ocorrem no ambiente escolar, principalmente solicitar auxílio da gestão escolar. Essa afirmação é verificada quando Responsabilidade declara que não solicita ajuda da escola porque não tem resolutividade: “procuro mais não adianta” (RESPONSABILIDADE).

Tendo em vista a dificuldade da vítima de *bullying* não requisitar ajuda, é essencial que a escola esteja atenta aos comportamentos e sentimentos dos alunos, para que assim, possa identificar quais alunos necessitam de apoio e, assim, criar estratégias de intervenção.

5.2.3.2 Passividade

Uma parcela dos pais desconhece que os filhos são vítimas de *bullying* no ambiente escolar: “não, minha mãe não sabe” (SENSIBILIDADE). Por outro lado, quando os escolares relatam tais situações de *bullying* na escola, os pais falam que é para eles não se importarem, que é normal: “sim, éee normal, só falam pra mim não dá atenção” (COMPAIXÃO). Situação semelhante é o que afirma Caridade:

“sabe, eles falam que não é pra mim importar que isso é só besteira assim, que não é pra mim me abalar com essas coisas” (CARIDADE).

Apenas um pai se dirigiu a escola para entender e buscar formas sobre a situação de vitimização da filha: “eles sabem, eu falo. Ele vem na escola e fala com a diretora. E fala com a aluna também (RESPEITO).

De maneira geral, verifica-se uma passividade dos pais em relação as situações que envolvem a vitimização por *bullying*, acreditando ser uma situação normal e tolerável no cotidiano da escola, o que muitas vezes, quando não se utiliza de estratégias eficazes, poderá se tornar uma situação naturalizada e com sérias consequências à vida dos estudantes.

5.2.3.3 Escola

Segundo os participantes da pesquisa, as escolas apresentaram algumas estratégias para lidar com o *bullying*. Especificamente uma escola da rede estadual, trabalha com projetos de vida, e, nesse âmbito, aborda temáticas como a do *bullying*. Outras trabalham de forma pontual, por meio de peças de teatro, palestras.

Esse ano sim, a gente teve um projeto para abordar isso. Teve peça teatral, bastante palestra. Então, aqui por bimestre tem sempre um projeto que tipo aborda algumas matérias e aí foi o primeiro projeto deste ano específico pra isso. Cada sala ficou com alguma coisa pra falar, se queria demonstrar, se queria cantar uma música, falar um poema, ou alguma coisa. Ai a gente trabalhou nisso por dois meses e meio só. Ai teve um dia específico que a gente teve as apresentações sobre isso. A gente é tava cantando uma música e eu apresentei tipo, a minha sala a gente abordou o assunto um pouquinho rápido na introdução, tipo uma fala sobre isso. Que a pessoa não tem que encarar isso sozinha pode procurar ajuda (BONDADE).

A escolar Sensibilidade afirmou sobre o mesmo projeto, e como esse projeto melhorou a convivência na escola, principalmente em casos de *bullying*.

Sim, aqui já. Teve até um projeto sobre *bullying*. É a gente fez unas pesquisa na escola pra saber se os alunos já sofreram *bullying* se já (pausa) desse *bullying* já ocorreu uma depressão, essas coisas assim. A maioria, a maioria já sofreu *bullying*. Sofrem, e a maioria não fala. Foi exposto pra escola, pro alunos todos. Na minha sala melhorou, porque, às vezes, tinha relatos de *bullying*, melhorou bastante (SENSIBILIDADE).

Abrir espaços dentro da escola para conversar sobre a temática e informar aos alunos sobre os profissionais que se deve procurar nos casos de *bullying* foi o que Caridade relatou.

Eles falaram sobre o *bullying*. Como era o ato de bulinar. Que era errado e tal. Que a pessoa procurasse uma pessoa...um psicólogo, um amigo, uma mãe, principalmente os pais. Eles davam conselho pra procurar os pais, o

amigo mais próximo que a gente confiasse pra gente conversar sobre o assunto e procurasse um psicólogo se a gente se sentisse mal (CARIDADE).

Embora, algumas escolas se posicionassem ativas em relação a implementar estratégias para lidar com o *bullying*, outras não realizavam nenhuma ação para lidar com a temática: “não” (RESPONSABILIDADE). “Eu acho que aqui nessa escola nunca teve não. Só na outra que eu estudava” (EMPATIA).

Sobre as estratégias que a escola poderia desenvolver para enfrentar o *bullying* no ambiente escolar, a maioria dos adolescentes participantes da pesquisa afirmaram que deve-se chamar a atenção do aluno e conversar: “sei lá...chamar os menino, conversar com eles, pra eles parar” (EMPATIA). “Conversar com ela, pra ela parar de fazer isso” (JUSTIÇA).

Bondade apresenta um plano de construir juntos estratégias de enfrentamento, algo horizontalizado: “tipo, deveria ouvir os alunos e pensar modos de agir juntos nessas situações (BONDADE). Sensibilidade aponta que a escola deveria estar mais ativa nestas situações, e envolver outros profissionais que possam auxiliar a escola.

Acho que (pausa) tomar alguma atitude, tipo é tentar conversar com a pessoa que pratica o *bullying* e com a pessoa que sofre ou então é (pausa) tentar trazer psicólogos pra escola pra conversar com esses alunos acho que essas coisas assim (SENSIBILIDADE).

Ao contrário das estratégias apresentadas, Responsabilidade relata que a direção da escola em situações de *bullying* deveria ter um posicionamento mais hostil diante dessas demandas: “reclamar e brigar” (RESPONSABILIDADE).

5.2.4 Potenciais reações a vítimas de *bullying* e agressores

5.2.4.1 Vítima

Sobre as potenciais reações a vítimas, a maioria dos escolares afirmaram que a vítima de *bullying* não deveria se importar com o agressor, quando esse está realizando o *bullying* como pode ser observado nos enunciados a seguir: “Pra ela não se importar com que os outros falam” (RESPONSABILIDADE). “Diria pra ela não dá muita atenção que uma hora ele vão se cansar, ai não vão mais eee fazer *bullying*” (COMPAIXÃO). “Que (pausa) não é pra se importar” (JUSTIÇA).

Eu daria conselho pra não se importar com essas coisas porque eu pelo menos não me importo com essas coisas. Ai eu também acho que você é você a outra pessoa. Quem tem que se importar com sua autoestima, seu jeito ser é você e não a outra pessoa. Eu daria esse conselho pra pessoa não se importar (CARIDADE).

Empatia aprofunda a sugestão da vítima em não se importar, afirma que possivelmente é o agressor que passa por problemas e não sabe como lidar com tais: “pra ela não se reprimir porque isso é só uma besteira, porque eles fala mais deve ser eles mermo que deve ta passando por alguma coisa assim” (EMPATIA).

Outro enunciado traz um posicionamento diferente dos apresentados anteriormente:

Eu não sei porque quando você tá sofrendo *bullying* você não quer falar com alguém né! E eu sei disso, porque eu já passei por isso, então eu acho que a gente tem que (pausa) sei lá tentar confortar aquela pessoa de uma maneira que ela não se sinta mal, não se sinta constrangida também (SENSIBILIDADE).

Por trás desse enunciado observa-se um olhar mais acolhedor para as vítimas de *bullying*. Outros enunciados referem-se que a vítima deve procurar uma figura de autoridade para ajudá-la, com pode ser verificado a seguir: “(pausa) hum (pausa) contar pros pais dela e falar com o amigo e com o pai e com a mãe (RESPEITO). “Falar para algum adulto” (AMABILIDADE).

Dependendo do caso por muitas pessoas elas sofrem *bullying* com os amigos e aceitam, eu diria pra se afastar. Agora eu acho que é se é uma pessoa que não é amiga dela e provoca eu acho que a gente tipo assim deveria sempre tentar conversa e se não resolver procurar na escola ir atrás de um diretor, ir atrás de uma pessoa que tem força e poder pra poder interferir (BONDADE).

Observa-se que diversos são os posicionamentos, a começar por não importar com o agressor, ou a violência sofrida, até solicitar ajuda de alguém.

5.2.4.2 Agressor

Sobre as potenciais reações ao agressor, os enunciados demonstram posicionamentos diferentes entre os participantes da pesquisa, referem-se que o agressor deveria parar, que essa atitude é feia, que causa magoa ao próximo, além disso, é uma atitude desagradável, o que pode ser verificado nos enunciados abaixo: “que isso é feio, não pode fazer isso não” (JUSTIÇA). “Pra não falar isso não, que isso magoa” (RESPONSABILIDADE). “Parar com isso. Porque é feio” (AMABILIDADE). “Pra elas parem. Porque se fossem com elas, ela não ia gostar” (COMPAIXÃO).

Bondade destaca que o agressor deveria buscar outras maneiras saudáveis de se relacionar com o próximo.

Ahh! Eu acho que (pausa). Eu acho que falaria que isso não é uma forma boa de se relacionar com os outros, que você pode mostrar o seu lado bom. Não tem porque você ficar assim ruim com as pessoas, não tem motivo. Se você sofreu de algum trauma você tem que tentar resolver por si só e não provocar traumas nos outros (BONDADE).

Os enunciados abaixo apontam sobre a necessidade do diálogo com o agressor sobre suas atitudes, como também porque podem estar sofrendo com algo.

Tentaria conversar com a pessoa né, porque não é uma coisa legal, porque tem gente que se sente mal, uma pessoa fazendo *bullying* com a outra. Então, não é uma coisa boa, legal assim. Dar conselho pra parar e pensar no que fez, pedir desculpas (CARIDADE).

“Eu acho que eu falaria pra ele que eu não tô nem ligando porque quem ele que pode ta passando por alguma coisa, mas assim, mas não sabe lidar e falar e desconta nas outra pessoa” (EMPATIA).

Teoricamente, cada escolar vivenciou de um modo singular a vitimização por *bullying*, seja por um agressor ou grupo de agressores. Poderão ou não apresentar consequências futuras, diante das agressões sistemáticas sofridas. Nesse segmento, serão discutidos os resultados obtidos a luz da literatura sobre a temática.

5.3 Paralelo entre os dados quantitativos e qualitativos

Neste tópico serão apresentadas a articulação entre os dados quantitativos e qualitativos, o que forneceu melhores possibilidades de análise.

Em relação a situação conjugal dos pais, na etapa quantitativa (59,7%) foi de casado/convivente, contudo, a partir das entrevistas, verificou-se que (55,6%) do entrevistados moram com um dos pais, como foi verificado por meio dos discursos de Caridade, Amabilidade, Bondade, Justiça e Responsabilidade, e (11,1%) reside com outra pessoa fora do seu elo familiar, como é o caso de Sensibilidade. Em relação a cor/raça, na etapa quantitativa e qualitativa os dados foram equivalentes, sendo (58,7%) e (55,6%) respectivamente.

Sobre a classe social, na etapa quantitativa, a maioria se declarou pertencer a classe média (70,9%), esse percentual foi superior na etapa qualitativa, em que (77,8%) dos escolares afirmaram pertencer a classe média. Com relação ao turno,

na etapa quantitativa (58,2%) estudava no turno da tarde e nas entrevistas (55,6%) estudava no turno manhã.

Sobre como se sente na escola, (62,2%) dos escolares afirmaram na etapa quantitativa se sentir bem neste local, no entanto, é interessante pontuar sobre a etapa qualitativa, que quando os escolares vivenciam situações de *bullying* na instituição, esses não pedem auxílio da escola para lidar com tais agressões, recorrem somente aos pais e amigos, tendo em vista, que esse fenômeno é típico do ambiente escolar.

Sobre a prevalência de vitimização por *bullying*, nesse estudo foi de (55,1%), embora na etapa qualitativa Sensibilidade, Responsabilidade, Justiça, Empatia, Compaixão, demonstrassem desconhecimento dos reais motivos de serem vítimas das intimidações, sugerindo que as agressões podem ter relação com algum aspecto da personalidade, como citado por Sensibilidade, que traz a timidez como um aspecto que a torna vulnerável dos atos de *bullying* ou até mesmo a cor da pele segundo Empatia. Em relação aos tipos de *bullying*, os dados quantitativos e qualitativos demonstraram que o *bullying* do tipo verbal é recorrente entre os escolares, na etapa qualitativa, por exemplo, verificou-se que apelidar pejorativamente foi a experiência de vitimização mais apontada pelos escolares Responsabilidade, Empatia, Compaixão, Caridade, Amabilidade, Justiça e Respeito, ainda que alguns dos adolescentes não reconheçam o uso de apelidos como um ato ofensivo, acreditando se tratar de uma “brincadeira”, como é o caso dos escolares Caridade e Compaixão, que julgam tais atos de agressão que acontecem com eles como brincadeira, o que pode sugerir que esses escolares possuem dificuldades em entender os limites entre uma brincadeira e situações que envolvem o *bullying*.

Não obstante, na etapa quantitativa, por meio da análise dos dados sociodemográficos três participantes afirmaram nunca terem sido vítimas de comportamentos de *bullying* no ambiente escolar, na ECVB esses escolares pontuaram alto no que se refere a vitimização por *bullying*, como pode ser verificado na Tabela 1. Além disso, as entrevistas desses, demonstram serem vítimas de *bullying* verbal, do tipo apelidar pejorativamente. Os agressores utilizaram como alvo as características das vítimas, tais como: cor da pele, aspectos dentofaciais, nome.

Cabe destacar que a diferença observada entre os dados sociodemográficos, ou seja, não se reconhecer como vítimas de *bullying* e pontuarem alto na ECVB, assim como, confirmar a vitimização por *bullying* por meio das entrevistas, sugere-se

que existe um desconhecimento por parte das vítimas sobre o que fato é o *bullying*, que situações determinam ser uma vítima de *bullying*, quem são os agressores. Diante desse fato, é importante considerar a necessidade de falar sobre o tema nas escolas, pontuando o que é julgado como comportamentos de *bullying*, tal como, quando alguém está sendo vítima de tais agressões e onde procurar ajuda.

No quadro 3, pode-se verificar melhor a comparação entre as pontuações e o relato qualitativo acerca da vitimização por *bullying*.

Quadro 3. Comparação entre a vitimização por *bullying* a partir da ECVB e das entrevistas semiestruturadas. José de Freitas, Piauí, 2020.

Nome Fictício	Idade (Anos)	Sexo	Vitimização por <i>bullying</i>	Cor/raça	Tipo de <i>Bullying</i> sofrido
Responsabilidade	13	Feminino	2,43	Parda	<i>Bullying</i> verbal
Empatia	12	Feminino	2,71	Preta	<i>Bullying</i> verbal
Compaixão	10	Feminino	2,14	Parda	<i>Bullying</i> verbal
Bondade	15	Feminino	2,43	Parda	<i>Bullying</i> social e psicológico
Caridade	14	Feminino	3,00	Parda	<i>Bullying</i> verbal
Amabilidade	14	Masculino	2,86	Preta	<i>Bullying</i> verbal
Sensibilidade	18	Feminino	1,86	Preta	<i>Bullying</i> social
Justiça	12	Feminino	2,14	Parda	<i>Bullying</i> Verbal
Respeito	12	Feminino	2,57	Preta	<i>Bullying</i> verbal

Fonte: A autora (2020).

Sobre a diferença entre sexo enquanto papel de vítima no comportamento de *bullying*, a etapa quantitativa revelou que a vitimização não difere ($U= 3842$, $p=0,20$) entre participantes do sexo feminino ($M= 0,89$) e masculino ($M=0,78$). Contudo, na etapa qualitativa, o percentual de vitimização foi maior no sexo feminino 88,9%, como pode ser verificado nas entrevistas de Responsabilidade, Empatia, Bondade, Respeito, Compaixão, Caridade, Justiça, Sensibilidade, todas do sexo feminino.

Sobre os adolescentes mais jovens estarem mais sujeitos aos comportamentos de *bullying*, na etapa quantitativa demonstrou que não existe uma

relação entre idade e vitimização por *bullying* ($r_s = -0,05$, $p = 0,26$). Nas entrevistas, as idades dos escolares que foram vítimas de *bullying* foram diferentes, correspondendo: Compaixão com 10 anos (11,1%), Empatia, Justiça e Respeito com 12 anos (33,4%), Responsabilidade com 13 anos (11,1%), Caridade e Amabilidade com 14 anos (22,2%), Bondade com 15 anos (11,1), Sensibilidade com 18 anos (11,1).

Em relação aos adolescentes escolares de cor/raça preta/parda estarem mais propensos a serem vítimas de *bullying*, os dados quantitativos demonstraram que a raça não possui qualquer influência na vitimização por *bullying* [$F(4,191) = 2,13$, $p = 0,07$]. Na etapa qualitativa, os escolares que sofreram vitimização por *bullying* referiram a cor da pele como uma característica que os deixam vulneráveis nesse tipo de agressão, segundo Amabilidade a cor preta da sua pele seria o motivo dos atos de *bullying*, sendo que o seu agressor de cor parda, utiliza de apelidos para poder humilhá-lo. Além disso, Empatia relata a cor da pele negra como uma característica que possa torná-la alvo das intimidações, ademais, apresenta uma visão de que a cor da pele possa interferir na possibilidade de conquistar algo na vida.

Embora, os dados quantitativos não demostrem que a raça/cor possui influência na vitimização por *bullying*, é relevante considerar que nas entrevistas esse dado sociodemográfico apresenta significância no caso de vitimização por *bullying*, uma vez que, as experiências relatadas por dois entrevistados sugerem que a vitimização por *bullying* sofridas possam ter relação com a cor de sua pele.

Em síntese, verificou-se que os dados convergiram sobre o tipo de *bullying* mais prevalente, isto é, o *bullying* do tipo verbal, foi referido como o mais preponderante tanto na ECVB como nas entrevistas. Cor/raça dos participantes foram semelhantes nas duas etapas. Em relação a idade dos escolares sobre a vitimização por *bullying* os dados confluíram, tanto adolescentes mais jovens quanto mais velhos podem ser vítimas das agressões.

Além disso, as informações obtidas por meio das entrevistas com os 09 escolares que estão entre os maiores percentuais na ECVB, como pode ser verificado na Tabela 1, serviram para confirmar o escore atingido na etapa quantitativa; como o ocorrido com Responsabilidade, Empatia, Compaixão, Caridade, Amabilidade, Justiça, Respeito, todos vítimas de *bullying* verbal, do tipo apelidar pejorativamente; Sensibilidade vítima de *bullying* social e Bondade vítima de

bullying social e psicológico. É interessante ressaltar que a escolar Sensibilidade apresentou o menor percentual de vitimização por *bullying*, embora na entrevista relate que o *bullying* teve como consequências: choro, isolamento, tristeza.

Todavia, os dados divergiram na situação conjugal dos pais, em que na ECVB a maioria dos escolares relataram que seus pais são casados, embora na etapa qualitativa apenas (33,3%) morarem com os pais na mesma casa. Sobre a classe social, houve um percentual maior na etapa qualitativa de escolares que referiram pertencer a classe média, na etapa quantitativa, esse percentual foi menor. A respeito do turno, houve divergência nas etapas, na etapa qualitativa, a maioria relatou estudar no turno tarde, enquanto na etapa quantitativa esse percentual foi maior no turno manhã.

Sentir-se bem no ambiente escolar, questão tratada na etapa quantitativa, contrapõe-se com o fato de não solicitar ajuda da gestão para lidar com situações de intimidação, o que pode sugerir que nem sempre o ambiente escolar está aberto e/ou preparado para dialogar e intervir em questões relacionadas a violência. Outro ponto de divergência está no fato da raça/cor não possuir influência na vitimização por *bullying*, embora as entrevistas confirmarem uma associação de vitimização por *bullying* com a cor/ raça.

6 DISCUSSÃO

Neste estudo o objetivo principal foi analisar a vitimização por *bullying* em adolescentes no contexto escolar. A seguir, encontra-se a discussão dos resultados à luz dos achados da literatura.

6.1 Prevalência do *bullying*

O *bullying* e a vitimização são fenômenos comuns na infância e adolescência, o que pode acarretar um sério impacto no bem-estar dos indivíduos (JANSEN et al., 2012). Os resultados dessa dissertação demonstraram que na população estudada (90,8%) (n= 178) relataram conhecer o fenômeno do *bullying*, além disso, (55,1%) (n= 108) referiram ter sofrido *bullying* na escola. No entanto, quando observada a frequência de vitimização por *bullying* através da ECVB esta parece ser pequena, essa diferença pode ser atribuída ao período de resposta da escala que leva em consideração os últimos 30 dias, enquanto que ao questionário sociodemográfico investiga sobre o *bullying* durante o tempo de vida.

A prevalência de vitimização por *bullying* foi elevada neste estudo (55,1%), sendo superior as pesquisas encontradas na literatura internacional e nacional, por exemplo, em pesquisa realizada pela OMS entre escolares de mais de 40 países, revelou que cerca de 14% de adolescentes com idade de 13 anos já sofreram com episódios de *bullying* nos últimos dois meses (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2008). No contexto brasileiro, de acordo com a PeNSE, foram verificadas taxas crescentes de vitimização por *bullying*, sendo que em sua primeira edição 5,4% dos estudantes nas capitais brasileiras relataram ter sofrido *bullying* e 7,2% na segunda edição (OLIVEIRA, et al., 2018). Já na terceira edição, 7,4% dos alunos relataram ter sofrido *bullying* nos últimos 30 dias (MALTA et al., 2019).

Em pesquisa realizada por Ramos-Jiménez et al. (2017), em uma cidade com altos índices de violência no México, verificou que a prevalência de *bullying* foi relatada por 38% das mulheres e 47% dos homens, resultados próximos aos encontrados nesse estudo. Constata-se que a prevalência de vitimização por *bullying* varia em diversos estudos e países (MALTA et al., 2019). Além do mais, variam dependendo de como essas taxas são medidas (CHEN; CHENG, 2013).

Em relação as pessoas com quem o escolar mora, na etapa qualitativa apresentou um maior percentual (55,6%) de escolares que residem com um dos

pais, ou seja, são filhos de pais separados e/ou viúvos. Diante desse dado, sugere-se que a situação conjugal dos pais pode impactar diretamente em situações que envolvem o *bullying*. Segundo, Chen et al. (2018) divórcio, separação, pais viúvos, renda familiar baixa, baixa escolaridade da mãe, desemprego está associado a maiores riscos de cyberbullying e outros tipos de vitimização.

6.2 Bullying verbal

Nesse estudo, constatou-se, que o *bullying*, do tipo verbal, foi o comportamento mais frequente entre os participantes. A utilização de apelidos pejorativos, principalmente quando se referiam há alguma característica da vítima, tais como: altura, nome, cor da pele podem ilustrar o predomínio desse tipo de *bullying* na população em estudo, corroborando, assim, com os relatos dos adolescentes nas entrevistas. Este achado coincide com outros estudos encontrados na literatura, em que o tipo verbal foi o mais predominante (WANG et al., 2009; BEATY et al., 2008; GARBIN et al., 2019).

Em estudo realizado por Machimbarrena e Garaigordobil (2018), visando analisar a prevalência de *bullying* e *cyberbullying* entre estudantes da 5^o e 6^o série do ensino fundamental, o que corresponde no Brasil o 6^o e 7^o ano do ensino fundamental II respectivamente, concluíram que o tipo de *bullying* mais frequente relatado pelas vítimas, agressores e espectadores são as agressões verbais, seguidas das agressões físicas.

Os achados desses estudos, a predominância do *bullying* do tipo verbal, contrastam um estudo realizado pela UNESCO (2019), em que refere o *bullying* físico como o tipo mais frequente em muitas regiões, com exceção da América do Norte e da Europa, em que o *bullying* psicológico é o mais comum. O *bullying* sexual é o segundo mais comum em muitas regiões. O *bullying* físico é mais comum entre os meninos, enquanto o *bullying* psicológico é mais prevalente entre as meninas (UNESCO, 2019). Ainda que haja uma diferenciação em termos de nomenclatura sobre o *bullying* psicológico e o verbal, é interessante pontuar que o *bullying* do tipo verbal também pode ter impactos psicológicos nas pessoas que estão envolvidas nessas agressões, o que faz com que ambos sejam muito próximos um do outro.

Nesse estudo, o *bullying* físico foi um episódio pouco frequente em relação aos tipos de *bullying*, pontuando em 04 nível de ocorrência, sugere-se que isso possa ser parcialmente explicável devido a política que preza pela tolerância zero a

agressões nas escolas. Resultado semelhante foi encontrado na pesquisa de Peres (2018), com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II, revelou que o *bullying* na forma de agressão física foi o menos frequente e o *bullying* psicológico/verbal foi o mais frequente.

6.3 Vitimização por *bullying* segundo sexo, idade, cor/raça

Os dados desse estudo mostraram que a vitimização por *bullying* não difere entre participantes do sexo masculino e feminino, o que pôde ser constatado também nos resultados qualitativos. Verificou-se que tanto escolares do sexo feminino, quanto do sexo masculino podem se tornar vítimas de *bullying*. Semelhante ao estudo de Costa et al. (2015), em Belo Horizonte que não encontrou diferença significativa entre os sexos. Assim como, o estudo de Peres (2018) e Kardioglu et al. (2018) que descobriram que não havia diferenças de gênero em termos de vitimização por *bullying*.

Contudo, em geral, os estudos apontam maior ocorrência de *bullying* em meninos do que em meninas (MOURA et al., 2011; MARCOLINO et al., 2018). No contexto brasileiro, estão mais propensos a vitimização por *bullying* adolescentes mais jovens, do sexo masculino, associado a situações de risco, como por exemplo: sofrer violência doméstica (MALTA et al., 2014). Corroborando com este achado, verifica-se também em contexto brasileiro, uma associação entre a vitimização na escola e variáveis sociodemográficas: ser do sexo masculino, mais jovem, com piores condições socioeconômicas, como filhos de mães sem estudo, que estudam na escola pública e trabalham. Favorecem, além disso, ambiente familiar inadequado, como agressão familiar, sem diálogos, sofrimento mental e escolares com uso regular do tabaco (MALTA et al., 2019).

Vale se destacar que embora se dê uma maior ênfase na vitimização masculina, apontada nos estudos nacionais e internacionais, realidade peculiar como a encontrada nessa pesquisa, deve ser levada em consideração, principalmente na promoção de políticas públicas de proteção condizentes com cada região.

Não foram observadas relação entre idade e vitimização por *bullying*. Resultado similar foi encontrado por Alavi et al. (2015), em uma pesquisa sobre *bullying*, que utilizou uma amostra de adolescentes encaminhados para consulta psiquiátrica, onde não encontraram uma associação entre idade e sofrer *bullying*.

Conforme apontam Santos et al. (2014), escolares de idades menores (13 e 14 anos) apresentaram um maior percentual de vitimização quando comparados com os de idades maiores. Esses autores evidenciam que com o aumento da idade diminui a probabilidade de vitimização por *bullying*.

Não foi verificada que a raça possui qualquer influência na vitimização por *bullying*, embora estudos apontem esta relação (PATTON et al., 2013; MELLO et al., 2016). Contrários aos dados desta pesquisa, estudos como o de Oliveira et al. (2015), realizado com dados provenientes de um inquérito epidemiológico, referem a cor da pele ou raça dos estudantes como significativamente causa para a vitimização por *bullying*. Esses mesmos autores relataram que negros sofrem *bullying* cerca de quatro vezes mais e indígenas até duas vezes mais.

6.4 Concepções sobre o Agressor

Os dados deste estudo mostraram que as vítimas de *bullying* tendem a enxergar os agressores como alguém que possui atitudes e um comportamento bastante negativo na escola, além de ser tipicamente popular, podendo agir individualmente ou em grupo. São em sua maioria colegas das vítimas, frequentam o mesmo espaço escolar, contudo, não fazem parte do círculo de amizades das mesmas. Alguns pesquisadores contemporâneos, como por exemplo Olthof et al. (2011), concordam que o fenômeno do *bullying* é uma tentativa de se obter uma posição poderosa dentro do grupo de pares.

De fato, parece provável que muitos dos agressores possuem a necessidade de ter um *status* mais forte do que seus pares (REIJNTJES et al., 2013). Além disso, existe uma relação entre narcisismo elevado e *bullying*, isto é, meninos altamente narcisista são mais propensos do que seus pares a mostrar envolvimento em *bullying* direto, observa-se assim, que o alto narcisismo pode ser considerado um fator de risco para *bullying* em meninos, mas não em meninas (REIJNTJES et al., 2016).

Corroborando com isso, os agressores possuem uma atitude positiva em relação à violência e à sua utilização. Caracterizam-se por ter uma elevada impulsividade e uma necessidade e gosto por dominar os outros (CARLOS, 2015). O agressor apresenta popularidade e liderança tanto no seu grupo quanto na sala de aula, condições indispensáveis para a escolha da vítima e obtenção do apoio dos pares (NASCIMENTO; MENEZES, 2013).

É importante considerar alguns aspectos psicológicos dos agressores, continuamente são hiperativos, possuem dificuldades de concentração, menor inteligência, desempenho escolar deficiente, são os principais responsáveis por levarem armas à escola, são tipicamente populares e enxergam sua agressividade como qualidade, podendo mostrar-se agressivos até mesmo com os adultos (ZEQUINÃO et al., 2016).

6.5 *Bullying* não é sinônimo de brincadeira

É comum algumas pessoas interpretarem o *bullying* como uma simples brincadeira, ou melhor, existe uma dificuldade em estabelecer as fronteiras entre os atos de intimidação e brincadeiras que ocorrem no ambiente escolar, além disso, tais pessoas interpretam a situação como algo natural dentro do processo de desenvolvimento do escolar. Em dois casos específicos Caridade e Compaixão acreditam que as situações de *bullying* que ocorrem com elas sejam uma brincadeira ou algo pontual, assim, como seus pais possuem esse mesmo entendimento, porém, é importante considerar que o *bullying* é algo maior, vai muito além de supostas brincadeiras dentro do espaço escolar. Assim, por se tratar de um fenômeno, esse encontra-se bem delimitado na literatura, não se deixando confundir com outras formas de violência, uma vez que pode provocar graves traumas emocionais (FERREIRA et al., 2009).

Por certo, há algumas décadas atrás o *bullying* era considerado meramente uma brincadeira ou coisa de criança, ou brincadeira de mau gosto, atualmente, é um comportamento estudado por diversos pesquisadores e traz impactos sérios, como por exemplo: homicídio, suicídio (FERREIRA et al., 2009).

Nascimento e Menezes (2013) constataram, em estudo realizado com 28 estudantes entre 16 a 18 anos do Ensino Médio de uma cidade de Recife-PE, que os significados produzidos sobre as práticas de intimidação em contexto escolar eram consideradas próprias da adolescência, concepção está dada tanto pelos alunos, quanto pelos docentes. Destaca-se ainda que por esse motivo, esse tipo de comportamento era naturalizado na convivência escolar ao serem apresentados como “brincadeiras”. Neste estudo, verificou-se segundo relatos dos escolares vitimizados, que as agressões aconteciam em sala de aula, no recreio (NASCIMENTO; MENEZES, 2013).

Esses achados confirmam os dados de Salmivalli, Voeten e Poskiparta (2011) e Zequinhão et al. (2016), que indicam a sala de aula como o principal local de ocorrência do *bullying*. De acordo com dados da UNESCO (2009) o *bullying* pode ocorrer dentro e fora das salas de aula, no entorno das escolas, no caminho e na volta da escola, assim como em ambientes virtuais. Nas ambiente escolar ocorre com frequência em locais como banheiros, vestiários, corredores e áreas recreativas, onde crianças e adolescentes são vistos ou supervisionados com menos frequência por professores e outros funcionários da escola.

6.6 Impactos do *bullying*

A vitimização por *bullying* é uma experiência que traz uma série de impactos a curto e a longo prazo para seus envolvidos. A maioria dos adolescentes participantes deste estudo relatam vergonha, isolamento, chateação, não conseguem confiar nas pessoas, além de apresentarem sentimento de tristeza, preponderante em todos os discursos dos escolares desta pesquisa. Pode-se inferir que algumas vítimas podem desenvolver um sofrimento psíquico imenso, ao ponto de necessitarem de intervenção psicológica e /ou psiquiátrica, como é o caso específico de Bondade. Sobre esse fato, Alavi et al. (2017) afirmam que existe uma alta prevalência de *bullying* em pacientes adolescentes que se apresentam nos serviços de emergência, sendo necessário uma atenção maior por parte dos médicos, no que diz respeito, a fazer perguntas sobre casos de *bullying* durante a avaliação de crianças e adolescentes, uma vez que tal fenômeno pode tornar-se um fator de risco potencial para ideação suicida nesses períodos.

Em outros casos, os estudantes relataram não apresentar dificuldades ou impactos decorrentes da vitimização por *bullying*. Sugere-se que possivelmente os fatores de proteção desses indivíduos sejam maiores, ou a resiliência dos mesmos possibilitaram superar o sofrimento psíquico imposto pela situação vivenciada. Tendo em vista que de acordo com Vaccari (2012) a resiliência, por não ser estática, imutável, é capaz de ser construída e reconstruída ao longo da vida, graças à possibilidade humana de aprender e de atribuir novos significados às experiências, conforme observado no relato de Sensibilidade.

De maneira geral, as pesquisas tem enfatizado diversos impactos que o *bullying* pode acarretar nas vida dos envolvidos, podendo ser de ordem física e ou psicológicas (TEIXEIRA et al., 2013). Com relação a este enunciado o estudo de

Isolan et al. (2013) evidenciou que crianças e adolescentes vítimas de *bullying* podem apresentar uma série de consequências, tais como dor de cabeça, dores abdominais, insônia, enurese noturna, depressão, ansiedade, faltar a escola, diminuição da performance acadêmica, agressão a si próprio, pensamentos e tentativas de suicídio.

Em um estudo realizado no Piauí buscando investigar a relação entre *bullying* e depressão infantil, concluiu que existe uma correlação positiva entre vitimização por *bullying* e depressão. Tal estudo, sugere que a criança ao sofrer tais agressões, possivelmente, poderá apresentar sintomatologia da depressão, sendo que o tipo de *bullying* verbal e físico é fortemente relacionadas à depressão (SOUZA et al., 2018).

Um estudo na Pensilvânia confirmou associação entre *bullying* verbal, físico e *cyberbullying* com o risco de suicídio, no entanto, o *bullying* verbal foi associado exclusivamente com a tentativa de suicídio (KODISH et al., 2016). Tais autores, atestam para a severidade do *bullying* verbal no que se refere à tentativa de suicídio. Ratifica-se que existem diversos fatores predisponentes para o suicídio na infância e adolescência, segundo Sousa et al. (2017), concluíram por meio de uma revisão sistemática, que problemas escolares como o *bullying* e o rendimento escolar ruim, são considerados propensos para o suicídio na adolescência.

É importante destacar que adolescentes envolvidos em *bullying* apresentam maior prevalência de automutilação e comportamento suicida em comparação com adolescentes não envolvidos (FORD et al., 2017). Em estudo empreendido por Guerreiro (2014) verificou que ser vítima de *bullying* é fator preditor de autolesão no sexo masculino.

Estudo anterior, realizado por Nylund et al. (2007) demonstrou uma associação entre *bullying* e tristeza, desesperança, solidão, depressão, ansiedade, insônia e pensamentos suicidas. Portanto, observa-se que a vitimização por *bullying* acarretam consequências que vão desde questões físicas, como também problemas de comportamento internalizantes.

Desse modo, fazendo uma comparação com adolescentes envolvidos ou não com o *bullying*, pode-se inferir que tal fenômeno torna-se um fator de risco para o desenvolvimento de comportamentos suicidas. Sobre este fato, Rivers e Noret (2013) concluíram em seu estudo que os estudantes que observaram o comportamento de *bullying* no ambiente escolar foram significativamente mais

propensos do que aqueles não envolvidos no *bullying* para relatar sintomas de sensibilidade interpessoal, indicar desamparo e potencial ideação suicida.

Igualmente a esses dados, em uma pesquisa realizada no Reino Unido sugeriu que os estudantes que observaram o *bullying* poderiam apresentar consequências negativas, podendo manifestar aumento no consumo de álcool, depressão, ansiedade, além de pensamentos suicidas (RIVERS; POTEAT, et al., 2009; RIVERS; NORET, 2010). Percebe-se, a partir dessas pesquisas anteriormente citadas que pessoas envolvidas no *bullying*, assim como as testemunhas do *bullying*, podem apresentar futuramente problemas de ordem psicológica, emocional, social. Em síntese, constata-se que o *bullying* impacta na saúde mental dos diferentes adolescentes presentes na escola e que possui uma associação significativa com a ideação suicida e o suicídio.

As pessoas vítimas dessa agressão apresentam maiores chances de desenvolver problemas como depressão, maiores probabilidades de consumo de tabaco, absenteísmo, relações sexuais desprotegidas, ideação e comportamentos suicidas além de problemas de ordem física (SKAPINAKI et al., 2011; ZOUL et al., 2013; AL-OMARI et al., 2014; ROMO et al., 2016; MORALES-RAMIREZ et al., 2017). Somando-se a isso, comprovou-se que a vitimização por *bullying* resulta em impactos para a economia, tendo em vista, o uso prolongado de serviços de saúde mental por pessoas vítimas dessas agressões (EVANS-LACKO et al., 2017; BRIMBLECOMBEA et al., 2016).

6.7 Estratégias de enfrentamento ao *bullying*

Neste estudo, constatou-se que entre as estratégias de enfrentamento ao *bullying* as vítimas afirmam buscar por suporte social, recorrendo aos pais, avós, amigos para falar sobre o ocorrido como forma de lidar com o problema. Contudo, a maioria se utilizou como estratégia de enfrentamento ao *bullying* o retraimento e a resignação, nos casos específicos de Compaixão, Caridade e Sensibilidade observou-se que as afirmações expressam a incapacidade dos escolares em lidar com o problema, assumem, desse modo, uma atitude indefesa. Além disso, em um outro momento Compaixão e Caridade negam a situação, quando se referem que se trata de uma brincadeira.

Existem ainda, as vítimas que reagem com agressividade, como os casos específicos de Responsabilidade e Empatia, que se utilizam de atitudes agressivas,

o que pode ser ações físicas ou verbais. De maneira geral, fica evidente que as vítimas possuem dificuldades em buscar ajuda quando essas situações ocorrem no ambiente escolar.

Resultados similares foram encontrados no estudo de Zequinão et al. (2016) em que os alunos participantes da pesquisa indicaram que as pessoas mais próximas a quem eles contam sobre as agressões sofridas são os pais ou responsáveis, mas as meninas os procuram em maior número que os meninos. Destacou-se ainda que muitos alunos não contaram a ninguém sobre as agressões sofridas, bem como não tiveram ninguém que os defendessem.

A literatura evidência que entre as razões nas quais as vítimas de *bullying* não contam a ninguém ou denunciam a violência que sofrem estão: a falta de confiança nos adultos, em particular professores, o medo de repercussões ou represálias, o sentimento de culpa, a vergonha ou confusão, e o receio de não serem levadas a sério ou de não saberem onde procurar ajuda (UNESCO, 2019).

Segundo os relatos de alguns participantes da pesquisa, seus pais desconhecem que os filhos são vítimas de *bullying*, ou quando sabem, ignoram a situação, solicitando que os filhos não se afetem com tais eventos. De fato, esses achados confirmam o que a literatura evidencia, que o *bullying* com frequência passa despercebido ou é ignorado pelos pais (UNESCO, 2019). Habitualmente, verifica-se uma passividade dos pais em relação as situações que envolvem a vitimização por *bullying*. Sobre este fato, o que se nota é que os pais desconhecem as características, causas e consequências do *bullying*, o que dificulta a identificação dos sinais de participação dos filhos como vítimas ou agressores e consequentemente, intervenções efetivas para lidar com o problema (SAWYER et al., 2011; WAASDORP et al., 2011).

Por certo, o *bullying*, com frequência é um fenômeno invisível ou ignorado por professores e parentes. Em alguns contextos, os adultos percebem a violência, o que inclui a punição física, brigas e o *bullying*, como uma parte normal da disciplina ou do processo de crescimento, e não reconhecem seus prejuízo (UNESCO, 2019). É interessante pontuar, que a existência de altas prevalências de vitimização por *bullying* pode ter relação com o fato de pais e professores caracterizarem essas agressões como algo normal durante o processo de crescimento das crianças e adolescentes (SILVA et al., 2019). De fato, quando não ocorre a identificação das diferentes formas de violências que ocorrem no ambiente escolar, ignorando-as ou

negando-as, conduz à sua justificação, manutenção ou reprodução (DÍAZ-AGUADO, 2015).

No que se refere as estratégias de enfrentamento do *bullying* pela escola, neste estudo constatou-se que as escolas que trabalham com esta temática se utilizam de diversos formatos de intervenção, tanto a nível pontual, como por exemplo: a utilização de palestras, dramatizações, como a nível contínuo, quando fazem parte do currículo das disciplinas. Estas intervenções a nível contínuo verificou-se uma melhor resolutividade nos casos de *bullying*, conforme aponta Sensibilidade, que afirmou que melhorou a convivência na escola após as intervenções.

É importante ressaltar que os melhores resultados quando se fala em intervenção no que se refere, ao *bullying*, são as ações articuladas que envolvem a escola, professores, alunos e famílias e não somente em sala de aula (SILVA et al., 2015). Porém, pontua-se, que as intervenções executadas pelos professores em sala de aula são indispensáveis para o enfrentamento e controle desse fenômeno (SILVA et al., 2015). Por outro lado, intervenções pontuais, como por exemplo, a utilização de palestras, não apresentam grande resolutividade. A literatura científica sugere que abordagens fragmentadas ou realizadas com recursos inadequados exercem pouco impacto sobre o *bullying* (SILVA, et al., 2015).

Desse modo, o que se pode considerar é que a escola tem papel imprescindível no combate ao *bullying*, visto que o ambiente de relações entre professores, pais e alunos tem por objetivo educar para a vida adulta, no sentido de aprender a ser tolerante, solidário, compartilhar, aprendendo a conviver com o outro e respeitando as diferenças (MALAFATTI; LOURENÇÃO, 2014). Estes autores reiteram afirmando que a ação de combate e prevenção ao *bullying* dentro do ambiente escolar deve conscientizar todos sobre o assunto, apoiar as vítimas, abordar o agressor sobre seus atos, garantir um ambiente seguro e sadio.

Neste estudo comprovou-se também que existem escolas que não realizam nenhum tipo de intervenção para lidar com o *bullying*. Essa comprovação é preocupante, tendo em vista o crescimento desse fenômeno no ambiente escolar, bem como, por atingir com mais intensidade escolares nas faixas etária iniciais (SILVA et al., 2015). No que se refere ao crescimento desse fenômeno, em um estudo de tendência temporal sobre *bullying* verbal, violência doméstica e envolvimento em brigas com armas entre adolescentes das capitais brasileiras de

2009 a 2015, observou-se um aumento de 10% para o *bullying* verbal, ou seja, o *bullying* verbal teve um aumento em todas as capitais brasileiras, exceto João Pessoa, na qual a vitimização por *bullying* verbal apresentou tendência estacionária (SILVA et al., 2019).

O que não se pode evitar é a necessidade de intervir na violência cada vez mais precocemente, a fim de preveni-la por meio da promoção de comportamentos saudáveis, impedindo, destarte, o desenvolvimento de problemas escolares e de saúde mental (MILLER et al., 2015).

Ttofi e Farrington (2011) constataram que programas de prevenção ao *bullying* nas escolas são eficazes, ou seja, programas mais intensivos que incluem reuniões de pais, métodos disciplinares firmes e melhor supervisão na hora do recreio, treinamento de professores. No que se refere aos métodos disciplinares firmes, destacam-se: conversar de forma séria com os agressores, privação de privilégios, conduzir o aluno para a diretoria (FARRINGTON; TTOFI, 2009). Tais autores reiteram que ao desenvolver novas políticas e práticas para reduzir o *bullying* no ambiente escolar, os formuladores de políticas e os profissionais devem basear-se em programas baseados em evidências de alta qualidade.

Além disso, considera-se que a aprendizagem de estratégias de enfrentamento assertivas, associada a um maior domínio emocional, representa um componente que pode cessar o ciclo de agressões e assim ampliar a qualidade das interações sociais e da vida das vítimas (KARASIMOPOULOU et al., 2012).

Uma grande parcela dos estudos que versam sobre a temática da vitimização por *bullying* se utilizam apenas de uma abordagem, quantitativa ou qualitativa, para o entendimento do fenômeno. Nesse estudo, os dados qualitativos complementam os achados quantitativos, o que possibilitou uma compreensão maior sobre a vitimização por *bullying* e abriu precedentes para analisar o cenário da saúde mental escolar e os impactos da violência neste contexto. Ao passo que na abordagem quantitativa permitiu apresentar dados diferentes encontrados na maioria dos estudos sobre o tema, como por exemplo: vitimização por *bullying* não difere entre participantes do sexo masculino e feminino, não existe uma relação entre idade e vitimização por *bullying*. Portanto, esse tipo de abordagem utilizada neste estudo amplia a visão sobre o fenômeno.

7 CONCLUSÃO

O *bullying* é um grave problema social que pode ser encontrado nas mais diferentes culturas. Ao se ter em consideração que o mesmo pode se tornar um fator de risco para o desenvolvimento de agravos à saúde de suas vítimas torna-se primordial o desenvolvimento de pesquisas voltadas para investigá-lo no intuito de embasar a elaboração de medidas interventivas. Assim, essa dissertação teve como objetivo geral analisar a violência entre pares no contexto escolar em relação aos comportamentos de vitimização por *bullying* em adolescentes.

A partir dos achados foi possível verificar uma alta prevalência da vitimização por *bullying* na amostra pesquisada. Porém, a vitimização não diferiu entre participantes do sexo masculino e feminino. Além disso, os resultados não demonstraram haver relação entre ser vítima de *bullying* com a idade e com a raça.

Esta pesquisa permitiu verificar algumas repercussões que a vitimização por *bullying* provoca nas vítimas, tais como: vergonha, isolamento, chateação, desconfiança, tristeza e sofrimento intenso. Ademais, identificaram-se certas estratégias de enfrentamento das vítimas, a exemplo da busca por suporte social. Todavia, a grande maioria dos indivíduos responde, diante das situações de *bullying*, a partir da resignação, retraimento e negação. Tais ações de enfrentamento expressam a incapacidade das vítimas em lidar com as agressões.

Em síntese, os dados da presente dissertação permitem concluir que a vitimização por *bullying* está presente em todos os locais, independentes de ser cidades do interior ou capital. Verifica-se uma dificuldade dos alunos em solicitar ajuda nos casos em que são vítimas dessas agressões. Ademais, o *bullying* gera diversos impactos emocionais nas vítimas, de modo que os pais e a escola precisam estar preparados para identificar e intervir de forma eficaz neste fenômeno. A partir do exposto verifica-se a importância de se conhecer e analisar o fenômeno do *bullying* em várias regiões do país, a fim de obter dados fidedignos e construir políticas públicas de proteção para os escolares que sofrem com este tipo de agressão.

Apesar das importantes contribuições que este estudo possa ter trazido, o mesmo não está livre de limitações. Por exemplo, os resultados ora encontrados não podem ser generalizados haja vista que se fez uso de uma amostra não

probabilística. Para mais, destaca-se que o instrumento utilizado na coleta de dados sobre o *bullying* não contempla a avaliação de situações de *cyberbullying*, um tipo de agressão que tem aumentado nos dias de hoje, principalmente com a utilização das mídias sociais.

Quanto aos estudos futuros, sugere-se o desenvolvimento de pesquisas que busquem analisar como os fatores escolares estão relacionados à vitimização por *bullying*. Isto permitiria entender qual a relação entre as características da escola com a prevalência do *bullying* tendo em vista que o espaço escolar é um dos principais contextos onde ocorre o desenvolvimento psicossocial dos escolares. Portanto, seria essencial analisar os fatores de risco e proteção que estão presentes no contexto estudantil.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M. **Programa de prevenção à violência nas escolas violências nas escolas: violência nas escolas**. BRASIL: FLACSO, 2015. Disponível em: <http://flacso.org.br/files/2015/08/Violencias-nas-Escolas.pdf>. Acesso em 12 mai. 2020.

ALAVI, N.; RESHETUKHA, T.; PROST, E.; ANTONIAK, K.; PANTEL, C.; SAJID, S.; GROLL, D. Relationship between Bullying and Suicidal Behaviour in Youth presenting to the Emergency Department. **Journal of the Canadian Academy of Child and Adolescent Psychiatry**, v. 26, n. 2, p. 70-77, 2017. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/28747929>. Acesso em 12 mai. 2020.

ALAVI, N.; ROBERTS, N.; SUTTON, C.; AXAS, N.; REPETTI, L. Bullying victimization (being bullied) among adolescents referred for urgent psychiatric consultation: Prevalence and association with suicidality. **The Canadian Journal of Psychiatry**, v. 60, n. 10, p. 427- 431, 2015. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4679118/>. Acesso em 12 mai. 2020.

ALBDOUR, M.; KROUSE, H. J. Bullying and Victimization Among African American Adolescents: A Literature Review. **Journal of Child and Adolescent Psychiatric Nursing**, v. 27, n. 1, p. 68-82, 2014. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/jcap.12066>. Acesso em 12 mai. 2020.

AL-BITAR, Z. B.; AL-OMARI, I. K.; SONBOL, H. N.; AL-AHMAD, T.; CUNNINGHAM S. J. Bullying among Jordanian schoolchildren, its effects on school performance, and the contribution of general physical and dentofacial features. **American Journal of Orthodontics and Dentofacial Orthopedics**, v. 144, n. 6, p. 72-878, 2013. Disponível em: [https://www.ajodo.org/article/S0889-5406\(13\)00830-5/fulltext](https://www.ajodo.org/article/S0889-5406(13)00830-5/fulltext). Acesso em 12 mai. 2020.

AL-OMARI, I. K.; AL-BITAR, Z. B.; SONBOL, H. N.; AL-AHMAD, H. T.; CUNNINGHAM, S. J.; AL-OMIRI, M. Impact of bullying due to dentofacial features on oral health-related quality of life. **American journal of orthodontics and dentofacial orthopedics**, v. 146, n. 6, p. 735-739, 2014. Disponível em: <https://www.ajodo.org/action/showPdf?pii=S0889-5406%2814%2900783-5>. Acesso em 12 mai. 2020.

ANGROSSINO, M. **Etnografia e observação participante**. São Paulo: Artmed, 2009.

ARAÚJO, L. S.; COUTINHO, M. P. L.; MIRANDA, R. S.; SARAIVA, E. R. A. Universo consensual de adolescentes acerca da violência escolar. **PsicoUSF**, Campinas, v. 17, n. 2, p. 243-51, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pusf/v17n2/v17n2a08.pdf>. Acesso em 12 mai. 2020.

BANDEIRA, C. de M.; HUTZ, C. S. Bullying: prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 16, n. 1, p. 35 - 44, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pee/v16n1/04.pdf>. Acesso em 13 mai. 2020.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BÄRNIGHAUSEN, T.; TUGWELL, P.; RØTTINGEN, J.-A.; SHEMILT, I.; ROCKERS, P.; GELDSETZER, P.; LAVIS, J.; GRIMSHAW, J.; DANIELS, K.; BROWN, A.; BOR, J.; TANNER, J.; RASHIDIAN, A.; BARRETO, M.; VOLLMER, S.; ATUN, R. Quasi-experimental study designs series-paper 4: Uses and value. **Journal of clinical epidemiology**, v. 89, n. 1, p. 21-29, 2017.

Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0895435617302834>. Acesso 13 mai. 2020.

BEATY, L. A.; ALEXEYEV, E. B. The problem of school bullies: what the research tells us. **Adolescence**, v. 43, n. 1, p. 1-11, 2008. Disponível em: <https://www.njbullying.org/documents/beaty-adolesc-research3-08.pdf>. Acesso 13 mai. 2020.

BENDER, D.; LÖSEL, F. Bullying at school as a predictor of delinquency, violence and other anti-social behaviour in adulthood. **Criminal Behaviour and Mental Health**, v. 21, n. 2, p. 99-106, 2011.

Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1002/cbm.799>. Acesso 13 mai. 2020.

BERGER, K. S. Update on bullying at school: Science forgotten? **Developmental review**, v. 27, n. 1, p. 90-126, 2007. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S027322970600061X>. Acesso 13 mai. 2020.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Aprova normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília: Diário Oficial da União, [2013]. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 24 out. 2019.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente e normas correlatas**. Lei Federal nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Brasília: Presidência da República, [2016]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm. Acesso em: 24 out. 2019.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2009**. Rio de Janeiro: IBGE, [2009]. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv43063.pdf>. Acesso em: 9 fev. 2020.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2012**. Rio de Janeiro: IBGE, [2013]. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv64436.pdf>. Acesso em: 9 fev. 2020.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2015**. Rio de Janeiro: IBGE, [2016]. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv97870.pdf>. Acesso em: 9 fev. 2020.

BRASIL. **LEI Nº 13.185, DE 6 DE NOVEMBRO DE 2015**. Brasília: Presidência da República, [2015]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/ Ato2015-2018/2015/Lei/L13185.htm. Acesso em: 24 out. 2019.

BRASIL. **LEI Nº 13.277, DE 29 DE ABRIL DE 2016**. Brasília: Presidência da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2015-2018/2016/Lei/L13277.htm. Acesso em: 24 out. 2019.

BRASIL. **LEI Nº 13.663, DE 14 DE MAIO DE 2018**. Brasília: Presidência da República, [2018]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ ato2015-2018/2018/lei/L13663.htm. Acesso em: 24 out. 2019.

BRASIL. **Prevenção do suicídio: manual dirigido a profissionais das equipes de saúde mental**. Brasília: Ministério da Saúde, [2006]. Disponível em: http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_editoracao.pdf. Acesso em: 24 out. 2019.

BRIMBLECOMBEA, N.; EVANS-LACKO, S.; KNAPP, M.; KING, D.; TAKIZAWA, R.; MAUGHAN, B.; ARSENEAULT, L. Long term economic impact associated with childhood bullying victimisation. **Social Science & Medicine**, v. 208, n.1, p. 134-141, 2018. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0277953618302491>. Acesso 13 mai. 2020.

CÂMARA, R. H. Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, São João Del-Rei v. 6, n. 2, p. 179-191, 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v6n2/v6n2a03.pdf>. Acesso 13 mai. 2020.

CANDELL, A.; CURTO, R. M. **Como se comportar na escola**. Barcelona: Escala Educacional, 2009.

CARLOS, J. P. C. S. **Bullying na adolescência: perfil psicológico de agressores, vítimas e observadores**. 2015. Dissertação (Mestrado Integrado em Psicologia) - Universidade de Lisboa, Lisboa, 2015.

CARVALHO, Sara Castro de. **Violência entre pares em escolas públicas: análise do bullying entre adolescentes e fatores associados**. 2018. Dissertação (Mestrado em Saúde e Comunidade) -Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2018.

CASTILHOS, C. B.; SCHNEIDER, B. C.; MUNIZ, L. C.; ASSUNÇÃO, M. C. F. Qualidade da dieta de jovens aos 18 anos de idade, pertencentes à coorte de nascimentos de 1993 da cidade de Pelotas (RS), Brasil. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 11, p. 3309-3318, 2015. Disponível em:

<https://www.scielo.br/pdf/csc/v20n11/1413-8123-csc-20-11-3309.pdf>. Acesso 13 mai. 2020.

CHAVES, D. R. L.; SOUSA, M. R. de. *Bullying* e preconceito: a atualidade da barbárie. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 23, n. e230019, p.1-8, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v23/1809-449X-rbedu-23-e230019.pdf>. Acesso 13 mai. 2020.

CHEN, LI-M.; CHENG, YING-Y. Prevalence of school bullying among secondary students in Taiwan: Measurements with and without a specific definition of bullying. *School Psychology International*, v. 34, n. 6, p. 707-720, 2013. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0143034313479694>. Acesso 13 mai. 2020.

CHEN, Q.; LO MING, C. K.; ZHU, Y.; CHEUNG, A.; KO LING, C.; IP, P. Family poly-victimization and cyberbullying among adolescents in a Chinese school sample. **Child Abuse & Neglect**, v. 77, n. 1, p. 180-187, 2018. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0145213418300279?via%3Dihub>. Acesso 13 mai. 2020.

CID-10-Classificação dos Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10: Descrições clínicas e Diretrizes Diagnósticas. Porto Alegre: Artes Médicas, 2011.

COSTA, Inês Alexandra Nabiça Cardoso da. **Adolescência: Ideação suicida, depressão, desesperança e memórias autobiográficas**. 2012. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Instituto Universitário Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida, Portugal, 2012.

COSTA, M. R.; XAVIER, C. C.; ANDRADE, A. C.; PROIETTI, F. A.; CAIAFFA, W. T. Bullying among adolescents in a Brazilian urban center - "Health in Beagá Study". **Revista de Saúde Pública**, v. 49, n. 56, p. 1-10, 2015. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4544416/>. Acesso 13 mai. 2020.

DEAN, A. G.; DEAN, J. A.; COULOMBIER, D.; BRENDEL, K. A.; SMITH, D.C.; BURTON, A. H.; et al. Epi-Info, Version 7.2.2.6: **A Word Processing, Database, and Statistics Program for Epidemiology on Microcomputers**. Atlanta: Centers of Disease Control and Prevention, 2018.

DÍAZ-AGUADO, M. J. **Da violência escolar à cooperação na sala de aula**. São Paulo: Editora Adonis, 2015.

DUY, B. Teachers' Attitudes toward different types of bullying and victimization in turkey. **Psychology in the Schools**, v. 50, n. 10, p. 987-1002, 2013. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/pits.21729>. Acesso 13 mai. 2020.

EISENSTEIN, E. Adolescência: definições, conceitos e critérios. **Adolescência & Saúde**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, 2005. Disponível em: <https://s3-sa-east-1.amazonaws.com/publisher.gn1.com.br/adolescenciaesaude.com/pdf/v2n2a02.pdf>. Acesso 13 mai. 2020.

EVANS-LACKO, S.; TAKIZAWA, R.; BRIMBLECOMBE, N.; KING, D.; KNAPP, M.; MAUGHAN, B.; ARSENEAULT, L. Childhood bullying victimization is associated with use of mental health services over five decades: a longitudinal nationally representative cohort study. **Psychological medicine**, v. 47, p. 127-135, 2017. Disponível em:

http://eprints.lse.ac.uk/67316/1/Evans_Lacko_Childhood%20bullying.pdf.

Acesso 13 mai. 2020.

FANTE, C.; PEDRA, J. A. **Bullying escolar: perguntas e respostas**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FARRINGTON, D. P.; TTOFI, M. M. School-based programs to reduce bullying and victimization. **Campbell Systematic Reviews**, v. 6, p. 1-148. Disponível em:

<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.4073/csr.2009.6>. Acesso 16 mai. 2020.

FEIJOO, A. M. L. C. de. Suicídio: uma compreensão sob a ótica da Psicologia existencial. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 71, n. 1, p. 158-173, 2019. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arbp/v71n1/12.pdf>. Acesso 13 mai. 2020.

FELIX, E. D.; SHARKEY, J. D.; GREEN, J. G.; FURLONG, M. J.; TANIGAWA, D. Getting precise and pragmatic about the assessment of bullying: The development of the California Bullying Victimization Scale. **Aggressive Behavior**, v. 37, p. 234-247, 2011. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/ab.20389>. Acesso 13 mai. 2020.

FERREIRA, V. A. V.; JUNQUEIRA, R. P.; GRACIOLI, M. M. *Bullying – agressão invisível: as representações de alunos e professores de escolas de ensino fundamental da cidade de Ituverava*. **Nucleus**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 355-364, 2009. Disponível em:

<http://www.nucleus.feituverava.com.br/index.php/nucleus/article/view/307/328>.

Acesso 13 mai. 2020.

FIELD, A. **Descobrimo a Estatística Usando o SPSS**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FIGARO, R. A triangulação metodológica em pesquisas sobre a Comunicação no mundo do trabalho. **Revista Fronteiras**, São Leopoldo, v. 16, n. 2, p. 124-131, 2014. Disponível em:

<http://revistas.unisinus.br/index.php/fronteiras/article/viewFile/fem.2014.162.06/4196>.

Acesso 13 mai. 2020.

FORD, R.; KING, T.; PRIEST, N.; KAVANAGH, A. Bullying and mental health and suicidal behaviour among 14- to 15-year-olds in a representative sample of Australian children. **Australian & New Zealand Journal of Psychiatry**, v. 51, n. 9, p. 897-908, 2017. Disponível em:

<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0004867417700275>. Acesso 13 mai. 2020.

FREIRE, A. N. E.; AIRES, J. S. A contribuição da psicologia escolar na prevenção e no enfrentamento do Bullying. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 16,

n. 1, p. 55-60, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pee/v16n1/06.pdf>. Acesso 13 mai. 2020.

FUNDAÇÃO CEPRO. **Lei Complementar nº 87, de 22/08/2007 Piauí-Anuário Estatístico do Piauí – 2001**. Piauí: Governo do Estado, [2001]. Disponível em: http://www.cepro.pi.gov.br/download/201309/CEPRO27_0b2c82f290.pdf. Acesso 13 mai. 2020.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA-UNICEF. **Situação Mundial da Infância 2011: Adolescência uma fase de oportunidades**. Nova York: Hatteras Press, 2011. Disponível em: <http://pfdc.pgr.mpf.mp.br/atuacao-e-conteudos-de-apoio/publicacoes/crianca-e-adolescente/situacao-mundial-da-infancia-2011>. Acesso 13 mai. 2020.

GARBIN, C. A. S.; TERUEL, G.P.; COSTA, A.A.; SALIBA, T.A.; GARBIN, A.J.I. Bullying and its correlation with the quality of life of adolescents. **Plural- Revista De Ciências Sociais**, São Paulo, v.5, n. 3, p. 40-53, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/rcp/article/view/17115/12231>. Acesso 13 mai. 2020.

GEEL, M. V.; VEDDER, P.; TANILON, J. Relationship between peer victimization, cyberbullying, and suicide in children and adolescents: A meta-analysis. **JAMA Pediatrics**, v. 168, n. 5, p. 435-442, 2014. Disponível em: <https://jamanetwork.com/journals/jamapediatrics/fullarticle/1840250>. Acesso 13 mai. 2020.

GREENLEAF, C.; PETRIE, T. A.; MARTIN, S. B. Relationship of weight-based teasing and adolescents' psychological well-being and physical health. **Journal of School Health**, v. 84, n. 1, p. 49-55, 2014. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/josh.12118>. Acesso 13 mai. 2020.

GUERREIRO, Diogo Frasquilho. **Comportamentos autolesivos em adolescentes: características epidemiológicas e análise de fatores psicopatológicos, temperamento afetivo e estratégias de coping**. 2014. Tese (Tese de doutorado não publicada) - Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2014.

HAWKER, D. S. J.; BOULTON, M. J. Twenty years' research on peer victimization and psychosocial mal-adjustment: A meta-analytic review of cross-sectional studies. **Journal of Child Psychology and Psychiatry**, v. 41, n. 4, p. 441-455, 2000. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/1469-7610.00629?sid=nlm%3Apubmed>. Acesso 13 mai. 2020.

HEIDEMANN, M. **Adolescência e saúde: uma visão preventiva para profissionais de saúde e educação**. Petrópolis: Vozes, 2006.

HIDALGO-RASMUSSEN C.; MOLINA, T; MOLINA, R.; SEPÚLVEDA, R. MARTÍNEZ, V.; MONTAÑO, R.; GONZÁLEZ, E.; GEORGE, M. Bullying y calidad de vida relacionada con la salud em adolescentes escolares chilenos. **Revista Médica de Chile**, v. 143, n. 6, p. 716-23, 2015. Disponível em: <https://scielo.conicyt.cl/pdf/rmc/v143n6/art04.pdf>. Acesso 13 mai. 2020.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/jose-de-freitas/panorama>. Acesso em: 20 jan. 2020.

ISOLAN, L.; SALUM, G. A.; OSOWSKI, A. T.; ZOTTIS, G. H.; MANFRO, G. G. Victims and bully-victims but not bullies are groups associated with anxiety symptomatology among Brazilian children and adolescents. **European Child & Adolescent Psychiatry**, v. 22, n. 10, p. 641-648, 2013. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s00787-013-0412-z>. Acesso 13 mai. 2020.

JANSEN, P. W.; VERLINDEN, M.; BERKEL, A. D.; MIELOO, C.; ENDE, J. V.; VEENSTRA, R.; VERHULST, F. C.; JANSEN, W. TIEMEIER, H. Prevalence of bullying and victimization among children in early elementary school: Do Family and school neighbourhood socioeconomic status matter? **BMC Public Health**, v. 12, n. 1, p. 494, 2012. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3575320/>. Acesso 13 mai. 2020.

KADIROĞLU, T.; HENDEKC, A.; TOSUN, O. Investigation of the relationship between peer victimization and quality of life in school-age adolescents. **Archives of Psychiatric Nursing**, v. 32, n.1, p. 850-854, 2018. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0883941716301571>. Acesso 13 mai. 2020.

KARASIMOPOULOU, S.; DERRI, V.; ZERVOUDAKI, E. Children's perceptions about their health-related quality of life: effects of a health education–social skills program. **Health Education Research**, v. 27, n. 5, p. 780-793, 2012. Disponível em: <https://academic.oup.com/her/article/27/5/780/580747>. Acesso 13 mai. 2020. Acesso 13 mai. 2020.

KODISH, T.; HERRES, J. SHEARER, A.; ATTE, T.; FEIN, J.; DIAMOND, G. Bullying, Depression, and Suicide Risk in a Pediatric Primary Care Sample. **Crisis**, v. 37, n. 3, p. 241-246, 2016. Disponível em: <https://econtent.hogrefe.com/doi/pdf/10.1027/0227-5910/a000378>. Acesso 13 mai. 2020.

KRUG, E. G.; DAHLBERG, L. L.; MERCY, J. A.; ZWI, A. B.; LOZANO, R. **Relatório mundial sobre violência e saúde**. Geneva: Organização Mundial da Saúde, 2002. Disponível em: <https://opas.org.br/wp-content/uploads/2015/09/relatorio-mundial-violencia-saude.pdf>. Acesso 13 mai. 2020.

LEDWELL, M.; KING, V. Bullying and Internalizing Problems Gender Differences and the Buffering Role of Parental Communication. **Journal of Family Issues**, v. 34, n. 6, p. 792-803, 2015. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0192513X13491410>. Acesso 13 mai. 2020.

LOPES, N. A. A. Bullying. **Adolescência & Saúde**, Rio de Janeiro, n. 4, v. 3, p. 51-56, 2007. Disponível em: <https://s3-sa-east-1.amazonaws.com/publisher.gn1.com.br/adolescenciaesaude.com/pdf/v4n3a10.pdf>. Acesso 13 mai. 2020.

MACHIMBARRENA, J. M.; GARAIGORDOBIL, M. Acoso y ciberacoso en educación primaria. **Psicología Conductual**, v. 26, n. 2, p. 263-280, 2018. Disponível em: <https://www.behavioralpsycho.com/producto/acoso-y-ciberacoso-en-educacion-primaria/>. Acesso 13 mai. 2020.

MALAFATTI, J. de F.; LOURENÇÃO, H. J. Prática e combate ao *bullying* em escolas públicas de ensino médio. **Trilhas Pedagógicas**, Pirassununga, v. 4, n. 4, p. 128-140, 2014. Disponível em: <http://www.fatece.edu.br/arquivos/arquivos%20revistas/trilhas/volume4/9.pdf>. Acesso 13 mai. 2020.

MALTA, D. C.; CAMPOS, M. O.; PRADO, R. R.; ANDRADE, S. S. C.; MELLO, F. C. M.; DIAS, A. J. R.; BOMTEMPO, D. B. Uso de substâncias psicoativas, contexto familiar e saúde mental em adolescentes brasileiros, Pesquisa Nacional de Saúde dos Escolares (PeNSE 2012). **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v. 17, n. supl. 1, p. 46-61, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/rbepid/v17s1/pt_1415-790X-rbepid-17-s1-00046.pdf. Acesso 13 mai. 2020.

MALTA, D. C.; MELLO, F. C. M. de; PRADO, R. R. do; SÁ, A. C. M. G. N.; MARINHO, F.; PINTO, I. V.; SILVA, M. M. A. da; SILVA, M. A. I. Prevalência de *bullying* e fatores associados em escolares brasileiros, 2015. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 4, p. 1359-1368, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csc/v24n4/1413-8123-csc-24-04-1359.pdf>. Acesso 13 mai. 2020.

MALTA, D. C.; PORTO, D. L.; CRESPO, C. D.; SILVA, M. M. A.; ANDRADE, S. S. C.; MELLO, F. C. M.; MONTEIRO, R.; SILVA, M. A. I. Bullying em escolares brasileiros: análise da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE 2012). **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v. 17, n. supl. 1, p. 92-105, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/rbepid/v17s1/pt_1415-790X-rbepid-17-s1-00092.pdf. Acesso 13 mai. 2020.

MALTA, D. C.; SILVA, M. A. I.; MELLO, F. C. M.; MONTEIRO, R. A.; SILVA, C.; SARDINHA, L. M.; CRESPO, C.; CARVALHO, M. G.; SILVA, M. M. A.; PORTO, D. L. *Bullying* nas escolas brasileiras: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar, 2009. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, n. Supl. 2, p. 3065-3076, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csc/v15s2/a11v15s2.pdf>. Acesso 13 mai. 2020.

MARCOLINO, E. de C.; CAVALCANTI, A. L.; PADILHA, W. W. N.; MIRANDA, F. A. N. de; CLEMENTINO, F. de S. BULLYING: Prevalence And Factors Associated With Victimization And Aggression In The School Quotidian. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 27, n. 1, p. 1-10, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/tce/v27n1/0104-0707-tce-27-01-e5500016.pdf>. Acesso 13 mai. 2020.

MARK, L.; VARNIK, A.; SISASK, M. Who suffers most from being involved in bullying-bully, victim, or bully-victim? **Journal of School Health**, v. 89, n. 2, p. 36-

144, 2019. Disponível em:

<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/josh.12720>. Acesso 13 mai. 2020.

MELO, E. M. de. **Podemos prevenir a violência teorias e práticas**. Brasil: Organização Panamericana da Saúde, 2010.

MELLO, F. C. M.; MALTA, D. C.; PRADO, R. R. do; FARIAS, M. S.; ALENCASTRO, L. C. da S.; SILVA, M. A. I. *Bullying* e fatores associados em adolescentes da Região Sudeste segundo a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v. 19, n. 4, p. 866-877, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbepid/v19n4/1980-5497-rbepid-19-04-00866.pdf>. Acesso 13 mai. 2020.

MELLO, F. C. M.; SILVA, J. L. do; OLIVEIRA, W.B. de; PRADO, R. R. do; MALTA, D. C. SILVA, M. A. I. The practice of bullying among Brazilian schoolchildren and associated factors, National School Health Survey 2015. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 9, p. 2939-2948, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csc/v22n9/1413-8123-csc-22-09-2939.pdf>. Acesso 15 mai. 2020.

MELLO, F. C. M.; MALTA, D. C.; SANTOS, M. G.; SILVA, M. M. A.; SILVA, M. A. I. Evolução do relato de Sofrer *bullying* entre escolares brasileiros, Pesquisa Nacional de Saúde - 2009 a 2015. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo v. 21, n. supl. 1, p. 1-10, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbepid/v21s1/1980-5497-rbepid-21-s1-e180015.pdf>. Acesso 13 mai. 2020.

MILLER, S.; WILLIAMS, J.; CUTBUSH, S.; GIBBS, D.; CLINTON-SHERROD, M.; JONES, S. Evaluation of the Start Strong Initiative: preventing teen dating violence and promoting healthy relationships among middle school students. **Journal of Adolescent Health**, v. 56, n. 1, p. S14-S19, 2015. Disponível em: <https://www.jahonline.org/action/showPdf?pii=S1054-139X%2814%2900712-5>. Acesso 13 mai. 2020.

MINAYO, M. C. S. **Violência e saúde**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006.

MORALES-RAMÍREZ, E. M.; CORDERO, M. V. El impacto del bullying en el desarrollo integral y aprendizaje desde la perspectiva de los niños y niñas en edad preescolar y escolar. **Revista Electronic@ Educare**, v. 21, n. 3, p. 1-20, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.una.ac.cr/index.php/EDUCARE/article/view/7816/11489>. Acesso 13 mai. 2020.

MOREIRA, L. C. de O.; BASTOS, P. R. H. de O. Prevalência e fatores associados à ideação suicida na adolescência: revisão de literatura. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 445-453, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pee/v19n3/2175-3539-pee-19-03-00445.pdf>. Acesso 13 mai. 2020.

MOURA, D. R.; CRUZ, A. C. N.; QUEVEDO, L. A. Prevalência e características de escolares vítimas de bullying. **Jornal de Pediatria**, Porto Alegre v. 87, n. 1, p.19-23, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/jped/v87n1/v87n01a04.pdf>. Acesso 13 mai. 2020.

MOZZATO, A. R.; GRZYBOVSKI, D. Análise de Conteúdo como Técnica de Análise de Dados Qualitativos no Campo da Administração: Potencial e Desafios. **RAC - Revista de Administracao Contemporanea**, Curitiba, v. 15, n. 4, p. 731-747, 2011. Disponível em: <https://scielo.br/pdf/rac/v15n4/a10v15n4.pdf>. Acesso 13 mai. 2020.

NASCIMENTO, A. M. T.; MENEZES, J. de A. Intimidações na adolescência: expressões da violência entre pares na cultura escolar. **Psicologia e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 25, n. 1, p. 142-151, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/psoc/v25n1/16.pdf>. Acesso 13 mai. 2020.

NYLUND, K.; BELLMORE, A.; NISHINA, A.; GRAHAM, S.; Subtypes, severity, and structural stability of peer victimization: what does latent class analysis say? **Child Development**, v. 78, n. 6, p. 1706-1722, 2007. Disponível em: <https://srcd.onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/j.1467-8624.2007.01097.x>. Acesso 13 mai. 2020.

OLIVEIRA, W. A. de; SILVA, J. L. da; BRAGA, I. F.; ROMUALDO, C.; CARAVITA, S. C. S.; SILVA, M. A. I. Modos de explicar o bullying: análise dimensional das concepções de adolescentes. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 751-761, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csc/v23n3/1413-8123-csc-23-03-0751.pdf>. Acesso 13 mai. 2020.

OLIVEIRA, W. A.; SILVA, M. A. I.; MELLO, F. C. M. de. PORTO, D. L.; YOSHINAGA, A. C. M.; MALTA, D. C.; Causas do *bullying*: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 23, n. 2, p. 275-282, 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/rlae/2015nahead/pt_0104-1169-rlae-0022-2552.pdf. Acesso 13 mai. 2020.

OLIVEIRA, W. A.; SILVA, M. A. I.; SILVA, J. L.; MELLO, F. C. M.; PRADO, R. R.; MALTA, D. C. Associations between the practice of bullying and individual and contextual variables from the aggressors' perspective. **Jornal de Pediatria**, Porto Alegre, v. 92, n. 1, p. 32-39, 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/jped/v92n1/pt_1678-4782-jped-92-01-00032.pdf. Acesso 13 mai. 2020.

OLTHOF, T.; GOOSSENS F. A.; VERMANDE M. M.; ALEVA E. A.; VAN DER MEULEN M. Bullying as strategic behavior: Relations with desired and acquired dominance in the peer group. **Journal of School Psychology**, v. 49, n. 1; p. 339-359, 2011. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0022440511000173?via%3Dihub>. Acesso 13 mai. 2020.

OLWEUS, D. A profile of *bullying* at school. **Educational Leadership**, v. 60, n. 6, p. 12-17, 2003. Disponível em:

http://lhsela.weebly.com/uploads/7/9/0/8/7908073/olweus_profile_of_bullying.pdf. Acesso 13 mai. 2020.

OLWEUS, D. School Bullying: Development and some important challenges. **Annual Review of Clinical Psychology**, v. 9, p. 751-780, 2013. Disponível em: <https://www.annualreviews.org/doi/pdf/10.1146/annurev-clinpsy-050212-185516>. Acesso 13 mai. 2020.

ORPINAS, P.; HORNE, A. M. **Bullying prevention: Creating a positive school climate and developing social competence**. Washington: American Psychological Association, 2006.

PARANHOS, R.; FILHO, D. B. F.; ROCHA, E. C. da.; JUNIOR, J. A. da S.; FREITAS, D. Uma introdução aos métodos mistos. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 18, n. 42, p. 384-411, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/soc/v18n42/1517-4522-soc-18-42-00384.pdf>. Acesso 13 mai. 2020.

PATTON, D. U.; HONG, J. S.; WILLIAMS, A. B.; ALLEN-MEARES, P. A review of research on school bullying among African American youth: an ecological systems analysis. **Educational Psychology Review**, v. 25, n. 2, p. 245-260, 2013. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10648-013-9221-7>. Acesso 13 mai. 2020.

PERES, M. F. T. et al. **Violência, bullying e repercussões na saúde: resultados do Projeto São Paulo para o desenvolvimento social de crianças e adolescentes (SP-PROSO)**. São Paulo: Departamento de Medicina Preventiva/FMUSP, 2018. Disponível em: http://www2.fm.usp.br/gdc/docs/preventiva_343_1_sp_proso_relatorio.pdf. Acesso em: 5 out. 2020

PIGOZI, P. L.; MACHADO, A. L. *Bullying* na adolescência: visão panorâmica no Brasil. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 11, p. 3509-3522, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csc/v20n11/1413-8123-csc-20-11-3509.pdf>. Acesso 13 mai. 2020.

RAMOS-JIMÉNEZ, A.; HERNÁNDEZ-TORRES, R. P.; MURGUÍA-ROMERO, M.; VILLALOBOS-MOLINA, R. Prevalence of bullying by gender and education in a city with high violence and migration in Mexico. **Revista Panamericana de Salud Pública**, v. 41, n. 1, p. 1-6, 2017. Disponível em: https://www.scielosp.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/assets/rpsp/v41/1020-4989-RPSP-41-e37.pdf. Acesso 13 mai. 2020.

REIJNTJES, A.; VERMANDE, M.; GOOSSENS, F. A.; OLT Hof, T.; VAN DE SCHOOT, R.; ALEVA, L.; VAN DER MEULEN, M. Developmental trajectories of bullying and social dominance in youth. **Child Abuse & Neglect**, v. 37, n. 1, p. 224-234, 2013. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0145213412002645>. Acesso 13 mai. 2020.

REIJNTJES, A.; VERMANDE, M.; THOMAES, S.; GOOSSENS, F.; OLTJHOF, T.; ALEVA, L.; VAN DER MEULEN, M. Narcissism, Bullying, and Social Dominance in Youth: A Longitudinal Analysis. **Journal of Abnormal Child Psychology**, v. 44, n. 1, p. 63-74, 2016. Disponível em: <https://link.springer.com/content/pdf/10.1007/s10802-015-9974-1.pdf>. Acesso 13 mai. 2020.

RIVERS, I.; NORET, N. Participant roles in bullying behavior and their association with thoughts of ending one's life. **Crisis**, v. 31, n.1, p. 143-8, 2010. Disponível em: <https://econtent.hogrefe.com/doi/10.1027/0227-5910/a000020>. Acesso 13 mai. 2020.

RIVERS, I.; NORET, N. Potential Suicide Ideation and Its Association With Observing Bullying at School. **Journal of Adolescent Health**, v. 53, n.1, p. S32-S36, 2013. Disponível em: [https://www.jahonline.org/article/S1054-139X\(12\)00716-1/fulltext](https://www.jahonline.org/article/S1054-139X(12)00716-1/fulltext). Acesso 13 mai. 2020.

RIVERS, I.; POTEAT, V. P.; NORET, N.; ASHURST, N. Observing bullying at school: The mental health implications of witness status. **School Psychology Quarterly**, v. 24, n. 4, p. 211-223, 2009. Disponível em: <https://www.apa.org/pubs/journals/releases/spq-24-4-211.pdf>. Acesso 13 mai. 2020.

ROMO, M. L.; KELVIN, E. A. Impact of bullying victimization on suicide and negative health behaviors among adolescents in Latin America. **Revista Panamericana de Salud Pública**, v. 40, n. 5, p. 347-345, 2016. Disponível em: <https://scielosp.org/pdf/rpsp/2016.v40n5/347-355/en>. Acesso 13 mai. 2020.

SAIRANEN, L.; PFEFFER, K. Self-reported handling of bullying among junior high school teachers in Finland. **School Psychology International**, v. 32, n. 3, p. 344-350, 2011. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0143034311401795>. Acesso 13 mai. 2020.

SALMIVALLI, C.; VOETEN, M.; POSKIPARTA, E. Bystanders Matter: Associations Between Reinforcing, Defending, and the Frequency of Bullying Behavior in Classrooms. **Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology**, v. 40, n. 5, p. 668-676, 2011. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/15374416.2011.597090>. Acesso 13 mai. 2020.

SANTOS, J. A. dos.; CABRAL-XAVIER, A. F.; PAIVA, S. M.; LEITE-CAVALCANTI, A. Prevalência e Tipos de *Bullying* em Escolares Brasileiros de 13 a 17 anos. **Revista de Salud Pública**, Bogotá. v.16, n. 2, p. 173-183, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/rsap/v16n2/v16n2a02.pdf>. Acesso 13 mai. 2020.

SAWYER, J-L; MISHNA, F.; PEPLER, D.; WIENER, J. The missing voice: Parents' perspectives of bullying. **Children and Youth Services Review**, v. 33, n. 1, p. 1795-1803, 2011. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0190740911001794?via%3DiHub>. Acesso 13 mai. 2020.

SCHOELER, T.; DUCAN, L.; CECIL, C. M.; PLOUBIDIS, G. B.; PINGAULT, J. B. Quasi-Experimental Evidence on Short- and Long-Term Consequences of Bullying Victimization: A Meta-Analysis. **Psychological Bulletin**, v. 144, n. 1, p. 1229-1246, 2018. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/fulltext/2018-58808-001.pdf>. Acesso 13 mai. 2020.

SKAPINAKIS, P.; BELLOS, S.; GKATSA, T.; MAGKLARA, K.; LEWIS, G.; ARAYA, R.; STYLIANIDIS, S.; MAVREAS, V. The association between bullying and early stages of suicidal ideation in late adolescents in Greece. **BMC Psychiatry**, v. 11, n. 22, p. 1-9, 2011. Disponível em: <https://bmcp psychiatry.biomedcentral.com/articles/10.1186/1471-244X-11-22>. Acesso 13 mai. 2020.

SILVA, A. B. B. **Bullying: cartilha 2010**: Projeto Justiça nas escolas. Brasília: Conselho Nacional de Justiça, 2010. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/wp-content/uploads/conteudo/arquivo/2016/11/195bb8727040c594311b9611ce923f96.pdf>. Acesso 13 mai. 2020.

SILVA, A. N.; MARQUES, E. S.; PERES, M. F. T.; AZEREDO, C. M. Tendência de bullying verbal, violência doméstica e envolvimento em brigas com armas entre adolescentes das capitais brasileiras de 2009 a 2015. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.35, n. 11, p. e00195118, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csp/v35n11/1678-4464-csp-35-11-e00195118.pdf>. Acesso 13 mai. 2020.

SILVA, J. L. da; OLIVEIRA, W. A. de; SILVA, M. A. I. da; PEREIRA, B. O. CECILIO, S. Estudo exploratório sobre as concepções e estratégias de intervenção de professores em face do *bullying* escolar. **Revista de Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 17, n. 3, p. 189-199, 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v17n3/15.pdf>. Acesso 13 mai. 2020.

SOARES, A. K. S.; GOUVEIA, V. V.; GOUVEIA, R. S. V.; FONSÊCA, P. N. da; PIMENTEL, C. E. Escala Califórnia de Vitimização do *Bullying* (ECVB): Evidências de Validade e Consistência Interna. **Trends in Psychology**, Ribeirão Preto, v. 23, n 2, p. 481-491, 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v23n2/v23n2a17.pdf>. Acesso 13 mai. 2020.

SOUSA, G. S. de; SANTOS, M. S. P. dos; SILVA, A. T. P. da; PERRELLI, J. G. A.; SOUGEY, E. B. Revisão de literatura sobre suicídio na infância. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 9, p. 3099-3110, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csc/v22n9/1413-8123-csc-22-09-3099.pdf>. Acesso 13 mai. 2020.

SOUZA, T. C.; SILVA, P. G. N.; MEDEIROS, P. C. B. de; MEDEIROS, E. D. de. *Bullying* e sintomas depressivos em crianças: evidências empíricas no Piauí. In: ONDE, G. M. da C.; PORTO, M. L. S. **Saúde: os desafios do mundo contemporâneo**. João Pessoa: IMEA, 2018, p. 57-75. Disponível em: <http://cinasama.com.br/upload/060218071136989899.pdf>. Acesso 13 mai. 2020.

TEIXEIRA, V. de A.; COLADITH, E. V.; JACOMEL, R. de L.; ULBRICHT, L.; NEVES, E. B. *Bullying* nas escolas municipais de Curitiba-PR: um problema de Saúde pública. **Revista Uniandrade**, v. 14, n.1, p. 25-43, 2013. Disponível em: <https://www.uniandrade.br/revistauniandrade/index.php/revistauniandrade/article/view/61/45>. Acesso 13 mai. 2020.

THIRY-CHERQUES, H. R. Saturação em pesquisa qualitativa: estimativa empírica de dimensionamento. **PMKT (Online)**, v. 9, n. 1, p. 20-27, 2009. Disponível em: http://www.revistapmkt.com.br/Portals/9/Edicoes/Revista_PMKT_003_02.pdf. Acesso 13 mai. 2020.

TTOFI, M. M.; FARRINGTON, D. P. Effectiveness of school-based programs to reduce bullying: a systematic and meta-analytic review. **Journal of Experimental Criminology**, v.7, n. 1, p. 27-56, 2011. Disponível em: <https://njbullying.org/documents/ttofifarrington2011.pdf>. Acesso 13 mai. 2020.

UNESCO. **Behind the numbers: Ending school violence and bullying**. Paris: United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization, 2019. Disponível em: https://www.end-violence.org/sites/default/files/paragraphs/download/UNESCO_Bullying.pdf. Acesso 13 mai. 2020.

UNESCO. **Violência escolar e bullying: relatório sobre a situação mundial**. Paris: Organizações das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2019. Disponível em: https://sites.usp.br/sp-proso/wp-content/uploads/sites/526/2019/07/violencia_escolar_bullying_unesco.pdf. Acesso 16 mai. 2020.

VACCARI, V. L. Resiliência e *bullying*: a possibilidade da metamorfose diante da violência. **O Mundo da Saúde**, São Paulo, v. 36, n. 2, p. 311-31, 2012. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/artigos/mundo_saude/resiliencia_bullying_possibilidade_e_metamorfose_violencia.pdf. Acesso 13 mai. 2020.

WAASDORP, T. E.; BRADSHAW, C.P.; DUONG, J. The link between parents' perceptions of the school and their responses to school bullying: Variation by child characteristics and the forms of victimization. **Journal of Educational Psychology**, v. 103, n. 2, p. 324-335, 2011. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/doiLanding?doi=10.1037%2Fa0022748>. Acesso 13 mai. 2020.

WANG, J.; IANNOTTI, R. J.; NANSEL, T. R. School bullying among adolescents in the United States: physical, verbal, relational, and cyber. **Jornal of Adolescent Health**, v. 45, n. 1, p. 368-75, 2009. Disponível em: [https://www.jahonline.org/article/S1054-139X\(09\)00138-4/fulltext](https://www.jahonline.org/article/S1054-139X(09)00138-4/fulltext). Acesso 13 mai. 2020.

WINSPER, C.; LEREYA, T.; ZANARINI, M.; WOLKE, D. Involvement in *bullying* and suicide-related behavior at 11 years: a prospective birth cohort study. **Journal of the**

American Academy of Child and Adolescent Psychiatry, v. 51, n. 3, p. 271-282, 2012. Disponível em: [https://jaacap.org/article/S0890-8567\(12\)00002-0/fulltext](https://jaacap.org/article/S0890-8567(12)00002-0/fulltext). Acesso 13 mai. 2020.

WOLF, A.; GRAY, R.; FAZEL, S. Violence as a public health problem: An ecological study of 169 countries. **Social Science & Medicine (1982. Print)**, v. 104, n. 1, p. 220-227, 2014.

Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0277953613006813?via%3Dihub>. Acesso 13 mai. 2020.

WOLKE, D.; LEREYA, S. T. Long-term effects of bullying. **Archives of Disease in Childhood**, v. 100, n. 1, p. 879-885, 2015. Disponível em: <https://adc.bmj.com/content/archdischild/100/9/879.full.pdf>. Acesso 13 mai. 2020.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Inequalities Young people's health: key findings from the Health Behaviour in School-aged Children (HBSC) 2005/2006 survey fact sheet**. Copenhagen: WHO, 2008.

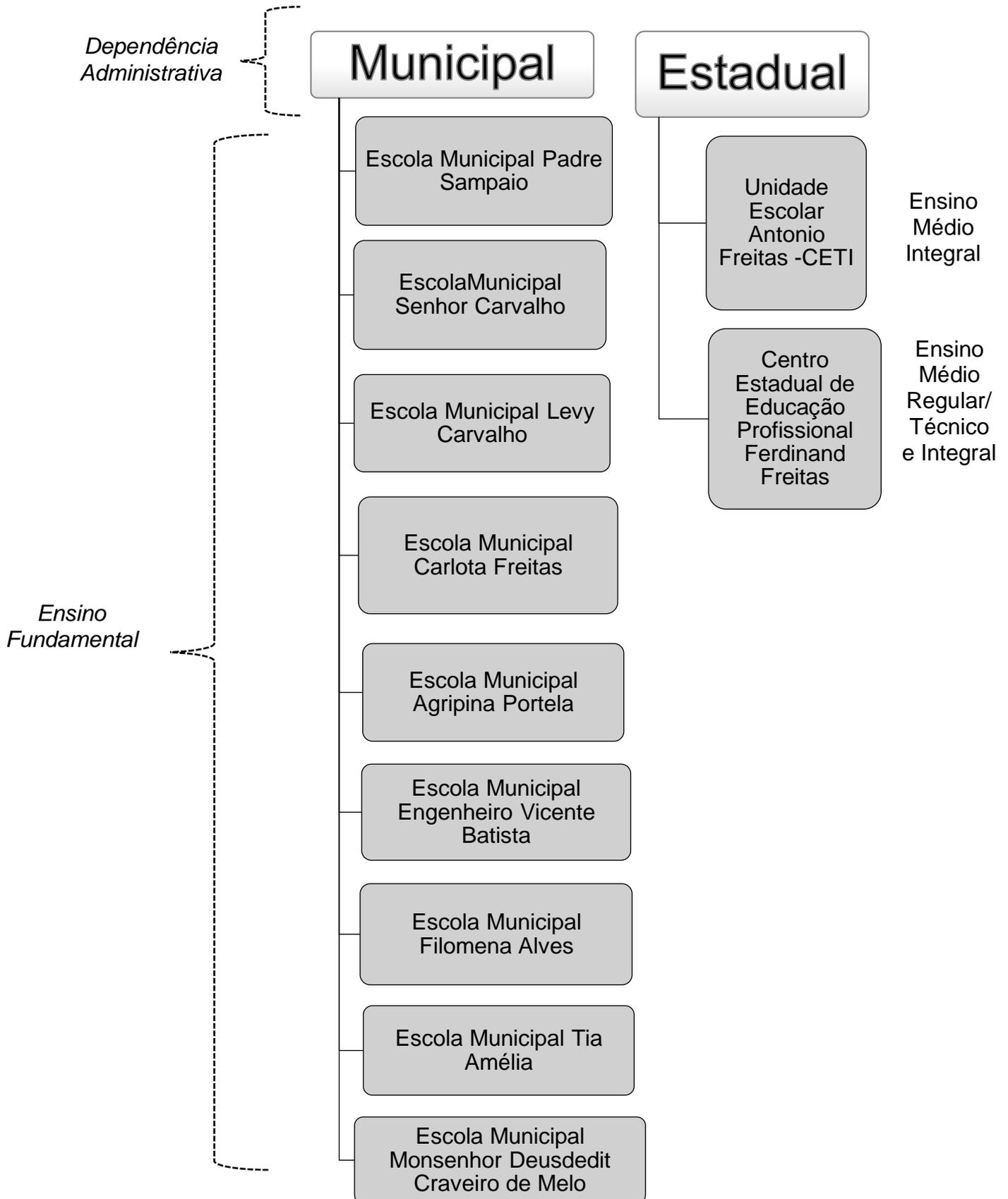
YUN, H.-Y.; GRAHAM, S. Defending Victims of Bullying in Early Adolescence: A Multilevel Analysis. **Journal of Youth and Adolescence**, v. 47, n. 9, p. 1926-1937, 2018. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10964-018-0869-7>. Acesso 13 mai. 2020.

ZEQUINÃO, M. A.; MEDEIROS, P. de; PEREIRA, B.; CARDOSO, F. L. *Bullying escolar: um fenômeno multifacetado*. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 181-198, 2016. Disponível em: <http://www.journals.usp.br/ep/article/view/114090/111987>. Acesso 13 mai. 2020.

ZOUL, C.; ANDERSEN, J. P.; BLOSNICH, J. R. The Association Between Bullying and Physical Health Among Gay, Lesbian, and Bisexual Individuals. **Journal of the American Psychiatric Nurses Association**, v. 19, n. 6, p. 356-365, 2013. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1078390313510739>. Acesso 13 mai. 2020.

APÊNDICES

APÊNDICE A- Figura 1- Escolas que estão participando do estudo. José de Freitas, Piauí, 2020



APÊNDICE B - Informações Sociodemográficas

Por último, com o fim de conhecer mais acerca dos participantes deste estudo, peço que responda às seguintes perguntas:

- 1- Idade: ____ anos.
- 2- Sexo: Masculino Feminino
- 3- Nome da sua escola: _____
- 4- Série/Ano _____ 5- Turno: _____
- 6- Estado civil dos seus pais:
 Solteiro Casado / convivente Separado/ divorciado
 Viúvo Outro (Especifique): _____.
- 7- Dentre as seguintes alternativas, você se reconhece de qual cor/ raça? (Marque com um X)
 Branca Preta Parda Indígena Amarela
- 8- Comparando com as pessoas da cidade em que você mora, qual classe social você se considera? (Marque com um X):
- | | | | | |
|-------|---|-------|---|------|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| Baixa | | Média | | Alta |
- 9- Como você se sente na sua escola? (Marque com um X)
- | | | | |
|---------------------------------------|------------------------------------|--|--------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Bem | <input type="checkbox"/> Com medo | <input type="checkbox"/> Satisfeito(a) | <input type="checkbox"/> Excluído(a) |
| <input type="checkbox"/> Solitário(a) | <input type="checkbox"/> Seguro(a) | <input type="checkbox"/> Maltratado(a) | |
- 10- Você conhece o que é *Bullying*?
- Sim Não
- 11- Você já foi vítima de comportamentos de *bullying* na sua escola?
- Sim Não

Se você respondeu sim na pergunta anterior, responda por qual motivo você considera que foi vítima de comportamento de *bullying* na sua escola?

APÊNDICE C - Roteiro de Entrevista Semiestruturada

Dados:

- 1- Idade: _____
- 2- Sexo: _____
- 3- Escola: _____
série _____ turno _____
- 4- Com quem você mora: _____

Perguntas

- 1- Você pode descrever alguma situação no qual você foi vítima de *bullying* na sua escola?
- 2- Fale sobre a outra pessoa envolvida? Como ela era?
- 3- Como você lida diante de situações como esta?
- 4- Quais os seus sentimentos, comportamentos depois do acontecido?
- 5- Quais as principais dificuldades que esta situação tem provocado na sua vida?
- 6- Porque você acha que estas situações ocorrem com você?
- 7- Você procura alguém para poder ajudá-lo(a) nestas ocasiões? Quem?
- 8- Seus pais sabem que você passa ou já passou por situações como estas? Como eles lidam com este assunto diante de você?
- 9- Na sua escola já teve algum momento que foi abordado sobre violência/*bullying*? Conte-me como foi?
- 10- Como você acha que a escola/professores deveriam agir diante de tais situações?

APÊNDICE D - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para os Pais/responsáveis



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM SAÚDE E COMUNIDADE



Prezados Pais ou Responsáveis,

Este é um convite especial para seu filho participar voluntariamente de uma pesquisa sobre a violência no contexto escolar, necessariamente sobre o fenômeno bullying, sob a responsabilidade da pesquisadora Káren Maria Rodrigues da Costa. Por favor, leia com atenção as informações abaixo antes de dar seu consentimento para seu filho(a) participar ou não do estudo. Qualquer dúvida sobre o estudo ou sobre este documento pergunte diretamente a pesquisadora Káren Maria Rodrigues da Costa. Acredita-se que esta pesquisa seja importante, pois irá permitir construir conhecimentos e estratégias de enfrentamento para lidar com este tipo de violência no contexto escolar. Para sua realização será feito o seguinte: a pesquisa consistirá na aplicação de uma escala e uma entrevista contendo perguntas referentes à temática. A escala consiste de perguntas sobre o tema, no qual seu filho(a) terá que respondê-las com caneta. Já na entrevista as respostas de seu filho estarão sendo gravadas através de áudio. A participação de seu filho(a) nesta pesquisa será voluntária, quanto aos riscos envolvidos na pesquisa, os riscos são mínimos, tais como perturbar a privacidade do seu filho ou causar desconforto em responder a pesquisa, contudo, a pesquisadora estará preparada para minimizar de forma a contornar o risco. Durante todo o período da pesquisa seu filho terá o direito de tirar qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento, bastando para isso entrar em contato, com a pesquisadora pelo telefone relacionado ao final deste termo. Seu filho tem garantido o direito de não aceitar participar ou de retirar sua permissão, a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo ou retaliação, além de ser mantida atualizada sobre os resultados parciais das pesquisas e caso solicitado, forneceremos todas as informações possíveis.

As informações desta pesquisa serão confidenciais, e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo de sua participação.

Os gastos necessários para a sua participação na pesquisa serão assumidos pelas pesquisadoras.

Você e seu filho podem fazer todas as perguntas que julgar necessárias durante e após o estudo. Este termo deverá ser assinado em duas vias, sendo que uma ficará com o pesquisador e outra com o responsável.

Assinatura da pesquisadora

Káren Maria Rodrigues da Costa _____

Autorização:

Diante do exposto acima eu, _____,
declaro que fui esclarecido (a) sobre os objetivos, procedimentos e benefícios do presente estudo. Autorizo a participação livre e espontânea de meu filho (a) _____ para o estudo em questão.

Após a leitura deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com a

pesquisadora responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado(a). Concordo com a divulgação dos resultados obtidos nesta pesquisa, dos procedimentos aos quais meu filho(a) será submetido(a), bem como sobre o compromisso da pesquisadora em manter o anonimato do meu filho(a). Declaro ainda ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.

Assinatura dos Pais/ Responsável

José de Freitas- PI, _____ de _____, _____.



Impressão dactiloscópica
(Impressão Digital)

Por fim, nos colocamos a sua inteira disposição no endereço abaixo para esclarecer qualquer dúvida que necessite.

Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências da Saúde, Programa de Pós-Graduação em Saúde e Comunidade, Av. Frei Serafim, 2280 - Centro (Sul), Teresina - PI, 64000-020. Telefone: 3215- 4647 E-mail: ppgsc@ufpi.edu.

Endereço pessoal da pesquisadora:

Káren Maria Rodrigues da Costa

Rua Airton Sena, nº 140, Bairro centro, CEP: 64.110-000- José de Freitas- PI. Telefone: (86) 999788374 E-mail: karen.r.costa@hotmail.com

Orientador da Pesquisa

Dr. Cássio Eduardo Soares Miranda

Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Saúde e Comunidade - UFPI

Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Piauí

Comitê de Ética em Pesquisa - UFPI.

Campus Universitário Ministro Petrônio Portella - Bairro Ininga.

Pró Reitoria de Pesquisa - PROPESQ.

CEP: 64.049-550 - Teresina - PI.

Telefone: 86 3237-2332

E-mail: cep.ufpi@ufpi.edu.br

APÊNDICE E - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
SAÚDE E COMUNIDADE



Você está sendo convidado(a) para participar de uma pesquisa sobre bullying no ambiente escolar sob a responsabilidade da pesquisadora Káren Maria Rodrigues da Costa. Seus pais permitiram que você participasse.

Você foi escolhido porque é adolescente e está matriculado na escola. Os adolescentes que irão participar dessa pesquisa têm de 10 a 19 anos de idade. Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se desistir.

A pesquisa será feita na sua escola onde os adolescentes irão responder algumas perguntas. Para isso, será usada uma escala, que são perguntas em um papel, e você terá que responder com uma caneta. Depois de um tempo, a pesquisadora irá voltar a sua escola e escolher alguns adolescentes para realizar uma entrevista que será realizada individualmente e gravada através de áudio, o áudio ajuda a pesquisadora a escrever depois o que foi falado.

O uso da escala e da entrevista são consideradas seguras, mas é possível ocorrer que você possa ficar nervoso(a). Caso aconteça algo errado, a pesquisadora estará preparada para poder ajudá-lo (a). Ou então você pode procurar a pesquisadora Káren Maria Rodrigues da Costa pelo telefone (86) 9978-8374. Mas há coisas boas que podem acontecer como, por exemplo: um melhor direcionamento por parte da escola quando houver comportamentos de bullying.

Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar os adolescentes que participaram da pesquisa. Quando terminarmos a pesquisa ela será apresentada em eventos científicos, como por exemplo: congressos. Também serão apresentados os resultados as escolas que participaram da pesquisa. Este termo deverá ser assinado em duas vias, sendo que uma ficará com o pesquisador e outra com o participante da pesquisa.

Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar ou a pesquisadora Káren Maria Rodrigues da Costa.

Eu

_____ aceito participar da pesquisa: Análise do *Bullying* no contexto escolar sob a responsabilidade da pesquisadora Káren Maria Rodrigues da Costa. Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer. Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir que ninguém vai ficar furioso. A pesquisadora tirou minhas dúvidas e conversou com os meus responsáveis. Recebi uma cópia deste termo de assentimento e li e concordo em participar da pesquisa.

José de Freitas, ____ de _____ de _____.

Assinatura do Adolescente

Por fim, nos colocamos a sua inteira disposição no endereço abaixo para esclarecer qualquer dúvida que necessite.

Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências da Saúde, Programa de Pós-Graduação em Saúde e Comunidade, Av. Frei Serafim, 2280 - Centro (Sul), Teresina - PI, 64000-020. Telefone: 3215- 4647 E-mail: ppgsc@ufpi.edu.

Endereço pessoal da pesquisadora:

Káren Maria Rodrigues da Costa

Rua Airton Sena, nº 140, Bairro centro, CEP: 64.110-000- José de Freitas-PI. Telefone: (86) 999788374 E-mail: karen.r.costa@hotmail.com

Orientador da Pesquisa

Dr. Cássio Eduardo Soares Miranda

Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Saúde e Comunidade - UFPI

Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Piauí

Comitê de Ética em Pesquisa - UFPI.

Campus Universitário Ministro Petrônio Portella - Bairro Ininga.
Pró Reitoria de Pesquisa - PROPESQ.
CEP: 64.049-550 - Teresina - PI.

Telefone: 86 3237-2332

E-mail: cep.ufpi@ufpi.edu.br

APÊNDICE F- Íntegra das Entrevistas Semiestruturadas

ENTREVISTA RESPONSABILIDADE

1- Você pode descrever alguma situação no qual você foi vítima de *bullying* na sua escola?

Sim, eu sou apelidada muito na minha sala. Que tipo de apelido? Gordinho dos alagados.

2- Fale sobre a outra pessoa envolvida? Como ela era.

É são meus colega. São mago, alto. São homens ou são mulheres? Homens.

3- Como você lida diante de situações como esta?

Eu fico triste. Mas você reage de alguma forma, ou fica só triste, calada na sua? Tem vezes que eu reajo, tem vez que não.

4- Quais os seus sentimentos, comportamentos depois do acontecido?

Eu fico pensando se eu sou gorda ou não.

5- Quais as principais dificuldades que esta situação tem provocado na sua vida?

(pausa) Eu fico (pausa) dificuldades é? Assim, quando você passa por uma situação como essa, se essa situação provoca alguma dificuldade na sua vida? Provoca, provoca vergonha. Tem alguma coisa além de vergonha? A participante ficou calada neste momento.

6- Porque você acha que estas situações ocorrem com você?

Não sei, acho que não gostam de mim.

7- Você procura alguém para poder ajudá-lo(a) nestas ocasiões? Quem?

Sim, minha avó. Somente sua avó? Aqui na escola você procura alguém? Procuo mais não adianta.

8- Seus pais sabem que você passa ou já passou por situações como estas? Como eles lidam com este assunto diante de você?

Sabe, diz, minha mãe diz pra mim não dar atenção.

9- Na sua escola já teve algum momento que foi abordado sobre violência/*bullying*? Conte-me como foi?

Não.

10-Como você acha que a escola/professores deveriam agir diante de tais situações?

Reclamar e brigar.

11-O que você diria para uma pessoa que é vítima de *bullying*?

Pra ela não se importar com que os outros falam.

12-O que você diria para a pessoa que pratica *bullying*?

Pra não falar isso, que isso magoa.

ENTREVISTA EMPATIA

1- Você pode descrever alguma situação no qual você foi vítima de *bullying* na sua escola?

*Quando (pausa) no começo do ano os menino eles gostava de caçar conversa comigo me chamando de Chica, sei lá, de Chica, num tem. **Chica?** Aram! Porque (pausa) meu amigo ele começou a me chamar de Chia. Só que ai eles entendiam que era Chica. Ai ele começaram a me chamar, num tem. Aiii pegou (pausa) ai eles ficavam só me chamando. Ai eu não gostava disso. E também tinha vez que eles caçava muita conversa, eu não tinha coragem de falar pra diretora, porque eu tinha medo deles irem pra (pausa) algum lugar tipo. Porque ela disse que se alguém (pausa) se acontece isso na escola ela ia ter que levar pro (pausa) por doutor ai (pausa). Ai eu num fala não pra ela. **Você tinha medo de falar e ai eles irem para o promotor é isso? É.***

2- Fale sobre a outra pessoa envolvida? Como ela era.

*Ele éee (pausa) tip da minha cor da minha pele e é do mermo jeito que eu, mas só que ele gosta mais de ser tipo um “talzinho” da escola que ser mais que os outros na escola. **Ele é baixo ou é alto como é? Alto. Magrinho? Urum***

3- Como você lida diante de situações como esta?

*Nam (pausa) eu fico queta no meu canto, mas, tem vez que eu faço as coisa com eles. **Tipo o que? Tipo (pausa)** eu mando eles parar. E também as minhas amiga briga com eles, eles bate neles. Ai sai correndo pra escola brigando com eles.*

4- Quais os seus sentimentos, comportamentos depois do acontecido?

*É eu fico assim sei lá (pausa) sem ação para fazer as coisas. Porque a pessoa fica triste né?! **Você fica sem reação para fazer as coisas? Neste momento a participante ficou em silêncio.***

5- Quais as principais dificuldades que esta situação tem provocado na sua vida?

Eu fico normal, mas tem vez que a pessoa se lembra ai a pessoa fica isolada.

6- Porque você acha que estas situações ocorrem com você?

*Num sei, eu acho que é porque eu sou... assim mei queta e mei danada e também por causa acho da minha cor sei lá. Porque eles gosta também de falar das pessoa por causa da cor da pele. **Eles falam o que?** As pessoas não gosta de falar porque **(pausa)** ahh **(pausa)**. Porque os negros ele tem é **(pausa)** menos possibilidade das coisas assim. Ai ele gosta de ta falando. **Eles são brancos?** Tem alguns que são, mas tem da minha cor também.*

7- Você procura alguém para poder ajudá-lo(a) nestas ocasiões? Quem?

*Não, sóooo **(pausa)** eu só pra minha amigas mermo. E quando eu falo ai eles que vão tirar satisfação com eles.*

8- Seus pais sabem que você passa ou já passou por situações como estas? Como eles lidam com este assunto diante de você?

*Não, só uma vez assim lá perto de casa. Marra ai, não me lembro mais o que foi. Sei que eles “suberam” ai eles foram atrás dos pai do menino ai **(pausa)** pararam.*

9- Na sua escola já teve algum momento que foi abordado sobre violência/bullying? Conte-me como foi?

Eu acho que aqui nessa escola nunca teve não. Só na outra que eu estudava. Qual era a outra? Carlota.

10-Como você acha que a escola/professores deveriam agir diante de tais situações?

Sei lá...chamar os menino, conversar com eles, pra eles parar.

11-O que você diria para uma pessoa que é vítima de bullying?

Pra ela não se reprimir porque isso é só uma besteira, porque eles fala mais deve ser eles mermo que deve ta passando por alguma coisa assim.

12-O que você diria para a pessoa que pratica bullying?

Eu acho que eu falaria pra ele que eu não tô nem ligando porque quem ele que pode tá passando por alguma coisa, mas assim, mas não sabe lidar e falar e desconta nas outra pessoa.

ENTREVISTA COMPAIXÃO

1- Você pode descrever alguma situação no qual você foi vítima de *bullying* na sua escola?

Eles, meu nome é Cleiciara, ai eles fala que meu nome é Seara de Pão. Como? Seara de Pão. Como acontece? Quando eles (pausa) quando tá na hora do recreio ai eles fica brincando.

2- Fale sobre a outra pessoa envolvida? Como ela era.

Eles são magro e baixo. Oh! Tem um baixo e outro alto. São quanto mais ou menos? Dois. Esses são da sua mesma sala? São.

3- Como você lida diante de situações como esta?

Eu finjo que eles não estão falando comigo.

4- Quais os seus sentimentos, comportamentos depois do acontecido?

Hum (pausa) normal.

5- Quais as principais dificuldades que esta situação tem provocado na sua vida?

Não.

6- Porque você acha que estas situações ocorrem com você?

Não

7- Você procura alguém para poder ajudá-lo(a) nestas ocasiões? Quem?

Não.

8- Seus pais sabem que você passa ou já passou por situações como estas? Como eles lidam com este assunto diante de você?

Sim, éee normal, só falam pra mim não dá atenção.

9- Na sua escola já teve algum momento que foi abordado sobre violência/*bullying*? Conte-me como foi?

Sim, é por causa que tem uma menina magra na minha sala ai todo mundo fica chamando ela de palito de fósforo. Ai a escola fez alguma coisa? Tipo alguma palestra? Alguma oficina? Foi falado com alguém? Eu não lembro.

10-Como você acha que a escola/professores deveriam agir diante de tais situações?

*Chamar atenção do aluno. Você acha que deve fazer isso? Chamar atenção do aluno? Do ano que pratica o **bullying**? Urum.*

11-O que você diria para uma pessoa que é vítima de **bullying?**

Diria pra ela não dá muita atenção que uma hora ele vão se cansar, ai não vão mais éee fazer bullying.

12-O que você diria para a pessoa que pratica **bullying?**

Pra elas parem. Porque se fossem com elas, ela não ia gostar.

ENTREVISTA BONDADE

1- Você pode descrever alguma situação no qual você foi vítima de **bullying na sua escola?**

*Posso, é há uns 02 anos atrás eu tinha um amigo só que a gente acabou brigando ai é nessa briga, normalmente os amigos se dividem. Ai todos ficaram do lado dele, então, ai tipo eu fiquei sem amigo, sozinho tipo assim. Grupo para fazer trabalho, tipo sem companhia mesmo. **Ai no caso, a situação de bullying foi porque você?** Porque eu briguei com ele ai **O tom da voz da participante foi diminuindo até cessar.***

2- Fale sobre a outra pessoa envolvida? Como ela era.

*Ah ela era um pouco controladora, ai eu reparei isso muito tempo depois. E isso é um dos motivos pra eu tá fazendo tratamento, e eu fico nervosa com isso ainda. Porque eu era uma pessoa que tinha muito amigo ai eu comecei a ficar excluída do nada então ai eu tipo acabei ficando uma ano inteiro nessa escola sem companhia e ai eu fiquei tipo mei que difícil de me socializar com as pessoas. **Isso era na outra cidade que você morava? Isso, em São Paulo.***

3- Como você lida diante de situações como esta?

Hoje em dia eu não me socializo tanto com as pessoas, então é mei difícil acontecer comigo. Com os outros eu tento conversar com a pessoa falar pra ela se afastar pra uma amizade que vale a pena.

4- Quais os seus sentimentos, comportamentos depois do acontecido?

Então, hoje em dia eu fico nervosa com qualquer coisinha. Eu não gosto (pausa) eu não consigo confiar tão fácil nas pessoas, é difícil. É difícil para você está falando? Um pouquinho. Eu acho que eu tô tranquila com você, porque você está estudando pra isso, então.

5- Quais as principais dificuldades que esta situação tem provocado na sua vida?

Eu acho que a parte de confiar nas pessoas. Porque depois disso, eu não consigo ter amigo, depois. Eu só confio nas pessoas que eu conheci antes. Tipo, pessoal que eu estudo hoje em dia (pausa) eu não conto da minha vida pessoal, essas coisas.

6- Porque você acha que estas situações ocorrem com você?

A participante não desejou responder esta pergunta.

7- Você procura alguém para poder ajudá-lo(a) nestas ocasiões? Quem?

Então, hoje eu dia eu to (pausa) comecei a fazer terapia. Mas antigamente eu só ficava na minha mesma. No tempo em que aconteceu essa situação você procurou ajuda? Não.

8- Seus pais sabem que você passa ou já passou por situações como estas? Como eles lidam com este assunto diante de você?

Não também.

9- Na sua escola já teve algum momento que foi abordado sobre violência/bullying? Conte-me como foi?

*Esse ano sim, a gente teve um projeto para abordar isso. Teve peça teatral, bastante palestra. **Você pode me descrever como era essa projeto?** Então, aqui por bimestre tem sempre um projeto que tipo aborda algumas matérias e ai foi o primeiro projeto deste ano específico pra isso. Cada sala ficou com alguma coisa pra falar, se queria demonstrar, se queria cantar uma música, falar um poema, ou alguma coisa. Ai a gente trabalhou nisso por dois meses e meio só. Ai teve um dia específico que a gente teve as apresentações sobre isso. **Você participou de alguma? Aram. O que você participou?** A gente é tava cantando uma música e eu apresentei tipo, a minha sala a gente abordou o assunto um pouquinho rápido na introdução, tipo uma fala sobre isso. Que a pessoa não tem que encarar isso sozinha pode procurar ajuda*

10-Como você acha que a escola/professores deveriam agir diante de tais situações?

Tipo, a escola deveria ouvir os alunos e pensar modos de agir juntos nessas situações de bullying.

11-O que você diria para uma pessoa que é vítima de *bullying*?

Dependendo do caso por muitas pessoas elas sofrem bullying com os amigos e aceitam, eu diria pra se afastar. Agora eu acho que é se é uma pessoa que não é amiga dela e provoca eu acho que a gente tipo assim deveria sempre tentar conversa e se não resolver procurar na escola ir atrás de um diretor, de uma pessoa que tem força e poder pra poder interferir.

12-O que você diria para a pessoa que pratica *bullying*?

Ahh! Eu acho que (pausa). Eu acho que falaria que isso não é uma forma boa de se relacionar com os outros, que você pode mostrar o seu lado bom. Não tem porque você ficar assim ruim com as pessoas, não tem motivo. Se você sofreu de algum trauma você tem que tentar resolver por si só e não provocar traumas nos outros.

Observação: No início da entrevista a participante mostrou-se nervosa, tremendo as mãos. A mesma relatou que sofre de ansiedade, devido ao ocorrido. Que atualmente está realizando psicoterapia, além disso, foi encaminhada para o psiquiatra, porque suas crises estão muito intensas.

ENTREVISTA CARIDADE

1-Você pode descrever alguma situação no qual você foi vítima de *bullying* na sua escola?

Por assim, eu sou um pouco alta num tem. Ai somente assim, me chamando assim de “altona” coisas assim.

2- Fale sobre a outra pessoa envolvida? Como ela era.

*Assim, mais ou menos da minha altura. Morena assim. **Sobre a personalidade dela, você consegue dizer algo?** É uma pessoa normal, próxima a mim (pausa) só brincadeira assim.*

3- Como você lida diante de situações como esta?

Comigo assim, não sou muito de mim importar com essas coisas não. Pode é falar o tanto que quiser, porque eu não me abalo com essas coisas assim, eu não me importo não.

4- Quais os seus sentimentos, comportamentos depois do acontecido?

Assim, eu fiquei um pouco triste. Assim, quando acontece eu fico assim (pausa) abalada, mas depois passa. Eu não me importo, eu só me importo assim no momento, eu fico assim (pausa) ai depois passa na mesma hora.

5- Quais as principais dificuldades que esta situação tem provocado na sua vida?

Acho que nenhuma assim.

6- Porque você acha que estas situações ocorrem com você?

Por que eu sou alta assim mermo. Muito mais alta que outras pessoas, somente por causa disso.

7- Você procura alguém para poder ajudá-lo(a) nestas ocasiões? Quem?

Sim, falo pra minha mãe, pra minha melhor amiga. Só pra essas duas pessoas que eu falo assim, que eu confio assim.

8- Seus pais sabem que você passa ou já passou por situações como estas? Como eles lidam com este assunto diante de você?

Sabe, eles falam que não é pra mim importar que isso é só besteira assim, que não é pra mim me abalar com essas coisas.

9- Na sua escola já teve algum momento que foi abordado sobre violência/bullying? Conte-me como foi?

*Já, eles falaram sobre o bullying. Como era o ato de bulinar. Que era errado e tal. Que a pessoa procurasse uma pessoa...um psicólogo, um amigo, uma mãe, principalmente os pais. Eles davam conselho pra procurar os pais, o amigo mais próximo que a gente confiasse pra gente conversa sobre o assunto e procurasse um psicólogo se a gente se sentisse mal. **E foi a direção da escola ou foi outro profissional de fora?** Vieram daqui da escola, da prefeitura mesmo, mas não foi aqui não. Foi na outra escola que eu estudava, o Carlota.*

10-Como você acha que a escola/professores deveriam agir diante de tais situações?

*Eles deveriam ajudar os alunos tipo, se o aluno se sentisse mal, conversasse, deveria ter mais palestra também. Porque tem muito...que fica mal assim. As vezes tem gente que até da depressão porque se sente mal com o bullying. Eu acho que deveria ter mais assim ajudando o aluno. **Você conhece alguém que teve depressão? Não. Alguém aqui da escola?** Eu só vejo assim mermo, na internet, nos site.*

11-O que você diria para uma pessoa que é vítima de *bullying*?

Eu daria conselho pra não se importar com essas coisas porque eu pelo menos não me importo com essas coisas. Ai eu também acho que você é você a outra pessoa. Quem tem que se importar com sua autoestima, seu jeito ser é você e não a outra pessoa. Eu daria esse conselho pra pessoa.

12-O que você diria para a pessoa que pratica *bullying*?

Tentaria conversar com a pessoa né, porque não é uma coisa legal porque tem gente que se sente mal, uma pessoa fazendo bullying com a outra. Então, não é uma coisa boa legal assim. Dar conselho pra parar e pensar no que fez, pedir desculpa.

ENTREVISTA AMABILIDADE

1- Você pode descrever alguma situação no qual você foi vítima de *bullying* na sua escola?

Xingamento. Pode me falar como foi? Me chamaram de preto. Foi assim em qual local? Foi na sala de aula.

2- Fale sobre a outra pessoa envolvida? Como ela era.

Era pardo, grande.

3- Como você lida diante de situações como esta?

Só mermo na minha.

4- Quais os seus sentimentos, comportamentos depois do acontecido?

Triste

5- **Quais as principais dificuldades que esta situação tem provocado na sua vida?**

Chateado (pausa) abalado.

6- **Porque você acha que estas situações ocorrem com você?**

Por causa da minha cor.

7- **Você procura alguém para poder ajudá-lo(a) nestas ocasiões? Quem?**

Sim, meu pai.

8- **Seus pais sabem que você passa ou já passou por situações como estas? Como eles lidam com este assunto diante de você?**

Não.

9- **Na sua escola já teve algum momento que foi abordado sobre violência/*bullying*? Conte-me como foi?**

Não.

10- **Como você acha que a escola/professores deveriam agir diante de tais situações?**

*Proteger o aluno, ajudar o aluno. O que sofre o *bullying*? Sim.*

11- **O que você diria para uma pessoa que é vítima de *bullying*?**

Falar para algum adulto.

12- **O que você diria para a pessoa que pratica *bullying*?**

Parar com isso. Porque? Porque é feio. Mas alguma coisa além de feio? Falta de respeito.

Observação: O participante apresentou respostas breves e curtas, observou-se uma certa dificuldades em aprofundar o assunto com o mesmo.

ENTREVISTA SENSIBILIDADE

1. **Você pode descrever alguma situação no qual você foi vítima de *bullying* na sua escola?**

*Sim, (pausa) éee. Quando eu entrei em uma escola a maioria das meninas faziam *bullying* comigo. Ah Não gostavam de mim eu que por meu jeito quieta, calada. Elas éeee (pausa) tipo me excluía e isso me deixou muito mal*

tanto é que eu comecei éeeee a ter depressão. Mas ai com o tempo sem fazer tratamento eu (pausa) fiquei boa. Isso faz quanto tempo? 4 anos.

2. Fale sobre a outra pessoa envolvida? Como ela era.

Assim, eu não lembro muito assim o aspecto físico, mas, (pausa) elas tipo aquelas meninas que acha tal, tipo a bambam da escola. Eee lembro disso.

3. Como você lida diante de situações como esta?

Eu fico calada. Não reajo.

4. Quais os seus sentimentos, comportamentos depois do acontecido?

Meus sentimentos?! Tristeza, tipo isolamento. Eu eu eu não gostava de ir pra escola, odiava. No dia que na hora que chegava a hora da pra ir pra escola eu já ficava pensando Nossa quando eu chegar lá, vai acontecer isso, acontecer aquilo e (pausa). Quando eu chegava em casa ée eu ficava no meu quarto chorando. Porque era muito triste.

5. Quais as principais dificuldades que esta situação tem provocado na sua vida?

Assim, hoje isso não me afeta não ligo muito não. Isso não me afeta mais não.

6. Porque você acha que estas situações ocorrem com você?

Cara, assim, (pausa) eu não sei. Eu não sei dizer. Eu acho que é por conta do meu jeito mesmo assim. Calada eu acho que elas achava que eu queria ser não sei eu acho que é isso.

7. Você procura alguém para poder ajudá-lo(a) nestas ocasiões? Quem?

Não, procurei não. Fiquei isolada, não falava pra outras pessoas o que tava se passando. E seus pais observavam? Não, quer dizer minha mãe falava o que tu menina tem que tá desse jeito. Ai nada, nada só, não falava com ela.

8. Seus pais sabem que você passa ou já passou por situações como estas? Como eles lidam com este assunto diante de você?

Não, minha mãe não sabe. Nunca soube? Não. E se eles soubessem, o que você acha que eles iriam fazer? Conhecendo a minha mãe, eu acho que (pausa) ela ia atrás dessas pessoas, tentar conversar e saber porque elas faziam isso comigo.

9. Na sua escola já teve algum momento que foi abordado sobre violência/bullying? Conte-me como foi?

Sim, aqui já. Teve até um projeto sobre bullying. Você pode falar um pouquinho sobre esse projeto? É a gente fez umas pesquisa na escola pra saber se os alunos já sofreram bullying se já (pausa) desse bullying já ocorreu uma depressão, essas coisas assim. E qual foi o resultado dessa pesquisa? A maioria, a maioria já sofreu bullying. E sofrem ainda? Sofrem, e a maioria não fala. E esses dados que vocês coletaram foram feito algum trabalho com eles ou não? Foi exposto pra escola, pro alunos todos. E após essa pesquisa você acha que melhorou ou ficou igual? Na minha sala melhorou, porque as vezes tinha relatos de bullying, melhorou bastante.

10. Como você acha que a escola/professores deveriam agir diante de tais situações?

Acho que (pausa) tomar alguma atitude, tipo é tentar conversar com a pessoa que pratica o bullying e com a pessoa que sofre ou então é (pausa) tentar trazer psicólogos pra escola pra conversar com esses alunos acho que essas coisas assim.

11. O que você diria para uma pessoa que é vítima de bullying?

Eu não sei porque quando você tá sofrendo bullying você não quer falar com alguém né! E eu sei disso, porque eu já passei por isso, então eu acho que a gente tem que (pausa) sei lá tentar confortar aquela pessoa de uma maneira que ela não se sinta mal, não se sinta constrangida também.

12. O que você diria para a pessoa que pratica bullying?

Eu diria que essa pessoa que pratica o bullying ela nunca sofreu isso na pele por tá praticando (pausa) eee diria também que que é uma coisa muito ruim você praticar o bullying. Acho que isso mesmo.

ENTREVISTA JUSTIÇA

- 1. Você pode descrever alguma situação no qual você foi vítima de *bullying* na sua escola?**

Foi, a minha colega estava me apelidando de dente de hipopótamo. Minha colega de sala. Eu tava na minha sala, ai eu sai da sala com meu irmão, ai ela saiu da sala e disse que eu tinha dente de hipopótamo.

- 2. Fale sobre a outra pessoa envolvida? Como ela era.**

Ela é da minha altura, cabelo preto cacheado. Ela não se comporta muito bem na sala não (pausa) ela bate nos meninos.

- 3. Como você lida diante de situações como esta?**

Não, eu não fico muito perto dela não. Fico só na minha mesmo.

- 4. Quais os seus sentimentos, comportamentos depois do acontecido?**

Triste

- 5. Quais as principais dificuldades que esta situação tem provocado na sua vida?**

Não, acho que não.

- 6. Porque você acha que estas situações ocorrem com você?**

Não.

- 7. Você procura alguém para poder ajudá-lo(a) nestas ocasiões? Quem?**

Não.

- 8. Seus pais sabem que você passa ou já passou por situações como estas? Como eles lidam com este assunto diante de você?**

Não.

- 9. Na sua escola já teve algum momento que foi abordado sobre violência/*bullying*? Conte-me como foi?**

*Violência não, só *bullying* mesmo. Já, foi tipo uma peça de teatro aqui, ai eles estão falando sobre o *bullying*.*

- 10. Como você acha que a escola/professores deveriam agir diante de tais situações?**

Conversar com ela, pra ela parar de fazer isso.

- 11. O que você diria para uma pessoa que é vítima de *bullying*?**

Que (pausa) não é pra se importar.

- 12. O que você diria para a pessoa que pratica *bullying*?**

Que (pausa) isso é feio, não pode fazer isso não.

Observação: A participante não autorizou gravar em áudio a entrevista. Deste modo, a entrevista foi transcrita pela pesquisadora, enquanto a participante falava as respostas.

ENTREVISTA RESPEITO

- 1. Você pode descrever alguma situação no qual você foi vítima de *bullying* na sua escola?**

Sim, eu fui apelidada.

- 2. Fale sobre a outra pessoa envolvida? Como ela era.**

(Pausa) *Ela era baixa, um pouco gorda. E ela estuda com você ou em outra sala? Em outra sala.*

- 3. Como você lida diante de situações como esta?**

Eu não gosto. Eu só falo pra minha mãe e por meu pai.

- 4. Quais os seus sentimentos, comportamentos depois do acontecido?**

Eu fico triste.

- 5. Quais as principais dificuldades que esta situação tem provocado na sua vida?**

(Pausa) *Tem alguma dificuldade assim? (pausa) Não.*

- 6. Porque você acha que estas situações ocorrem com você?**

(Pausa) *Você acha que algum motivo dela lhe apelidar? É também eu não gostei.*

- 7. Você procura alguém para poder ajudá-lo(a) nestas ocasiões? Quem?**

Sim, alguns amigos, meu pai e minha mãe.

- 8. Seus pais sabem que você passa ou já passou por situações como estas? Como eles lidam com este assunto diante de você?**

Eles sabem, eu falo. E como é que eles lidam com esse assunto diante de você? Ele vem na escola, e fala com a diretora. E fala com a aluna também.

9. Na sua escola já teve algum momento que foi abordado sobre violência/bullying? Conte-me como foi?

Já, eles falaram que (pausa) não pode xingar as pessoas e nem apelidar e também (pausa) respeitar as outras pessoa. E essas pessoas foram daqui da escola ou alguém de fora? De fora.

10. Como você acha que a escola/professores deveriam agir diante de tais situações?

(Pausa) Eles ficam muito danando e a diretora cola eles na diretoria.

11. O que você diria para uma pessoa que é vítima de bullying?

(Pausa) Hum (pausa) Contar pros pais dela e falar com o amigo e com o pai e com a mãe. Você falaria alguma coisa para ela? Eu fala pra ela não xingar eles e dizer pra mãe dela.

12. O que você diria para a pessoa que pratica bullying?

Eu dizia que não é pra xingar, não era pra xingar e ai e depois conversar com os pai dele e também (pausa) e só.

Observação: A participante apresentou bastante dificuldades em responder as perguntas. Várias pausas durante a entrevista.

APÊNDICE G- Manuscrito submetido à Revista Cadernos de Saúde Pública

Dados da Revista

Manuscrito submetido a Cadernos de Saúde Pública

Vitimização por *Bullying* em adolescentes de escolas públicas de uma cidade do interior do Nordeste

Teenage Bullying victimization in public schools of a city in the countryside of the Northeast

Victimización por Bullying en adolescentes de escuelas públicas en una ciudad del Noreste

RESUMO: O presente estudo objetivou analisar a violência entre pares no contexto escolar em relação aos comportamentos de vitimização por *bullying*. Contou-se com uma amostra de conveniência de 196 adolescentes escolares do ensino fundamental e médio de José de Freitas-PI. Utilizou-se a Escala Califórnia de Vitimização do *Bullying* e questões sociodemográficas. Os dados foram analisados por meio do *software IBM Statistical Package for the Social Sciences* versão 20.0, que permitiu calcular estatísticas descritivas, teste U de Mann-Whitney, correlação de Spearman e ANOVA unifatorial. Os estudantes apresentaram idade média de 12,5 anos (DP=2,08; amplitude de 10 a 18), predominantemente do sexo feminino (65,1%), autodeclarados pardos (58,7%) e pertencer à classe média (70,9%). A maioria (62,6%) declarou sentir-se bem no ambiente escolar, possuir conhecimento sobre o *bullying* (90,8%) e (55,1%) já passou por situações de vitimização por *bullying* no ambiente escolar. Os dados revelaram que a vitimização por *bullying* não difere ($U = 3842, p = 0,20$) entre participantes do sexo masculino ($M = 0,78$) e feminino ($M = 0,89$); não existe uma relação entre idade e vitimização por *bullying* ($r_s = -0,05, p = 0,26$); a raça não possui qualquer influência na vitimização por *bullying* [$F(4,191) = 2,13, p = 0,07$]. Verificou-se alta prevalência de vitimização por *bullying* na amostra pesquisada, não diferindo entre sexos, nem idade. Atesta-se para a necessidade de estudos enfocando como os fatores escolares estão relacionados como a prevalência do *bullying*.

Palavras-chave: vitimização, *bullying*, adolescentes, estudantes.

ABSTRACT: This study sought to analyze the violence between peers in the school context in relation to the victimization behaviors by bullying. The sample consisted of 196 students of 196 elementary and high school teenagers from José de Freitas-PI. The California Bullying Victimization Scale and sociodemographic issues were used. The data were analyzed using the IBM Statistical Package for the Social Sciences software version 20.0, what allowed the calculation of descriptive statistics, Mann-Whitney U test, Spearman correlation and unifactorial ANOVA. The students had an average age of 12.5 years (SD = 2.08; range 10 to 18), predominantly female (65.1%), self-declared brown (58.7%) and belonging to the middle class (70.9%). Most (62.6%) reported feeling well at school, having knowledge about bullying (90.8%) and (55.1%) to have been through victimization by bullying situations at school. The data revealed that victimization by bullying does not differ ($U = 3842, p = 0.20$) between male ($M = 0.78$) and female ($M = 0.89$) participants; there is no relation between age and victimization by bullying ($r_s = -0.05, p = 0.26$); the race has no influence on victimization

[F (4,191) = 2.13, p = 0.07]. There was a high prevalence of victimization by bullying in the surveyed sample, with no difference between sexes or age. It attests to the need for studies focusing on how school factors are related to the prevalence of bullying.

Keywords: victimization, bullying, teenagers, students

RESUMEN: El presente estudio tuvo como objetivo analizar la violencia entre pares en el contexto escolar en relación con los comportamientos de victimización por bullying. Se contó con una muestra de 196 adolescentes estudiantes de la escuela primaria y la secundaria de José de Freitas-PI. Se utilizó la Escala Calíornia de Victimización y preguntas sociodemográficas. Los datos se analizaron utilizando el oftware IBM *Statistical Package for the Social Sciences* versión 20.0, que permitió el cálculo de estadísticas descriptivas, prueba U de Mann-Whitney, correlación de Spearman y ANOVA unidireccional. Los estudiantes tenían una edad promedio de 12.5 años (DE = 2.08; amplitud de 10 a 18), predominantemente de sexo femenino (65.1%), autodeclarados pardos (58.7%) y pertenecientes a la clase media (70 , 9%). La mayoría (62.6%) declaró sentirse bien en el ambiente escolar, tenía conocimiento sobre el acoso escolar (90.8%) y (55.1%) ya había experimentado situaciones de victimización por bullying en el ambiente escolar. Los datos revelaron que la victimización por bullying no difiere (U = 3842, p = 0.20) entre los participantes masculinos (M = 0.78) y femeninos (M = 0.89); no hay relación entre la edad y la victimización por bullying (rs = -0.05, p = 0.26); la raza no tiene influencia en la victimización por bullying [F (4,191) = 2.13, p = 0.07]. Se verificó una alta prevalencia de victimización por bullying en la muestra investigada, sin diferencias entre sexos o edad. Se pudo comprobar la necesidad de estudios que se centren en cómo los factores escolares están relacionados con la prevalencia del acoso escolar.

Palabra clave: victimización, bullying, adolescentes, estudiantes.

Introdução

A violência é considerada um grande problema de saúde pública com sérias consequências individuais e sociais^{1,2,3}. Em contexto escolar, as violências constituem fenômeno preocupante. Primeiro, pelos impactos que tem sobre aqueles que a praticam, os que sofrem e os que testemunham. Segundo, porque contribuem para tirar da escola a sua condição de lugar de amizade, de prazer, da busca de conhecer e de aprender⁴.

Em se tratando da violência em contexto escolar, especificamente, o *bullying*, têm se observado atualmente um aumento no padrão deste tipo de comportamento, seja de natureza física, verbal e/ou psicológica. O *bullying* é caracterizado por ser um problema nas relações entre pares, sendo representado por um desequilíbrio de poder entre as partes, pela intencionalidade dos atos e pela repetitividade das atitudes agressivas⁵. Embora a palavra *bullying* seja de origem inglesa, essa tem sido usada na língua portuguesa em discussões sobre esse fenômeno, tendo em vista que ainda não existe uma tradução consensual que englobe todos os atributos definidores deste comportamento⁶.

Em contexto nacional, o *bullying* é utilizado como sinônimo de intimidação sistemática, visto que refere-se a todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas⁷.

O comportamento de *bullying* pode ser demonstrado de várias formas, na literatura, existem algumas classificações⁸, tais como: físico, verbal e psicológico⁹. Como também: indiretos, relacionais, físicos, verbais e genérico¹⁰. Existem pelos menos dois tipos de intimidação: a direta e a indireta. A primeira, refere-se aos ataques diretos às vítimas, o que pode ser física ou verbal. Já a segunda, expressa-se pela intimidação indiretamente ao outro, por meio de isolamento, ironias, piadas, difamação, entre outros¹¹.

Verifica-se, assim, que o *bullying* é estritamente um fenômeno grupal¹², nele, quatro atores fazem parte deste contexto: agressores, vítimas, vítimas-agressoras e as testemunhas/espectador^{13,14}. Os agressores do *bullying* (*bullies*) são aquelas crianças que agredem outra, supostamente mais fraca, com o objetivo de machucar, prejudicar ou humilhar, sem ter havido provocação por parte da vítima¹⁵. Possuem tendência a apresentar comportamentos antissociais, além de serem possíveis pessoas em conflito com a lei^{16,17}.

Já as vítimas do *bullying*, são aquelas crianças que são constantemente agredidas pelos colegas e, na maioria das vezes, não conseguem cessar ou reagir aos ataques^{18,19}. Apresentam regularmente um sentimento de insegurança que as impede de solicitar ajuda. Fazem poucas amizades, são passivos e não reagem aos atos de agressividade¹⁹. O espectador refere-se a uma pessoa que testemunha o *bullying*, mas não é envolvido como agressor ou vítima¹⁴. Um espectador pode continuar a observar passivamente um episódio de *bullying*, podendo incentivar um agressor ou apresentar um comportamento de defender a vítima²⁰.

O *bullying* acarreta vários impactos prejudiciais à vida dos envolvidos, tanto das vítimas como dos perpetradores. Configura-se, portanto, como um problema de Saúde Pública, complexo, multidimensional e relacional entre pares^{21,22}. Ser vítima de *bullying* no ambiente escolar tem sido associado a inúmeros problemas psicológicos e físicos. A vitimização entre pares é um importante fator de risco para a ideação suicida e tentativas de suicídio em adolescentes²³. Foi encontrada na literatura associação entre *bullying* com ideação suicida, suicídio e problemas de saúde física^{24,25,26}. Além disso, observa-se que a vitimização por *bullying* foi associada a maiores probabilidades de consumo atual de tabaco, absenteísmo escolar, luta física e relações sexuais desprotegidas. Verifica-se, assim, que ser vítima de

bullying pode acarretar prejuízos diversos aos jovens, o que poderá torná-lo mais vulnerável, além de desenvolver condutas antissociais e/ou delitivas²⁷.

Ademais, as vítimas de *bullying* podem apresentar tristeza relacionada ao ambiente escolar, desencadeando baixo rendimento de aprendizagem e evasão escolar²⁸. Portanto, a existência desse fenômeno no âmbito da escola altera negativamente o clima escolar, podendo exteriorizar uma sensação de insegurança e desorganização institucional da escola para os estudantes presentes²⁹.

Outro impacto específico do *bullying* na saúde emocional, está relacionado as características físicas dos adolescentes, principalmente aos aspectos dentofaciais. Comprovou-se que meninos vítimas de *bullying* possuem mais efeitos negativos relacionados à estética dos dentes do que as meninas, afetando desta maneira, sua qualidade de vida³⁰. Por certo, os dentes estão entre as características físicas direcionadas para o *bullying*, seguidas de força (fraqueza) e peso (obesidade). Entre as características dentofaciais comumente relatadas pelas vítimas como alvo pelos agressores, são: espaçamento entre os dentes, ou falta deles, cor e forma e dentes proeminentes³¹.

Além dos impactos relacionados à saúde física e psicológica decorrentes da vitimização por *bullying*, esse fenômeno gera impactos econômicos à sociedade. Comprovou-se que homens e mulheres que foram intimidados na infância eram menos propensos a estar no emprego e tinham acumulado menos riqueza, por exemplo: poupança, residência própria, do que pessoas não vítimas *bullying* durante a infância³². Tal como constatou-se maior prevalência do uso de serviços de saúde mental por indivíduos que foram frequente ou ocasionalmente intimidados na infância do que por aqueles que não foram intimidados. Verificou-se também que os impactos econômicos do *bullying* estão relacionados ao uso de serviços de saúde mental em tenra idade³³.

Pesquisadores em todo o mundo investigam as taxas de prevalência de *bullying* escolar e vitimização, tanto para entender os tipos de comportamentos de *bullying*, quanto para fornecer informações básicas para o estabelecimento de políticas *anti-bullying*³⁴. Tendo em vista que sua prevalência no mundo é numerosa³⁵. Em uma pesquisa realizada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), atestou que quase um em cada três estudantes (32%) foi intimidado por seus pares na escola pelo menos uma vez no último mês³⁶.

Em síntese, objetivou-se neste estudo analisar a vitimização por pares em relação aos comportamentos de *bullying*, em uma amostra de adolescentes escolares de uma cidade do

interior do Piauí. Especificamente, três hipóteses foram formuladas a partir da literatura sobre a temática:

1. Não há diferença de sexo enquanto papel de vítima no comportamento de *bullying*;
2. Adolescentes mais jovens estão mais sujeitos aos comportamentos de *bullying*;
3. Adolescentes escolares de cor ou raça preta/parda estão mais propensos a serem vítimas de *bullying*.

Método

Participantes

Contou-se com a participação de 196 adolescentes escolares da cidade de José de Freitas (PI), com idade variando de 10 a 18 anos ($M= 12,52$; $DP =2,08$), sendo a maioria do sexo feminino (65,1%). Tratou-se de uma amostra de conveniência (não probabilista), tendo participado aqueles, que obtiveram autorização dos pais para se envolver no estudo e quando presentes em sala de aula. Destaca-se que 90,8% dos participantes indicaram conhecer o *bullying* ao passo que 55,1% afirmaram ter sofrido com este tipo de agressão.

Instrumentos

Os participantes responderam um livreto contendo o seguinte instrumento: a Escala Califórnia de Vitimização do *Bullying* (ECVB) e um questionário sociodemográfico. A ECVB consiste em um instrumento constituído por sete itens, os sujeitos são questionados sobre a frequência com que sofrem uma série de situações consideradas exemplos de comportamentos de *bullying*, [por exemplo, “*Você foi provocado ou apelidado por seu(s) colega(s)?*”, “*Você teve comentários sexuais ou gestos correspondentes dirigidos a você?*”] respondendo de acordo com uma escala de 5 pontos, variando de 0 *Nunca* a 4 *Várias vezes durante esta semana*³⁷.

Em seguida são convidados a indicar se consideraram estes comportamentos intencionais e importantes (se os magoaram), respondendo *sim* ou *não*. Além dessas questões, a ECVB avalia o desequilíbrio de poder entre a vítima e agressor por meio de 10 adjetivos [por exemplo, *atraente, inteligente e fisicamente forte*], pedindo que as pessoas se comparem com a “principal pessoa que fez tais coisas”, respondendo em escala de 3 pontos (*menos do que eu, parecido comigo e mais do que eu*).

A versão desenvolvida da ECVB avaliou de forma confiável os múltiplos componentes do *bullying* e distingue validamente entre não vítimas, vítimas de pares e vítimas intimidadas³⁸. Neste estudo, foi utilizado a versão da ECVB desenvolvida por Felix³⁸ e adaptada e validada para o contexto brasileiro Soares³⁷.

Procedimentos

Após parecer favorável do comitê de ética em pesquisa da Universidade Federal do Piauí (UFPI), aprovado em 10/07/2019, sob parecer nº 2.763.992, entrou-se em contato com os responsáveis pelas instituições de ensino, com o propósito de solicitar a autorização para a realização da coleta dos dados. Por se tratar de uma amostra composta por menores, após a autorização dos diretores das escolas, solicitou-se aos pais e responsáveis autorização por meio de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), onde deveriam dar ciência do estudo, expressando sua autorização para que o menor fizesse parte do estudo. A coleta dos dados foi realizada em ambiente coletivo (sala reservada para este fim).

Os escolares foram informados sobre o estudo, sua livre participação, o anonimato e que poderiam interromper a pesquisa caso não se sentissem a vontade para responder as perguntas, não implicando qualquer dano ao participante ou prejuízos. Os participantes utilizaram em média 30 minutos para concluir.

Análise dos Dados

Para a digitação e análise de dados, utilizou-se o *software IBM Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) versão 20.0. Calcularam-se estatísticas descritivas (média e desvio-padrão) e inferenciais, como teste U de Mann-Whitney, correlação de Spearman, ANOVA.

Resultados

Contou-se com a participação de 196 adolescentes escolares, de ambos os sexos, da amostra total, 65,1% eram do sexo feminino e 34% do sexo masculino, com uma média de idade de 12,52 (DP = 2,08; amplitude de 10 a 18). Além disso, a maioria declarou que a situação conjugal de seus pais são casados, constituindo-se em 59,7%. A cor/raça parda foi referida por 58,7% dos escolares participantes. A maioria se declarou pertencer à classe média 70,9%. A maior parte dos escolares participantes da pesquisa foram do 6º ano 25,5%. A Tabela 1 apresenta a caracterização da amostra analisada.

Tabela 1. Caracterização dos adolescentes escolares participantes da pesquisa. José de Freitas, PI, 2020.

Variável	N	%
Total	196	100
Sexo		
Masculino	68	34,7
Feminino	128	65,3
Idade (em anos)		
10	41	20,9
11	31	15,8
12	34	17,3
13	31	15,8
14	25	12,8
15	17	8,7
16	6	3,1
17	7	3,6
18	4	2
Série/Ano		
4º Ano	11	5,6
5º Ano	35	17,9
6º Ano	50	25,5
7º Ano	35	17,9
8º Ano	21	10,7
9º Ano	18	9,2
1º Ano do E.M	11	5,6
2º ano do E.M.	8	4,1
3º Ano do E.M	7	3,6
Turno		
Manhã	62	31,6
Tarde	114	58,2
Integral	20	10,2
Estado civil do pais		
Solteiro	24	12,2
Casado/convivente	117	59,7
Separado/divorciado	45	23
Viúvo	10	5,1
Classe social		
Baixa	28	14,3
Média Baixa	11	5,6
Média	139	70,9
Alta	18	9,2
Raça		
Branca	27	13,8
Parda	115	58,7
Preta	34	17,3
Indígena	13	6,6
Amarela	7	3,6

Fonte: Dados da Pesquisa

A maior parte dos estudantes reportou se sentir bem no ambiente escolar (62,6%), no entanto, é importante atentar-se aos aspectos solitário e excluído, ambos com (4,6%). Destaca-se que (90,8%) dos participantes indicaram conhecer o *bullying* ao passo que (55,1%) afirmaram ter sofrido com esse tipo de agressão no ambiente escolar (Tabela 2).

Tabela 2. Caracterização dos adolescentes em relação a escola e ao *bullying*. José de Freitas, PI, 2020.

Variável	N	%
Total	196	100
Como você se sente na sua escola		
Bem	122	62,6
Satisfeito	35	17,9
Seguro	10	5,1
Solitário	9	4,6
Com medo	7	3,6
Maltratado	3	1,5
Excluído	9	4,6
Conhece o que é <i>bullying</i>		
Sim	178	90,8
Não	17	8,7
Você foi vítima de <i>bullying</i>		
Sim	108	55,1
Não	88	44,9

Fonte: Dados da pesquisa.

No que diz respeito às características demográficas e à vitimização por *bullying*, a Tabela 3 apresenta as médias de vitimização por *bullying* de acordo com o sexo e com a raça da vítima.

Tabela 3. Média de vitimização por *bullying* por sexo e raça. José de Freitas, PI, 2020.

Raça	Vitimização por <i>Bullying</i> M (DP)		
	Feminino	Masculino	Total
Branca	0,85 (0,58)	0,67 (0,58)	0,76 (0,58)
Preta	0,80 (0,67)	0,53 (0,50)	0,71 (0,63)
Parda	0,93 (0,71)	0,87 (0,83)	0,92 (0,75)
Indígena	0,53 (0,62)	0,62 (0,65)	0,57 (0,61)
Amarela	1,64 (1,51)	1,42 (0,59)	1,5 (0,82)
Total	0,89 (0,70)	0,78 (0,73)	0,86 (0,71)

Fonte: Dados da pesquisa.

Nota. Esta tabela apresenta a média do escore total da vitimização por *bullying* calculada a partir da média da frequência dos itens da Escala Califórnia de Vitimização do *Bullying*.

Em relação aos tipos de *bullying* como observado na Tabela 4, o uso de apelidos parece ser o comportamento mais frequente, enquanto que o uso de ameaças e comentários sexuais possuem uma frequência baixa.

Tabela 4. Média de ocorrência de cada tipo de *bullying*. José de Freitas, PI, 2020.

Comportamento	M	DP
1. Você foi provocado ou apelidado por seu(s) colega(s)?	1,63	1,59
2. Você teve rumores, boatos ou fofocas espalhadas sobre você por seu(s) colega(s) pelas suas costas?	1,17	1,36
3. Você foi deixado de fora do grupo ou ignorado por seu(s) colega(s)?	0,97	1,31
4. Você foi empurrado ou agredido fisicamente?	0,55	1,05
5. Você foi ameaçado por seu(s) colega(s)?	0,42	,91
6. Você teve suas coisas roubadas ou danificadas por seu(s) colega(s)?	0,72	1,07
7. Você teve comentários sexuais ou gestos correspondentes dirigidos a você?	0,53	1,03

Fonte: Dados da pesquisa.

Nota. Esta tabela apresenta a média da frequência de cada um dos itens da Escala Califórnia de Vitimização do *Bullying*. Estes estão sendo utilizados dessa forma apenas a título de descrição dos dados, mas para fins de análises inferenciais, utilizar-se-á o escore geral.

Verificação das Hipóteses

Para a verificação da primeira hipótese deste estudo (**Hipótese 1: Não há diferença de sexo enquanto papel de vítima no comportamento de bullying**), inicialmente, testou-se se o escore total de vitimização por *bullying* é normalmente distribuído em participantes do sexo masculino e feminino separadamente através do teste de Shapiro-Wilk para decidir o tipo de teste mais adequado. Os resultados demonstraram que o escore de vitimização por *bullying* não segue uma distribuição normal em nenhum dos sexos ($p < 0,001$).

O teste t é robusto a desvios de normalidade quando os tamanhos dos grupos comparados são aproximadamente iguais³⁹. No entanto, como os grupos apresentam tamanhos diferentes, para comparar a frequência de vitimização por *bullying* entre os sexos, optou-se pelo teste U de Mann-Whitney que é a versão não-paramétrica do teste t. Esse teste, revelou que a vitimização por *bullying* não difere ($U = 3842$, $p = 0,20$) entre participantes do sexo masculino ($M = 0,78$) e feminino ($M = 0,89$), corroborando a hipótese 1.

Em seguida, para a testagem da segunda hipótese (**Hipótese 2: Adolescentes mais jovens estão mais sujeitos aos comportamentos de bullying**) deste estudo, testou-se a normalidade dos escores gerais de vitimização por *bullying* e da idade, utilizando-se o teste de Shapiro-Wilk e ambas demonstraram não seguir uma distribuição normal ($p < 0,001$). Desse modo, conduziu-se uma correlação de Spearman para verificar se existe uma correlação entre as variáveis. Os resultados demonstraram que não existe uma relação entre idade e vitimização por *bullying* ($r_s = -0,05$, $p = 0,26$) não corroborando a hipótese 2.

Para a testagem da terceira hipótese (**Hipótese 3: Adolescentes escolares de cor ou raça preta/parda estão mais propensos a serem vítimas de bullying**) inicialmente, testou-se a normalidade da vitimização por *bullying* em cada grupo (branco, preto, parda, indígena, amarela) separadamente. O teste de Shapiro-Wilk demonstrou que tal variável segue uma distribuição normal apenas no grupo de raça amarela ($p = 0,32$). No entanto, como a ANOVA é robusta a desvios de normalidade, contando que as demais suposições sejam satisfeitas, esse desvio não impede a utilização da ANOVA. Foram observados também quatro valores atípicos, dois na raça preta (2,29; 2,43) e dois na raça parda (3; 3).

Entretanto, como tais valores estão dentro do limite da escala de resposta da medida, tais valores foram mantidos no banco de dados, pois a sua exclusão poderia acarretar em viés nos resultados. Ademais, o teste de Levene [$F(4,191) = 0,69$, $p = 0,60$] demonstrou que as variâncias entre os grupos são homogêneas, indicando que uma ANOVA pode ser conduzida. Uma ANOVA unifatorial, demonstrou que a raça não possui qualquer influência na vitimização por *bullying* [$F(4,191) = 2,13$, $p = 0,07$].

Adicionalmente, verificou-se também se aqueles estudantes que sofrem *bullying* com maior frequência tendem a perceber o agressor de forma mais negativa ou positiva em comparação a eles mesmos e se os mesmos tendem a serem mais afetados pelo *bullying*. Como o escore geral de vitimização por *bullying* não segue uma distribuição normal como mencionado anteriormente, optou-se por uma correlação de *Spearman*.

Os resultados demonstraram que não existe relação entre sofrer *bullying* e a percepção do agressor por parte da vítima ($r_s = -0,04$, $p = 0,27$). No entanto, quanto maior a frequência de *bullying*, mais os estudantes se sentem afetados pelo mesmo ($r_s = 0,80$, $p < 0,001$). Ademais, o teste U de Mann-Whitney ($U = 3494$, $p = 0,02$), utilizado porque a variável dependente não apresenta distribuição normal nem em homens ou mulheres ($p < 0,001$), demonstrou que meninas ($M = 0,35$) tendem a se sentir mais afetadas pela frequência do *bullying* do que os meninos ($M = 0,26$).

Discussão

O presente estudo procurou analisar a violência entre pares no contexto escolar em relação aos comportamentos de vitimização por *bullying* em adolescentes. Para tanto, foi verificado que na população estudada 90,8% (n= 178) relataram conhecer o fenômeno do *bullying*, além disso, 55,1% (n= 108) referiram ter sofrido *bullying* na escola. No entanto, quando observada a frequência de vitimização por *bullying* através da ECVB esta parece ser pequena, essa diferença pode ser atribuída ao período de resposta da escala que leva em consideração os últimos 30 dias, enquanto que ao questionário sociodemográfico investiga sobre o *bullying* durante o tempo de vida.

A prevalência de vitimização por *bullying* foi elevada neste estudo (55,1%), sendo superior as pesquisas encontradas na literatura internacional e nacional, por exemplo, em pesquisa realizada pela OMS entre escolares de mais de 40 países, revelou que cerca de 14% de adolescentes com idade de 13 anos já sofreram com episódios de *bullying* nos últimos dois meses⁴⁰. Em contexto brasileiro, de acordo com a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), foram verificadas taxas crescentes de vitimização por *bullying*, sendo que em sua primeira edição 5,4% dos estudantes nas capitais brasileiras relataram ter sofrido *bullying* e 7,2% na segunda edição⁴¹. Já na terceira edição, 7,4% dos alunos relataram ter sofrido *bullying* nos últimos 30 dias⁴².

Em pesquisa realizada em uma cidade com altos índices de violência no México, verificou que a prevalência de *bullying* foi relatada por 38% das mulheres e 47% dos homens, resultados próximos aos encontrados neste estudo⁴³. Constata-se que a prevalência de vitimização por *bullying* varia em diversos estudos e países⁴². Além do mais, variam dependendo de como essas taxas são medidas³⁴.

Neste estudo, constatou-se que o *bullying*, do tipo verbal, foi o comportamento mais frequente entre os participantes. Este achado coincide com outros estudos encontrados na literatura, em que o tipo verbal foi o mais predominante^{44,45}. Em um estudo visando analisar a prevalência de *bullying* e *cyberbullying* entre estudantes na última etapa da educação primária, concluiu-se que o tipo de *bullying* mais frequente relatado pelas vítimas, agressores e espectadores são as agressões verbais, seguidas das agressões físicas⁴⁶.

Estes achados contrastam um estudo realizado pela UNESCO, em que refere o *bullying* físico como o tipo mais frequente em muitas regiões, com exceção da América do Norte e da Europa, em que o *bullying* psicológico é o mais comum. O *bullying* sexual é o segundo mais comum em muitas regiões. O *bullying* físico é mais comum entre os meninos, enquanto o *bullying* psicológico é mais prevalente entre as meninas³⁶. Neste estudo, o *bullying*

físico foi um episódio pouco habitual em relação aos tipos de *bullying*, pontuando em 04 nível de ocorrência, sugere-se que isso possa ser parcialmente explicável, devido a política que preza pela tolerância zero a agressões nas escolas.

Os dados desse estudo mostraram que a vitimização por *bullying* não difere entre participantes do sexo masculino e feminino. Verificou-se que tanto escolares do sexo feminino, quanto do sexo masculino podem se tornar vítimas de *bullying*. Semelhante ao estudo realizado em Belo Horizonte que não encontrou diferença significativa entre os sexos⁴⁷.

Contudo, em geral, os estudos apontam maior ocorrência de *bullying* em meninos do que em meninas^{19,28}. Em contexto brasileiro, estão mais propensos a vitimização por *bullying* adolescentes mais jovens, do sexo masculino, associado a situações de risco, como por exemplo: sofrer violência doméstica⁴⁸. Corroborando com este achado, verifica-se também em contexto brasileiro, uma associação entre a vitimização na escola e variáveis sociodemográficas: ser do sexo masculino, mais jovem, com piores condições socioeconômicas, como filhos de mães sem estudo, que estudam na escola pública e trabalham. Favorecem, além disso, ambiente familiar inadequado, como agressão familiar, sem diálogos, sofrimento mental e escolares com uso regular do tabaco⁴².

Não foram observadas relação entre idade e vitimização por *bullying*. Resultado similar foi encontrado em uma pesquisa sobre *bullying*, utilizando uma amostra de adolescentes encaminhados para consulta psiquiátrica, onde não encontraram uma associação entre idade e sofrer *bullying*⁴⁹. Escolares de idades menores (13 e 14 anos) apresentaram um maior percentual de vitimização quando comparados com os de idades maiores. Evidencia-se que com o aumento da idade, diminui a probabilidade de vitimização por *bullying*⁵⁰.

Não foi verificada que a raça possui qualquer influência na vitimização por *bullying*, embora estudos apontem esta relação^{51,52}. Contrários aos dados desta pesquisa, estudo realizado com dados provenientes de um inquérito epidemiológico, referiu a cor da pele ou raça dos estudantes como significativamente causa para a vitimização⁵³. Esses mesmos autores relataram que negros sofrem *bullying* cerca de quatro vezes mais e indígenas até duas vezes mais.

Conclusão

O *bullying*, em escala mundial, é considerado um grave problema social, uma vez que são comportamentos agressivos comuns que ocorrem em todas as escolas, tendo em vista que poderá se tornar um fator de risco para o desenvolvimento de agravos à saúde dos envolvidos, tais danos podem ser de ordem físicas, emocionais e/ou psicológicas.

Neste contexto, constata-se alta prevalência desse tipo de violência na amostra pesquisada. Porém, a vitimização não diferiu entre participantes do sexo masculino e feminino. Além disso, os resultados não demonstraram uma relação entre idade e ser vítima de *bullying*, como também, a raça não possui qualquer influência na vitimização por *bullying*. O estudo permitiu conhecer como se dá a vitimização por *bullying*, apontando o *bullying* verbal como o tipo preponderante.

Partindo do pressuposto, que nem sempre o pesquisador consegue apropriar-se da totalidade de seu objeto de estudo, faz-se necessário pontuar duas limitações aqui encontradas. Uma instância metodológica aqui destacada como um aspecto que contribuiu para possíveis debilidades identificadas neste estudo, isto é, a natureza da amostra, visto que, não foi probabilística, mas de conveniência, não possibilitando a generalização dos resultados.

A segunda limitação diz respeito ao instrumento utilizado na coleta de dados sobre o *bullying*, que não avalia situações de *cyberbullying*, um tipo de agressão que tem aumentado nos dias de hoje, principalmente com a utilização das mídias sociais. Os resultados logrados neste estudo, poderá ser útil para gestores, no que se refere a implementação de políticas públicas, que possam estar ancoradas em valores como tolerância, respeito, justiça e solidariedade, tendo em vista, que o fenômeno do *bullying* é complexo e de difícil identificação, principalmente por manifestar-se de maneira sutil, implícita e com a imposição do silêncio.

Sugere-se para estudos futuros, trabalhos que busquem analisar como os fatores escolares estão relacionados ao *bullying*, como por exemplo: espaço físico da escola, gestão escolar, políticas de promoção da paz na escola, clima escolar, currículo escolar, visando entender qual a relação entre características da escola com a prevalência do *bullying*.

Portanto, a vitimização por *bullying* gera impactos na saúde física e emocional, tornando-se um sério problema Social e de Saúde Pública, que requer dos diversos setores da sociedade medidas que possam minimizá-los. Por se tratar de um fenômeno multifacetado e dinâmico, há necessidade, de investir em programas de prevenção ao *bullying* no ambiente escolar e considerar o papel da família como relevante na construção de uma cultura de paz, seja dentro do ambiente familiar, seja no espaço da escola.

Referências

1. Krug EG, Dahlberg LL, Mercy JA, Zwi AB, Lozano R. World report on violence and health. Geneva: Organização Mundial da Saúde; 2002.

2. Wolf A, Gray R, Fazel S. Violence as a public health problem: An ecological study of 169 countries. *Social Science & Medicine* 2014; 104:1: 220-227.
3. Bärnighausen T, Tugwell P, Røttingen J-A, Shemilt I, Rockers P, Geldsetzer P, Lavis J, Grimshaw J, Daniels K, Brown A, Bor J, Tanner J, Rashidian A, Barreto M, Vollmer S, Atun R. Quasi-experimental study designs series-paper 4: Uses and value. *Journal of Clinical Epidemiology* 2017; 89:1:21-29.
4. Abramovay M. Programa de prevenção à violência nas escolas violências nas escolas: violência nas escolas. BRASIL: FLACSO; 2015.
5. Olweus D. School Bullying: Development and some important challenges. *Annual Review of Clinical Psychology* 2013; 9:1:751-780.
6. Chaves DRL, Sousa MR. *Bullying* e preconceito: a atualidade da barbárie. *Revista Brasileira de Educação* 2018;23:e230019:1-8.
7. Brasil. LEI Nº 13.185, DE 6 DE NOVEMBRO DE 2015. Brasília, DF: Presidência da República, 2015. http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13185.htm (acessado em 24/Out/2019).
8. Duy B. Teachers' Attitudes toward different types of bullying and victimization in turkey. *Psychology in the Schools* 2013; 50:10:987-1002.
9. Orpinas P, Horne AM. *Bullying prevention: Creating a positive school climate and developing social competence*. Washington: American Psychological Association; 2006.
10. Hawker DSJ, Boulton MJ. Twenty years' research on peer victimization and psychosocial mal-adjustment: A meta-analytic review of cross-sectional studies. *Journal of Child Psychology and Psychiatry* 2000; 41:4:441-455.
11. Nascimento AMT, Menezes JA. Intimidações na adolescência: expressões da violência entre pares na cultura escolar. *Psicologia & Sociedade* 2013; 25:1:142-151.
12. Diaz-Aguado MJ. *Da violência escolar à cooperação na sala de aula*. São Paulo: Editora Adonis; 2015.
13. Olweus D. A profile of bullying at school. *Educational Leadership* 2003; 60:6:12-17.
14. Bandeira CM, Hutz CS. *Bullying*: prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional* 2012; 16:1:35-44.
15. Berger KS. Update on bullying at school: Science forgotten? *Developmental Review* 2007; 27: 1:90-126.
16. Bender D, Lösel F. Bullying at school as a predictor of delinquency, violence and other anti-social behaviour in adulthood. *Criminal Behaviour and Mental Health* 2011; 21:2:99-106.

17. Oliveira WA, Silva MAI, Silva JL, Mello FCM, Prado RR, Malta DC. Associations between the practice of bullying and individual and contextual variables from the aggressors' perspective. *Jornal de Pediatria* 2016; 92:1:32-39.
18. Lopes NAA. Bullying. *Adolescência e Saúde* 2007; 4:3:51-56.
19. Moura DR, Cruz ACN, Quevedo LÁ. Prevalência e características de escolares vítimas de *bullying*. *J Pediatr* 2011; 87:1:19-23.
20. Yun H-Y, Graham S. Defending Victims of Bullying in Early Adolescence: A Multilevel Analysis. *Journal of Youth and Adolescence* 2018; 47:9:1926-1937.
21. Araújo LS, Coutinho MPL, Miranda RS, Saraiva ERA. Universo consensual de adolescentes acerca da violência escolar. *Psico USF* 2012; 17:2:243-51.
22. Hidalgo-Rasmussen C, Molina TMR, Sepúlveda RMV, Montaña R, González E, George M. Bullying y calidad de vida relacionada con la salud em adolescentes escolares chilenos. *Revista Médica de Chile* 2015; 143:6:716-23.
23. Geel MV, Vedder P, Tanilon J. Relationship between peer victimization, cyberbullying, and suicide in children and adolescents: A meta-analysis. *JAMA Pediatrics* 2014; 168:5:435-442.
24. Zoul C, Andersen JP, Blossnich JR. The Association Between Bullying and Physical Health Among Gay, Lesbian, and Bisexual Individuals. *Journal of the American Psychiatric Nurses Association* 2013; 19:6:356-365.
25. Skapinakis P, Bellos S, Gkatsa T, Magklara K, Lewis G, Araya R, Stylianidis S, Mavreas V. The association between bullying and early stages of suicidal ideation in late adolescents in Greece. *BMC Psychiatry* 2011; 11:22:1-9.
26. Nylund K, Bellmore A, Nishina A, Graham S. Subtypes, severity, and structural stability of peer victimization: what does latent class analysis say? *Child Development* 2007; 78:6:1706-1722.
27. Romo ML, Kelvin EA. Impact of bullying victimization on suicide and negative health behaviors among adolescents in Latin America. *Revista Panamericana de Salud Pública* 2016; 40:5:347-345.
28. Marcolino EC, CAL, Padilha WWN, Miranda FAN, Clementino FS. BULLYING: Prevalence And Factors Associated With Vitimization And Aggression In The School Quotidian. *Texto Contexto Enferm* 2018; 27:1:1-10.
29. Zequinão MA, Medeiros P, Pereira B, Cardoso FL. Bullying escolar: um fenômeno multifacetado. *Educ. Pesqui.* 2016; 42:1:181-198.
30. Al-Omari IK, Al-Bitar ZB, Sonbol HN, Al-Ahmad HT, Cunningham SJ, Al-Omiri M. Impact of bullying due to dentofacial features on oral health-related quality of life. *American Journal of Orthodontics and Dentofacial Orthopedics* 2014;146:6:735-739.

31. Al-Bitar ZB, Al-Omari IK, Sonbol HN, Al-Ahmad HT, Cunningham SJ. Bullying among Jordanian schoolchildren, its effects on school performance, and the contribution of general physical and dentofacial features. *American Journal of Orthodontics and Dentofacial Orthopedics* December 2013; 144:6:72-878.
32. Brimblecombe N, Evans-Lacko S, Knapp M, King D, Takizawa R, Maughan B, Arseneault L. Long term economic impact associated with childhood bullying victimisation. *Social Science & Medicine* 2018; 208:1:134-141.
33. Evans-Lacko S, Takizawa R, Brimblecombe N; King D, Knapp M, Maughan B, Arseneault L. Childhood bullying victimization is associated with use of mental health services over five decades: a longitudinal nationally representative cohort study. *Psychological Medicine* 2017; 47:127-135.
34. Chen L-M, Cheng Y-Y. Prevalence of school bullying among secondary students in Taiwan: Measurements with and without a specific definition of bullying. *School Psychology International* 2013; 34:6:707-720.
35. Mello FCM, Malta DC, Santos MG, Silva MMA, Silva MAI. Evolução do relato de Sofrer *bullying* entre escolares brasileiros, Pesquisa Nacional de Saúde - 2009 a 2015. *Rev Bras Epidemiol* 2018;21:supl. 1:1-10.
36. UNESCO. Behind the numbers: Ending school violence and bullying. Paris: United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization; 2019.
37. Soares AKS, Gouveia VV, Gouveia RSV, Fonsêca PNda, Pimentel CE. Escala Califórnia de Vitimização do *Bullying* (ECVB): Evidências de Validade e Consistência Interna. *Temas em Psicologia*, 2015; 23:2:481-491.
38. Felix ED, Sharkey JD, Green JG, Furlong MJ, Tanigawa D. Getting precise and pragmatic about the assessment of bullying: The development of the California Bullying Victimization Scale. *Aggressive Behavior* 2011; 37: 234-247.
39. Field A. *Descobrimos a Estatística Usando o SPSS*. Porto Alegre: Artmed; 2009.
40. World Health Organization (WHO). *Inequalities Young people's health: key findings from the Health Behaviour in School-aged Children (HBSC) 2005/2006 survey fact sheet*. Copenhagen: WHO; 2008.
41. Oliveira WA, Silva MAI, Mello FCM, Porto DL, Yoshinaga ACM, Malta DC. Causas do *bullying*: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar. *Rev. Latino-Am. Enfermagem* 2015; 23:2:275-282.
42. Malta DC, Mello FCM, Parado RR, Sá ACMGN, Marinho F, Pinto IV, Silva MMA da, Silva MAI. Prevalência de bullying e fatores associados em escolares brasileiros, 2015. *Ciência & Saúde Coletiva* 2019; 24:4:1359-1368.

43. Ramos-Jiménez A, Hernández-Torres RP, Murguía- Romero M, Villalobos-Molina R. Prevalence of bullying by gender and education in a city with high violence and migration in Mexico. *Rev Panam Salud Publica* 2017; 41:1:1-6.
44. Wang J, Iannotti RJ, Nansel TR. School bullying among adolescents in the United States: physical, verbal, relational, and cyber. *J Adolesc Health* 2009; 45:1:368-75.
45. Beaty LA, Alexeyev EB. The problem of school bullies: what the research tells us. *Adolescence* 2008; 43:1:1-11.
46. Machimbarrena JM, Garaigordobil M. Acoso y ciberacoso en educación primaria. *Behavioral Psychology / Psicología Conductual* 2018; 26:2:263-280.
47. Costa MR, Xavier CC, Andrade AC, Proietti FA, Caiaffa WT. *Bullying* among adolescents in a Brazilian urban center - "Health in Beagá Study". *Rev Saude Publica* 2015; 49;56:1-10.
48. Malta DC, Campos MO, Prado RR, Andrade SSC, Mello FCM, DIAS AJR, Bomtempo DB. Uso de substâncias psicoativas, contexto familiar e saúde mental em adolescentes brasileiros, Pesquisa Nacional de Saúde dos Escolares (PeNSE 2012). *Revista Brasileira de Epidemiologia Suplemento PeNSE* 2014; 17: supl. 1:46-61.
49. Alavi N, Reshetukha T, Prost E, Antoniak K, Pantel C, Sajid S, Groll D. Relationship between Bullying and Suicidal Behaviour in Youth presenting to the Emergency Department. *J Can Acad Child Adolesc Psychiatry* 2017; 26:2:70-77.
50. Santos JA dos, Cabral-Xavier AF, Paiva SM, Leite-Cavalcanti A. Prevalência e Tipos de *Bullying* em Escolares Brasileiros de 13 a 17 anos. *Revista de Salud Pública* 2014; 16:2:173-183.
51. Patton DU, Hong JS, Williams AB, Allen-Meares P. A review of research on school bullying among African American youth: an ecological systems analysis. *Educ Psychol Rev.* 2013; 25:2:245-260.
52. Mello FCM, Malta DC, Prado RR, Farias MS, Alencastro LCS, Silva MAI. *Bullying* e fatores associados em adolescentes da Região Sudeste segundo a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar. *Rev Bras Epidemiol* 2016; 19:4:866-877.
53. Oliveira WA, Silva MAI, Mello FCM, Porto DL, Yoshinaga ACM, Malta DC. Causas do *bullying*: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar. *Rev. Latino-Am. Enfermagem* 2015; 23:2:275-282.

ANEXOS

ANEXO A - Escala Califórnia de Vitimização do *Bullying*

INSTRUÇÕES: A seguir são apresentadas situações que os jovens podem encontrar no seu dia a dia na escola. Independente da experiência dos demais ao seu redor, gostaríamos que indicasse com que frequência teve cada uma destas vivências no contexto escolar. Responda a forma mais honesta e sincera possível, circulando um número na escala de respostas ao lado de cada comportamento, segundo a frequência com que o experimentou. Posteriormente, indique se os comportamentos indicativos tiveram importância para você, isto é, o magoaram.

COMPORTAMENTOS VIVENCIADOS NO CONTEXTO ESCOLAR	Nunca	Apenas uma vez no mês passado	Duas ou três vezes no último mês	Apenas uma vez nesta semana	Várias vezes durante esta semana	Este comportamento foi intencional e teve importância para você (0 magoou)?	
						Não	Sim
01. Você foi provocado ou apelidado por seu(s) colega(s)?	0	1	2	3	4	0	1
02. Você teve rumores, boatos ou fofocas espalhados sobre você por seu(s) colega(s) pelas suas costas?	0	1	2	3	4	0	1
03. Você foi deixado de fora do grupo ou ignorado por seu(s) colega(s)?	0	1	2	3	4	0	1
04. Você foi empurrado ou agredido fisicamente?	0	1	2	3	4	0	1
05. Você foi ameaçado por seu(s) colega(s)?	0	1	2	3	4	0	1
06. Você teve suas coisas roubadas ou danificadas por seu(s) colega(s)?	0	1	2	3	4	0	1
07. Você teve comentários sexuais ou gestos correspondentes dirigidos a você?	0	1	2	3	4	0	1

INSTRUÇÕES. Caso você tenha se envolvido 3m uma ou mais das situações anteriormente descritas, gostaríamos que se comparasse com a “principal pessoa que fez tais coisas a você”. Neste sentido, leia cada uma das características que podem descrever seu (sua) colega e indique em que medida ele a apresenta mais, igual ou menos que você. Circule um número na escala ao lado de cada característica.

CARACTERÍSTICAS DO(A) COLEGA	Menos do que eu	Parecido comigo	Mais do que eu
01. Popular	0	1	2
02. Esperto(a)	0	1	2
03. Fisicamente forte	0	1	2
04. Bonito(a)	0	1	2
05. Simpático(a)	0	1	2
06. Extrovertido(a)	0	1	2
07. Inteligente	0	1	2
08. Magro(a)	0	1	2
09. Atraente	0	1	2
10. Companheiro	0	1	2

(SOARES, GOUVEIA, GOUVEIA, FONSECA, PIMENTEL, 2015)

ANEXO B - Autorização Institucional-SEDUC



AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

Declaramos para os devidos fins, que aceitamos que a pesquisadora **Káren Maria Rodrigues da Costa**, do Programa de Pós-Graduação em Saúde e Comunidade-UFPI, desenvolva seu projeto de pesquisa "**Violência entre Pares: Análise do Bullying no Contexto Escolar**", que está sob orientação do Prof. Dr. Cássio Eduardo Soares Miranda (UFPI), cujo objetivo é analisar a violência entre pares no contexto escolar com ênfase nos comportamentos de *bullying* em adolescentes na cidade de José de Freitas (PI).

A aceitação está condicionada ao cumprimento do pesquisador aos requisitos da Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares, comprometendo-se a utilizar os dados e materiais coletados exclusivamente para fins de pesquisa.

José de Freitas, PI 13 de Junho de 2018.


 Maria do Livramento Carvalho
 Supervisora Estadual de Ensino

Secretaria Estadual de Educação e Cultura - SEDUC
 18ª Gerência Regional de Educação
 Supervisão Municipal de Ensino de José de Freitas-PI
 Av. Américo Celestino, 180- centro
 Telefone: (86) 3264-1906

ANEXO C - Autorização Institucional-SEMEC

ESTADO DO PIAUÍ
PREFEITURA MUNICIPAL DE JOSÉ DE FREITAS-PI
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO - SEMEC
Rua Edgar Galvão, 61 - Centro - Cep: 64.110-000
CNPJ(MF): 06.554.786/0001-75 / Fone: (86) 3264-1300

AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

Declaramos para os devidos fins, que aceitamos que a pesquisadora Káren Maria Rodrigues da Costa, do Programa de Pós-Graduação em Saúde e Comunidade-UFPI, desenvolva seu projeto de pesquisa "Violência entre Pares: Análise do *Bullying* no Contexto Escolar", que esta sob orientação do Prof. Dr. Cássio Eduardo Soares Miranda (UFPI), cujo objetivo é analisar a violência entre pares no contexto escolar com ênfase nos comportamentos de *bullying* em adolescentes na cidade de José de Freitas (PI).

A aceitação está condicionada ao cumprimento do pesquisador aos requisitos da Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares, comprometendo-se a utilizar os dados e materiais coletados exclusivamente para fins de pesquisa.

José de Freitas, 21 de Junho de 2018.

Profa. Maria do Amparo Holanda da Silva
Secretaria Municipal de Educação

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
RUA EDGAR GALVÃO, 61 - CENTRO
JOSE DE FREITAS - PIAUÍ

ANEXO D - Parecer Comitê de Ética

	UFPI - UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ - CAMPUS MINISTRO PETRÔNIO	
PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP		

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: TÍTULO: VIOLÊNCIA ENTRE PARES: ANÁLISE DO BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR

PÚBLICO: O público da pesquisa são adolescentes de 10-19 anos matriculados nas escolas municipais e estaduais da cidade de José de Freitas.

Pesquisador: Cassio Eduardo Soares Miranda

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 92964518.8.0000.5214

Instituição Proponente: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.763.992

Apresentação do Projeto:

Este estudo pretende analisar a violência entre pares no contexto escolar com ênfase nos comportamentos de bullying em adolescentes na cidade de José de Freitas (PI). Em relação a metodologia, o estudo divide-se em duas etapas distintas, na Etapa I - o método consiste em aplicar um Instrumento com a população de escolares do ensino Fundamental e Ensino Médio. O instrumento que será utilizado para obter as informações necessárias será a Escala Califórnia de Vitimização do Bullying (ECVB) e questionário sociodemográfico. Etapa II: Será realizada entrevista semiestruturada com escolares. A amostragem será do tipo probabilística estratificada proporcional. Na etapa I o tamanho mínimo da amostra foi calculado em 229 adolescentes escolares, número ao qual foram acrescidos 20% para possíveis perdas, totalizando 252 indivíduos. Já na etapa II, participarão os 13 adolescentes escolares (5% da amostra total) que pontuarem mais alto na Escala Califórnia de Vitimização do Bullying (ECVB). Em relação a ECVB será empregado para a análise dos dados o Pacote Estatístico para Ciências Sociais (SPSS) versão 21, com fins de obter as estatísticas descritivas (frequências, média e desvio padrão) e inferenciais (análise de correlação), para isto será utilizado a correlação r de Pearson e Teste t. Em relação aos discursos dos participantes, será analisada por meio da Técnica de Análise do Discurso (AD).

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella - Pró-Reitoria de Pesquisas			
Bairro: Ininga		CEP: 64.040-550	
UF: PI	Município: TERESINA		
Telefone: (86)3237-2332	Fax: (86)3237-2332	E-mail: cep.ufpi@ufpi.edu.br	



UFPI - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PIAUÍ - CAMPUS
MINISTRO PETRÔNIO



Continuação do Processo: 2.753.992

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário: Analisar a violência entre pares no contexto escolar com ênfase nos comportamentos de bullying em adolescentes na cidade de José de Freitas (PI).

Objetivo Secundário: Identificar a prevalência de comportamentos de bullying sofridos por adolescentes escolares na cidade de José de Freitas (PI); Caracterizar os comportamentos de bullying na população em estudo; Descrever as dificuldades enfrentadas pelos adolescentes escolares vítimas de bullying no contexto educacional; Descrever quais as estratégias de enfrentamento desenvolvidas pelos escolares no enfrentamento do bullying.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: São previstos riscos mínimos a colaboração nesta pesquisa, visto que a aplicação dos instrumentos de coleta de dados pode gerar desconforto aos participantes ou perturbar sua privacidade. Caso o participante venha a sentir algum desconforto, a mesma será interrompida imediatamente, sendo que a pesquisadora estará preparada para minimizar de forma a contornar o risco. Ou então, caso seja necessário, o escolar será encaminhado para os serviços de apoio psicológico existentes na cidade de José de Freitas.

Benefícios: Quanto aos benefícios, esta pesquisa permitirá identificar a existência de comportamentos de bullying em adolescentes escolares e desta forma, contribuirá para que a gestão educacional do município de José de Freitas possa executar intervenções que possibilitem minimizar a violência no contexto escolar.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa relevante.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos de apresentação foram anexados.

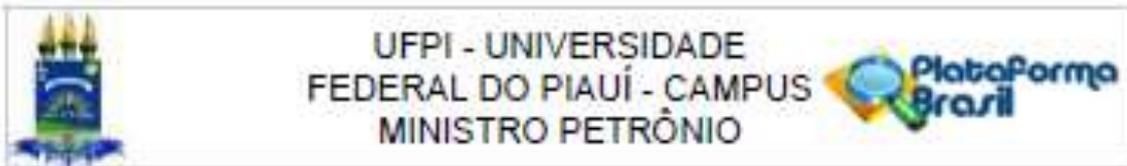
Recomendações:

Nenhuma.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Projeto aprovado e apto a ser desenvolvido.

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella - Pró-Reitoria de Pesquisa
Bairro: Ininga CEP: 84.049-550
UF: PI Município: TERESINA
Telefone: (86)3237-2332 Fax: (86)3237-2332 E-mail: cep.ufpi@ufpi.edu.br



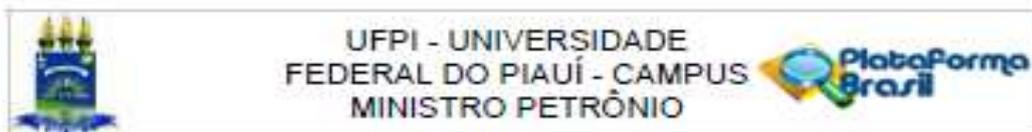
Continuação do Parecer 2.763.962

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1165890.pdf	03/07/2018 13:02:39		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_CEP.pdf	03/07/2018 13:01:13	KAREN MARIA RODRIGUES DA COSTA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE.pdf	03/07/2018 12:56:51	KAREN MARIA RODRIGUES DA COSTA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	03/07/2018 12:55:43	KAREN MARIA RODRIGUES DA COSTA	Aceito
Outros	DOCUMENTO.pdf	26/06/2018 12:33:50	KAREN MARIA RODRIGUES DA COSTA	Aceito
Outros	INSTRUMENTO_DE_COLETA_DE_DADOS.pdf	26/06/2018 12:25:03	KAREN MARIA RODRIGUES DA COSTA	Aceito
Outros	TERMO_DE_CONFIDENCIALIDADE.pdf	26/06/2018 12:24:02	KAREN MARIA RODRIGUES DA COSTA	Aceito
Outros	AUTORIZACAO_SEMEC.pdf	26/06/2018 12:23:04	KAREN MARIA RODRIGUES DA COSTA	Aceito
Outros	AUTORIZACAO_SEDUC.pdf	26/06/2018 12:22:25	KAREN MARIA RODRIGUES DA COSTA	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	26/06/2018 12:21:15	KAREN MARIA RODRIGUES DA COSTA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	DECLARACAO_DOS_PESQUISADORES.pdf	26/06/2018 12:20:51	KAREN MARIA RODRIGUES DA COSTA	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	26/06/2018 12:17:51	KAREN MARIA RODRIGUES DA COSTA	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto_cep.pdf	26/06/2018 12:17:17	KAREN MARIA RODRIGUES DA COSTA	Aceito

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella - Pró-Reitoria de Pesquisa
 Bairro: Ininga CEP: 64.049-555
 UF: PI Município: TERESINA
 Telefone: (88)3237-2332 Fax: (88)3237-2332 E-mail: cep.ufpi@ufpi.edu.br



Continuação do Parecer: 2.763.992

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

TERESINA, 10 de Julho de 2018

Assinado por:
Herbert de Sousa Barbosa
(Coordenador)

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella - Pr5-Reitoria de Pesquisa
Bairro: Ininga CEP: 64.069-550
UF: PI Município: TERESINA
Telefone: (86)3237-2332 Fax: (86)3237-2332 E-mail: cep.ufpi@ufpi.edu.br